



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MAURICIA PAZ AGUIAR

MULHERES, ESPORTE E SAÚDE MENTAL: relato da vivência das atletas do
levantamento de peso olímpico acerca das repercussões da pandemia

São Luís

2023

MAURICIA PAZ AGUIAR

MULHERES, ESPORTE E SAÚDE MENTAL: relato da vivência das atletas do
levantamento de peso olímpico acerca das repercussões da pandemia

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Psicologia pelo
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cristianne Almeida Carvalho

São Luís

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Aguiar, Maurícia paz.

Mulheres, esporte e saúde mental : Relato da vivência das atletas do levantamento de peso olímpico acerca das repercussões da pandemia / Maurícia paz Aguiar. - 2023.
96 p.

Orientador(a): Cristianne almeida Carvalho.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. Mulheres atletas. 2. Saúde mental. 3. Covid-19.
4. Psicologia do esporte. 5. . I. Carvalho, Cristianne almeida. II. Título.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001”.

MAURICIA PAZ AGUIAR

**MULHERES, ESPORTE E SAÚDE MENTAL: relato da vivência de atletas do
levantamento de peso olímpico acerca das repercussões da pandemia**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Psicologia pelo
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cristianne Almeida Carvalho

Examinado em: 18/05/2023

Banca Examinadora:

Prof^ª Dr^ª Cristianne Almeida Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª Dr^ª Juliana Aparecida de Oliveira Camilo (Banca examinadora)
Universidade Federal da Bahia

Prof^ª Dr^ª Dayse Marinho Martins (Banca examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª Dr^ª Rosinete de Jesus Silva Ferreira (Banca examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

São Luís

2023

Dedico este trabalho às mulheres que me rodeiam, a força de vocês que ampara o meu caminhar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela firmeza no meu passo, pois sem Ele conduzindo o meu caminhar, nada seria possível. Aos meus Orixás que me fortalecem, me guiando e protegendo a todo momento.

Ao meu marido, Italo Fernandes, que em toda a sua paciência caminha ao meu lado, sempre me apoiando e acreditando naquilo que eu faço. Obrigada, tua companhia me fortifica, vencemos mais uma etapa.

Agradeço aos meus filhos, Alexandre e Athena, ele por me mostrar que sonhar é bom, mas ir atrás daquilo que se deseja é muito melhor e, a ela, por revelar que a vida é uma grata surpresa, a gente tem que estar de coração aberto para vivê-la da melhor forma. Continuo aprendendo com vocês, meus amores.

Aos meus filhotes felinos, Pinho e Mico, pelos ronrons e pãozinhos nos momentos de angústia, o cuidado comigo é constante.

À minha mãe, Ivonet, e as minhas irmãs: Narjarah, Ruth e Thayse. A força que carrego comigo foi forjada junto a vocês, cada passo que eu dou só é possível porque o caminho é pavimentado por nossas histórias.

Aos meus amigos, Ruan e Samiris, há mais de uma década de amizade. Samiris é fortaleza, com sua delicadeza e força, sempre cuidadosa e inspiradora. Ruan, silencioso e enigmático, mesmo sem palavras comunica aquilo que eu preciso, teu apoio me fortifica e tua calma me dá clareza.

Ao meu grupo de amigos e vizinhos “Família Taroa”, que foram imprescindíveis para fortalecer-me com momentos divertidos, vinhos e cuidados durante essa jornada. Em especial aos meus amigos, Aline e Isaac, que grata surpresa a vida me deu com a amizade de vocês, obrigada pelo suporte e carinho, nos pequenos gestos e na presença contínua.

A minha orientadora pela sua dedicação, apoio e por acreditar no meu trabalho, foram alguns perrengues, agradeço pelos ensinamentos. Não foi fácil, mas conseguimos chegar ao final.

A prof. Emília Álvares por ter se disponibilizado a supervisão do Estágio docente, e que muito contribui para que meu desejo à docência se fortalecesse.

À pai Leandro, a D. Mariana e a S. Dominginhos, agradeço a sabedoria e suporte que vocês me dão, vocês são pilares na construção da minha crença. Agradeço também aos irmãos da casa, por me receberem e me ensinarem tanto.

A minha analista, Caroline Torres, pela ética e espaço para me escutar.

Gostaria de agradecer a presença nesses anos dos colegas da Turma de Mestrado 2020, não tivemos oportunidade de estarmos juntos e criarmos laços em sala de aula, mas fico feliz de termos sido presença contínua, mesmo por telas, e, termos lutado juntos por nossos direitos durante a pandemia.

Agradeço a gentileza das entrevistadas desta pesquisa, que se dispuseram a participar e doar um pouco de tempo para contribuir nesse trabalho com os seus relatos.

Agradeço também, a Coordenação, corpo docente e técnicos do PPGPSI/UFMA.

Por fim, agradeço aos que não estão aqui nomeados, mas que contribuíram de alguma forma nessa caminhada.

“A formação de uma consciência de grupo de mulheres deve ocorrer ao longo de diferentes linhas. [...] A falta de consciência da própria história de luta e conquista é uma das principais formas de manter as mulheres subordinadas”.

Gerda Lerner

RESUMO

Em nossa sociedade ainda predomina o discurso masculino, mesmo que as mulheres tenham passado historicamente por mudanças socioculturais e direitos tenham sido conquistados; algumas transformações sociais se fazem necessárias para haja equidade de gênero. A inserção da mulher nas esferas sociais tem ocorrido marcada por desigualdades. No campo esportivo não é diferente. O discurso hegemônico masculino demarca um lugar de privilégio e incide na estrutura política e social restritiva nas diversas modalidades esportivas. No que tange à saúde, em especial a saúde mental, é um tema presente no esporte, no entanto, pouco discutido entre atletas, dirigentes e mídias até a pandemia de Covid-19. Como objetivo desta pesquisa, analisou-se a percepção das mulheres atletas profissionais do Levantamento de Peso Olímpico (LPO) no Maranhão e as repercussões da pandemia da Covid-19 em sua prática esportiva e sua saúde mental. Em relação aos objetivos específicos consideramos: a) levantar as contribuições da Psicologia do Esporte em relação aos fenômenos psicossociais que permeiam a prática esportiva e a saúde mental das atletas profissionais a partir do contexto da pandemia da Covid-19; b) investigar as percepções das atletas profissionais do Levantamento de Peso e as repercussões da pandemia da Covid-19 na sua performance esportiva e saúde mental; e c) identificar estratégias de mediação ou enfrentamento criadas pelas atletas profissionais, do LPO, no período pandêmico. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratório e descritiva, fundamentada numa Revisão de Literatura, com perspectiva histórica, apoiado no método historiográfico, onde, alicerçado no método fenomenológico proposto por Giorgi e Sousa, analisaram-se as narrativas das participantes, mulheres atletas profissionais do LPO, vinculadas à Federação esportiva da modalidade. Utilizou-se como instrumento um roteiro de perguntas e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Dentre os resultados, quanto aos fenômenos revelados nos relatos das participantes, destacam-se as repercussões da pandemia em sua prática esportiva, tais como a vulnerabilidade financeira, devido à suspensão de seus treinos e competições; impactos psicológicos acerca das implicações que o distanciamento social repercutiu em suas vidas; o benefício à saúde física e mental, com a continuidade de treinamento, realizados em menor frequência e com estratégias caseiras; a importância do acompanhamento psicológico no âmbito esportivo, considerando-se os impactos psicológicos advindos com a pandemia da Covid-19, a sobrecarga nas relações de cuidado com seus lares e filho; e o preconceito presente na modalidade acerca de seus corpos e da prática esportiva dessa modalidade. Esta pesquisa buscou contribuir com discussões que poderão ser úteis à prática do psicólogo do esporte, bem como a questões relacionadas à área da Psicologia do Trabalho, com elementos pertinentes para colaborar com futuras pesquisas, que entendemos serem de extrema importância não só para os campos de atuação referidos, mas também para a Psicologia de maneira geral.

Palavras-chave: Mulheres atletas; Saúde mental; Covid-19; Psicologia do esporte.

ABSTRACT

In our society, male discourse still predominates, even though women have historically gone through sociocultural changes and rights have been conquered; some social transformations are necessary for gender equality. The insertion of women in social spheres has been marked by inequalities. In the sports field it is no different. The male hegemonic discourse demarcates a place of privilege and affects the restrictive political and social structure in the various sports. With regard to health, especially mental health, it is a topic present in sport, however, little discussed among athletes, managers and media until the Covid-19 pandemic. The objective of this research was to analyze the perception of professional women athletes in Olympic Weightlifting (LPO) in Maranhão and the repercussions of the Covid-19 pandemic on their sports practice and their mental health. In relation to the specific objectives, we consider: a) to raise the contributions of Sport Psychology in relation to the psychosocial phenomena that permeate sports practice and the mental health of professional athletes from the context of the Covid-19 pandemic; b) investigate the perceptions of professional weightlifting athletes and the repercussions of the Covid-19 pandemic on their sports performance and mental health; and c) identify mediation or coping strategies created by professional athletes, from the LPO, in the pandemic period. It was an exploratory and descriptive qualitative research, based on a Literature Review, with a historical perspective, supported by the historiographical method, where, based on the phenomenological method proposed by Giorgi and Sousa, the narratives of the participants were analyzed, women's professional athletes from the LPO, linked to the sport's Sports Federation. A script of questions and the Term of Free and Informed Consent were used as an instrument. Among the results, regarding the phenomena revealed in the participants' reports, the repercussions of the pandemic on their sports practice stand out, such as financial vulnerability, due to the suspension of their training and competitions; psychological impacts on the implications that social distancing has had on their lives; the benefit to physical and mental health, with the continuity of training, performed less frequently and with home strategies; the importance of psychological follow-up in sports, considering the psychological impacts arising from the Covid-19 pandemic, the overload in care relationships with their homes and children; and the prejudice present in the modality about their bodies and the sporting practice of this modality. This research sought to contribute with discussions that could be useful to the practice of the sport psychologist, as well as to questions related to the area of Work Psychology, with pertinent elements to collaborate with future researches, which we understand to be of extreme importance not only for the fields of mentioned performance, but also for Psychology in general.

Keywords: Women athletes; Mental Health; Covid-19; Sport Psychology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Notícia sobre a presença feminina no Velódromo maranhense.....	24
Figura 2- Marcos na participação das Atletas Olímpicas	25
Figura 3 - Distribuição por gênero da participação de Atletas Olímpicos Brasileiros	26
Figura 4 - Equipes femininas de futebol: Ateniense (à esquerda) e Aurora (à direita).	28
Figura 5- Notícia de disputas esportivas de equipes femininas de vôlei e basquete	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Divisão de Categorias no Levantamento de Peso Olímpico	31
Quadro 2– Ilustração dos passos de Giorgi e Sousa (2010)	59
Quadro 3– Eixos e suas unidades de significado.....	60

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CND	Conselho Nacional de Desportos
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONSEP	Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação
COVID	(Co)rona (Vi)rus (D)isease
CRP	Conselho Regional de Psicologia
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CBLP	Confederação Brasileira de Levantamento de Pesos
FELPMA	Federação Esportiva de Levantamento de Peso do Maranhão
GEHPE	Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicologia, História e Esporte
IWF	<i>International Weightlifting Federation</i>
JO	Jogos Olímpicos
LPO	Levantamento de Peso Olímpico
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Travestis, Queer, Intersexo, assexual e + demais orientações sexuais e identidades de gênero
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PDPG	Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação
PE	Psicologia do Esporte e do Exercício
PPGPSI	Programa de Pós-Graduação em Psicologia
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	MULHERES E ESPORTE.....	20
2.1	Trajetória Feminina no Esporte.....	20
2.1.1	Levantamento de Peso Olímpico: conhecendo sua história.....	29
2.2	Profissionalização do esporte.....	33
2.3	Corpo e atleta.....	36
2.3.1	Representações do corpo feminino.....	36
2.3.2	Mulher e esporte: resistência como possibilidade de existência.....	39
3	ESPORTE E SAÚDE MENTAL.....	45
3.1	Psicologia do Esporte e do Exercício e Saúde Mental.....	45
3.2	Práticas Esportivas, Performance e a Pandemia da Covid-19.....	48
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	52
4.1	Participantes.....	54
4.1.1	Local da Pesquisa.....	54
4.1.2	Critérios de inclusão e exclusão das participantes.....	55
4.1.3	Caracterização das participantes	56
4.1.4	Instrumentos e Procedimentos.....	56
4.1.5	Método de análise de entrevistas.....	57
5	RELATO DA VIVÊNCIA DE MULHERES ATLETAS DO LEVANTAMENTO DE PESO NA PANDEMIA DA COVID-19.....	62
5.1	Vulnerabilidade financeira de atletas profissionais.....	63
5.2	Impactos psicológicos e pandemia.....	66
5.3	Treino durante a pandemia – benefícios na saúde física e mental.....	70
5.4	Acompanhamento psicológico no esporte.....	74
5.5	Relações de cuidado e maternidade.....	76
5.6	Preconceitos.....	78
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
	REFERÊNCIAS.....	84
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	95
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	96

1 INTRODUÇÃO

Os exercícios físicos se inseriram, como disciplina corporal, no fim do séc. XIX, recomendados inicialmente no ambiente escolar, local onde o esporte encontrou ambiente propício para desenvolver-se. De acordo com Goellner (1999), a movimentação do corpo é projeto político para a manutenção dos corpos através de práticas de recreação e esporte, encorajados na disciplina corporal fundamentada para o exercício laboral e produtivo.

Na Europa, entre o fim do séc. XVIII e a primeira metade do séc. XIX, com as transformações industriais e outros agentes, a sociedade atravessava por mudanças que foram pano de fundo para estabelecer-se o esporte moderno, no modelo como temos hoje, que não deve ser confundido com antigos costumes e atividades físicas realizadas para a manutenção da vida, como a corrida na caça. Inicialmente, o esporte servia a classe abastada como forma de disciplinamento e lazer; e posteriormente a classe operária, como conexão entre os funcionários das fábricas (CAPRARO, 2009).

Para além da prática corpórea, o esporte moderno pode “[...] ser compreendido como discurso e prática, realidade e ficção, ética e estética, campo com relativa autonomia, mercado de consumo, indústria cultural, manifestação latente de cultura, estudo de caso ou modelo estrutural” (CAPRARO, 2009, p. 25). Vale ressaltar que se apresenta aqui um viés eurocentrista da literatura pesquisada e que outras realidades sociais e culturais podem acrescentar configurações diferenciadas.

Conforme Proni (2002), o esporte como fenômeno social se expressa no Brasil nos Clubes Sociais, quando competições amadoras surgiram com o clima trazido da Europa por estudantes que lá tiveram contato, a exemplo do futebol. Entretanto, esse era um ambiente da elite segregante, em que era restrita a participação feminina nas práticas cotidianas e, inicialmente, as mulheres se inseriam como espectadoras que acompanhavam os jogos.

As práticas sociais estavam enviesadas pelas relações de gênero, produzindo e sendo produzidas por indivíduos marcados por diversos atravessamentos (LOURO, 2007). As questões de gênero têm permeado a trajetória feminina, não somente no esporte, mas em todas as relações e espaços que as mulheres ocupam na sociedade; conseqüentemente, a escassez de reconhecimento e a invisibilidade são atributos que trespasam os papéis sociais femininos, incluindo seu lugar enquanto atletas no esporte.

Visto que em nossa sociedade predomina o discurso masculino, ainda que os lugares ocupados pelas mulheres venham passando historicamente por mudanças socioculturais e

direitos tenham sido conquistados, algumas transformações sociais ainda são necessárias para que a disparidade entre os gêneros diminua e haja equidade de gênero. Para Louro (2007), no que se refere ao cotidiano feminino, seja na esfera pública seja no particular de suas vidas, ele é marcado pela construção histórica do gênero.

Nesse pensamento, as políticas relacionadas ao gênero devem discorrer para o abarcamento da diversidade de composições (MELO; THOMÉ, 2018). Haja vista que variados grupos sociais demandam soluções diferentes, pois há particularidades a serem respeitadas em cada um. No campo esportivo, assim como nas demais esferas sociais, o discurso hegemônico masculino marca o lugar de cada pessoa, inclusive, incide na divisão sexual que ocorre nas diversas modalidades esportivas. Pois, assim como em diversos espaços sociais, o esporte também é permeado pelos discursos e as práticas sociais hostis direcionados às mulheres.

Como referido, por mais que muitas mudanças já venham ocorrendo para inclusão das mulheres no esporte, ainda se percebe uma problemática no cenário do esporte moderno e contemporâneo quando se identificam restrições e diferenças significativas no tratamento da mulher atleta, se comparadas aos homens. Considerando-se o contexto pandêmico, observa-se que outras dificuldades surgiram a partir do isolamento e distanciamento social, afastando as atletas de suas rotinas de treinos e competições, acrescentando responsabilidades e demandas em seu ambiente familiar.

No que tange à saúde, em especial a saúde mental, as consequências da pandemia para atletas profissionais se refletem na sua prática esportiva e/ou na vida pessoal, nas perdas financeiras e emocionais com a suspensão das competições e eventos esportivos e as dificuldades de manter seu nível de condicionamento físico e performance longe dos treinos. (MATIAS; DOMINSK; MARKS, 2020; CHEN *et al.*, 2020; CAMILO; RAUCCI; FURTADO, 2022; PELLINO *et al.* 2022). Somando-se a esse cenário as demandas familiares imbuídas às mulheres, incluindo-se as atletas, acrescentam-se os cuidados com o lar e/ou com seus filhos.

Considerando que na nossa sociedade a saúde mental é um assunto tabu, muitas vezes censurado ou omitido dentro das práticas esportivas de alto rendimento, pois a figura do atleta está sempre vinculada à imagem de saúde, assumir problemas psicológicos não faz parte do perfil esperado de um atleta de alto rendimento. No entanto, tal dificuldade em evidenciar e tratar dessas demandas não impede que eles estejam expostos e vulneráveis, se considerarmos o alto nível de exigência e as cobranças por resultados presentes no alto desempenho.

Tendo em vista esse cenário, que não seleciona o gênero, o foco nesta pesquisa se direciona a discutir sobre a discriminação das mulheres no esporte como um problema social visível e em algumas modalidades esportivas de forma mais acentuada, como no Levantamento

de Peso, somado à restrição social gerada pela pandemia e a necessidade de um convívio maior em casa e com a família.

Assim, alguns questionamentos se fizeram pertinentes: como, historicamente, se construiu a inserção feminina no esporte de alto rendimento, em particular, nos Jogos Olímpicos? Como a pandemia da Covid-19 afetou a rotina das atletas? Quais estratégias foram criadas para conciliar os papéis de mulher e atleta? Como as atletas perceberam os efeitos da pandemia em suas práticas esportivas e na sua saúde mental? Dessa maneira, analisamos, como objetivo geral desta pesquisa, a percepção das mulheres atletas profissionais do Levantamento de Peso Olímpico (LPO) no Maranhão e as repercussões da pandemia da Covid-19 em sua prática esportiva e sua saúde mental.

Quanto aos objetivos específicos consideramos: a) levantar as contribuições da Psicologia do Esporte em relação aos fenômenos psicossociais que permeiam a prática esportiva e a saúde mental das atletas profissionais do Levantamento de Peso, a partir do contexto da pandemia da Covid-19; b) investigar as percepções das atletas profissionais do Levantamento de Peso e as repercussões da pandemia da Covid-19 na sua performance esportiva e saúde mental; e c) identificar estratégias de mediação ou enfrentamento criadas pelas atletas profissionais, do LPO, no período pandêmico.

Como mulher e mestrandia, acredito na importância de não apenas ocupar espaços, antes dominados pelos homens, mas também empreender estudos relacionados às mulheres, em específico à História das Mulheres, que em conjunto com a pesquisa de campo permitem realizar a interlocução das memórias históricas e as narrativas atuais, oportunizando o resgate daquilo que pavimentou o caminho para que hoje possamos trilhá-lo. Enquanto esportista, perceber a prática esportiva como benéfica à saúde física e mental.

Ademais, empreender estudos que relacionem a subjetividade feminina, nos diversos espaços, poderá favorecer reflexões sobre os papéis sociais que as mulheres exercem, possibilitando mudanças e transformações necessárias para o enfrentamento das dificuldades ainda existentes para elas como no ambiente esportivo, onde ainda prevalecem os privilégios masculinos, bem como seus feitos e marcas alcançadas, afetando a inserção e legitimação do contingente feminino neste meio. Mesmo com esses empecilhos por discriminações e preconceitos as mulheres resistem e demonstram sua força, não só a potência de seus corpos.

O interesse em estudar esse tema se deu, também, pela interlocução da Psicologia do Esporte dedicada ao estudo e ao cuidado no contexto da prática esportiva e do exercício, considerando-se as implicações da pandemia da Covid-19 para a saúde mental. Compreender esses fenômenos pode gerar benefícios para a atuação de psicólogos e de outros profissionais

da saúde e do esporte, bem como proporcionar um olhar mais cuidadoso com as demandas físicas e mentais das atletas de Levantamento de Peso Olímpico.

No que concerne à relevância acadêmica e social, a presente dissertação tem em vista contribuir com reflexões e atividades acadêmicas junto aos alunos e profissionais da área da saúde que também fazem parte desse cenário, viabilizando produções científicas e transformações que possibilitem a promoção da saúde mental aos atletas e um maior conhecimento da sociedade pelo tema; além disso, fomentar e fornecer subsídios para possíveis intervenções profissionais que atuam na interface Psicologia e Esporte e outros estudos sobre a temática.

Há diminutas discussões de pesquisas brasileiras, acerca dos impactos da infecção Covid 19, no desempenho das atletas, bem como as implicações na prática profissional de atletas, incluindo um recorte generificado e o comprometimento à sua saúde mental. Assim, a importância em estudar tal temática, a partir de relatos de vivências, resulta, também, na possibilidade de dar voz às atletas para compreender como se sentiram e reagiram durante a pandemia em sua vida pessoal e profissional.

Ressalte-se que este estudo foi contemplado pelo Edital nº 18/2020 do Programa de Desenvolvimento da Pós-graduação (PDPG), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹. Esta pesquisa vincula-se ainda ao Grupo de Estudo e Pesquisa História da Psicologia e Psicologia do esporte (GEHPE), inserido no diretório CAPES, e ao Projeto de Pesquisa em andamento, aprovado pela Resolução nº 2.593-CONSEPE, 13 de junho de 2022.

Expressamos também que a contemplação no referido edital da CAPES culminou na modificação da temática iniciada pela autora como proposta de pesquisa ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPSI/UFMA, devido à necessidade de inclusão ao eixo de discussões relacionadas a doenças infectocontagiosas, sendo essencial a inserção do recorte do momento pandêmico, com a Covid-19. O tema anterior intitulado: “Mulheres atletas e maternidade: uma relação (im)possível?”, objetivava analisar a percepção de mulheres atletas profissionais quanto ao significado da maternidade em relação a suas carreiras, contudo, consideramos que o enquadramento ao novo tema não excluiu a possibilidade de diálogo com o assunto, posto que poderia também comparecer como fenômenos existentes nas vivências de

¹ Edital nº 18/2020 – PDPG/CAPES - Apoio aos Programas, por meio da Consolidação de programas de Pós-Graduação da área de saúde por meio de ações e estratégias translacionais voltadas à prevenção, ao controle e promoção da saúde no âmbito das doenças infecciosas, nos quais esta pesquisa se insere por relacionar a temática de saúde mental e a Pandemia da Covid-19 com pesquisas relacionadas ao escopo do Edital.

mulheres atletas profissionais. Assim, procedemos com os estudos relacionados as repercussões da Covid-19 como objetivo da nova proposta de pesquisa.

A pesquisa aqui exposta divide-se em cinco capítulos, enunciando no primeiro, a Introdução, contextualizando o leitor acerca da temática, da justificativa e dos objetivos da pesquisa. Em seguida, o segundo capítulo, intitulado “Mulheres e Esporte”, traça um breve panorama histórico da inserção feminina no esporte no Brasil e no Maranhão, especificando o percurso do Levantamento de Peso Olímpico (LPO), a profissionalização do esporte, as relações de corpo e atleta na sociedade – representações e resistências.

O terceiro capítulo, nomeado “Esporte e Saúde Mental”, discorre sobre a relação entre esporte e saúde mental, as práticas esportivas em tempos de pandemia, bem como sobre a importância da Psicologia do Esporte, suas interfaces e diálogos com o tema proposto. O quarto capítulo ilustra o percurso metodológico, as vias percorridas na construção do corpus desta pesquisa de campo, apresentando o método de Giorgi e Sousa (2010) como alicerce para a análise do relato de vivência das participantes.

No quinto capítulo, dialoga-se acerca dos impactos da pandemia na saúde mental das atletas, a partir das entrevistas com as participantes, tendo por base suas narrativas. E a última seção versa sobre as considerações finais tecidas a partir dos fenômenos e as discussões originárias deles, incluindo-se a literatura sobre o tema, aproximações e divergências.

2 MULHERES E ESPORTE

“Na língua portuguesa o substantivo atleta não declina gênero. Isso pode levar a uma falsa suposição de equidade” (Kátia Rubio)².

Neste capítulo fazemos um recorte do percurso histórico empreendido pelas mulheres no âmbito do esporte, também às questões de gênero e suas implicações. Ressalte-se que esta pesquisa não tem por objetivo analisar os estudos de gênero, entretanto, tal temática atravessa a discussão da mulher em nossa sociedade, e no esporte não seria diferente.

2.1 Trajetória Feminina no Esporte

Mesmo marcadas por pressões socioculturais e científicas, as mulheres empreendem há séculos lutas para transpor os impedimentos que lhes têm sido impostos. A resistência norteia a trajetória das mulheres em existir numa sociedade que lhes relega a um lugar tido como inferior. Contudo, apesar disso, percebe-se que elas não se resignaram a esta condição de inferioridade, mas, sim, têm buscado apoderar-se dos ambientes para que possam alcançar a equidade de direitos.

O percurso feminino no esporte é repleto de obstáculos, mas permeado por muitas lutas, resultando em uma trajetória laureada por muitas conquistas. Para falar sobre essa trajetória se faz necessário contextualizar historicamente como transcorreu a presença feminina no âmbito esportivo, em particular, nos Jogos Olímpicos (JO). De acordo com Di Pierro (2007, p. 2):

O esporte não pode ser visto apenas como uma maneira de movimentar o corpo, ganhar formas esteticamente aceitáveis e melhorar a saúde física, ele deve ser lembrado também como um espaço onde se refletem valores culturais de cada sociedade na qual é praticado, reproduzindo seus sistemas hierárquicos e suas peculiaridades sociais.

Deste modo, atualmente em nossa sociedade ocidental o esporte figura não apenas como atividade física para manutenção da saúde, mas expressa contornos de “paixão nacional”, ao se referir a algumas modalidades, como é caso do futebol, ou ainda, fonte de socialização e inclusão, entretanto, “[...] bradamos estas afirmações, que generalizam possíveis benefícios da prática esportiva, sem questionar quem de fato, beneficia-se dela” (GARCIA; CRESPO 2020, p. 175). Sabe-se que o esporte movimenta financeiramente muitos setores e que não são os

² Trecho retirado de Rubio (2021, p. 15).

atletas a se beneficiar com a maior parte destes rendimentos. Contudo, o setor esportivo configura-se como possibilidade de trabalho, lazer e lugar de resistência.

A inserção da mulher no esporte ocorreu paulatinamente, marcada por restrições e desigualdades. O corpo humano, em sua versão feminina, era tratado como delicado e havia o temor ao comprometimento da capacidade reprodutiva; desta forma, esses anseios foram pilares sociais para a manutenção do ideal de família, do lugar das mulheres e de seus afazeres – a maternidade e o cuidado com o lar e da família, no campo privado e não a esfera pública, onde o esporte e outras atividades eram realizados e que ao homem competiria a subsistência familiar através do trabalho, circulando por esses espaços interditados às mulheres.

Dessa maneira: “Essa separação entre público e privado não pode ser identificada como algo inevitável ou natural, tendo sido construída conjuntamente com a definição das esferas sexuais e da delimitação de espaços para os sexos” (MATOS, 2003, p. 122).

Na Era Primitiva as mulheres eram aceitas somente nos rituais de caça; na Grécia Antiga (primeiros jogos olímpicos) era vedada a participação nos esportes e assistir aos jogos, tendo como justificativa a delicada fisiologia feminina como impedimento; na Era Medieval, as mulheres envolviam-se na prática de esportes com bolas, contudo, no séc. XVII, legislações às interditaram, não apenas na participação da prática esportiva como de vários outros direitos.

A presença das mulheres no ambiente esportivo na Era Moderna se iniciou no fim do séc. XVIII, como acompanhantes de seus maridos em eventos. O séc. XX trouxe não apenas a retomada dos Jogos Olímpicos (JO), como também a luta feminina para participar das modalidades esportivas (OLIVEIRA, CHEREM; TUBINO, 2008). Desta forma, percebe-se que a história da participação feminina no âmbito esportivo tem-se caracterizado por exclusões e impedimentos, mas também por enfrentamentos, como será percorrido mais adiante.

O maior evento esportivo mundial da Era Moderna, que congrega diversas modalidades esportivas e os 5 continentes, são os Jogos Olímpicos, que remontam na História Ocidental à Grécia Antiga, onde as origens desses jogos ilustravam a honra aos Deuses do Olimpo. Muitas são as versões, contudo o que há em comum entre elas é a proibição da participação feminina nesses eventos, mesmo como espectadoras.

O regulamento olímpico era bem claro quanto às mulheres nos Jogos: interdição, por motivos religiosos. As mulheres, casadas, solteiras e as jovens eram excluídas das provas, assim como de muitos momentos da vida pública, nem tampouco podiam assistir aos Jogos. A violação das regras era punida com a morte: as prevaricadoras eram atiradas do rochedo Típaion. Os Jogos eram interditados também aos não-gregos, estrangeiros, escravos e aos condenados (CRUZ; SILVA; GOMES, 2013, p. 71).

Mesmo com tal impeditivo, algumas narrativas remetem à participações em atividades esportivas, a exemplo de Kallipateira e Cyniska³. Outros relatos dão conta da existência dos Jogos de Hera, em homenagem à deusa do casamento e nascimento, caracterizado por uma prova curta de corrida. Outro evento que incluiu mulheres foi o de Esparta, marcado por uma corrida de mulheres na montanha (CRUZ; SILVA; GOMES, 2013). Relevante ressaltar que os jogos Heranos tinham motivação religiosa e eram marcados por características historicamente remetidas ao sexo feminino, como graça, delicadeza e embelezamento.

Na Europa, o esporte enquanto fenômeno “[...] se modernizou em torno dos anos de 1880, funcionando em escala local e nacional: de esporte amador das escolas particulares inglesas, tornou-se, a partir de 1885, proletarizado e profissionalizado” (GEBARA, 2002, p. 07). Esse processo originou-se na elite e posteriormente atingiu a massa trabalhadora.

Nesse processo de modernização do esporte, uma figura importante para os Jogos Olímpicos (JO) foi o Barão Pierre de Coubertin⁴, idealizador desse evento na Era Moderna, inculcado de ideologias e convicções sobre os exercícios físicos para o aprimoramento corporal e espiritual. À vista disso: “[...] A atividade física e o desporto eram vistos, pelo Barão, quase como uma nova religião. Todo o seu esforço, luta e entusiasmo atingiram o seu objetivo - a criação dos JO da Era Moderna” (CRUZ; SILVA; GOMES, 2013, p. 76).

Os JO da Era Moderna iniciaram-se em 1896, na Grécia, sem a participação de mulheres competindo, pois o Barão de Coubertin coadunava com o pensamento da incompatibilidade do corpo feminino, com a prática esportiva, contudo “[...] considerava interessante que as mulheres, enquanto esposas, apreciassem os prazeres desportivos dos maridos e, enquanto mães, orientassem a educação física dos seus filhos” (CRUZ; SILVA; GOMES, 2013, p. 77). Ainda para essas autoras:

Os Jogos Olímpicos contribuem de forma decisiva para que a competição desportiva seja considerada um ato viril por excelência e o desporto impõe-se não só como uma prática moderna, mas também como baluarte da afirmação masculina, a qual as mulheres não deviam sombrear (2013, p. 80).

³ Kallipateira, no ano de 440 a. C., foi treinadora de seu filho e com disfarce adentrou o local destinado às lutas, sendo descoberta ao comemorar a vitória; após esse fato, foi imposto aos treinadores participarem nus; Cyniska, nos anos 396 e 392 a. C, ganhou a prova de quadriga, visto que neste caso quem montava o cavalo na prova era um homem, mas o vencedor da prova era o dono do animal, e nesta circunstância poderia ser uma mulher (CRUZ; SILVA; GOMES, 2013).

⁴ Pierre de Fredy, o Barão de Coubertin (1863-1937), grande idealizador dos Jogos Olímpicos modernos “internacionalizou os JO ao defender que a sua realização não devia ficar confinada à Grécia e agregou ao desporto a ideia da paz. [...] no seu longo mandato (29 anos) à frente do Comité Olímpico Internacional (COI), Coubertin não concebia mulheres em competições onde participassem homens” (CRUZ; SILVA; GOMES, 2013, p. 77-78).

A expansão da atividade esportiva na sociedade europeia, mais precisamente Londres, no final do séc. XIX, foi, também, um ambiente possível para as mulheres socializarem e ocuparem o espaço público (GEBARA, 2002). De certo, a expansão exposta aqui não se aplica à prática esportiva feminina brasileira, contudo, esse fenômeno em si possibilitou o acompanhamento dessas atividades esportivas como espectadoras e posteriormente vindo a ser praticadas também.

Em notícias veiculadas em 1896, por exemplo, no Jornal Pacotilha (1881-1938), no Maranhão, expunham-se, já no século XIX, críticas contrárias aos costumes da prática esportiva de mulheres europeias, refletindo o pensamento na sociedade brasileira, conforme o recorte jornalístico a seguir:

Uma escriptora européa analysando as aspirações de mulher na actualidade, diz que ha algumas que devem pertencer ao terceiro sexo. Pertencem ao terceiro sexo, diz ella, as raparigas que, desde a mais tenra idade, abuzarão da *bicyclette*, do football, dos remos, do lawntennis e de outras recreações masculinas. [...] formam-se muito tarde e muito mal, são improprias para a maternidade [...] ellas se assemelham-se a vagos *éphebs* depressa desenvolvidos e para eccetuar essa semelhança ellas usão cabelos curtos, calças e colarinhos [...] (PACOTILHA, 1896, p. 02).

Percebe-se que, mesmo antes de uma prática feminina no esporte, o contundente pensamento de que o esporte não era atividade para mulheres, já era amplamente difundido na sociedade maranhense. Para Cidade e Rocha (2004), no séc. XIX, às mulheres só era permitido aquilo que era assentido socialmente, com grandes limitações para elas e foi através do esporte que o círculo social feminino pôde alargar-se.

Contudo, no fim do séc. XIX, lê-se, através da Figura 01, a seguir, em notícia divulgada pelo Jornal Pacotilha (1881-1938), que a permissão das mulheres em espaços públicos de eventos esportivos, no Maranhão, aconteceu através da presença feminina nas arquibancadas do Velódromo da capital maranhense, inicialmente, como espectadoras.

Figura 1 – Notícia sobre a presença feminina no Velódromo maranhense



Fonte: Jornal O Pacotilha (Ed. 206, 1900, p. 3)

Mesmo com a desaprovação do Barão de Coubertin, a inserção feminina ocorreu em 1900, em modalidades à margem do grande evento, no Tênis e Golf, as quais possuíam um caráter mais exibicionista do que competitivo. Ao longo dos ciclos olímpicos outras categorias foram inseridas durante o mandato [1896-1925] do Barão no Comitê Olímpico Internacional (COI), no entanto, não houve a inserção de provas de atletismo e modalidades coletivas para as mulheres. Como discorrido, os movimentos de exclusão e os obstáculos não impediram os encontros femininos. Alice Milliat⁵ é um exemplo expressivo, pois lutou ferozmente para as mulheres competirem em provas de atletismo.

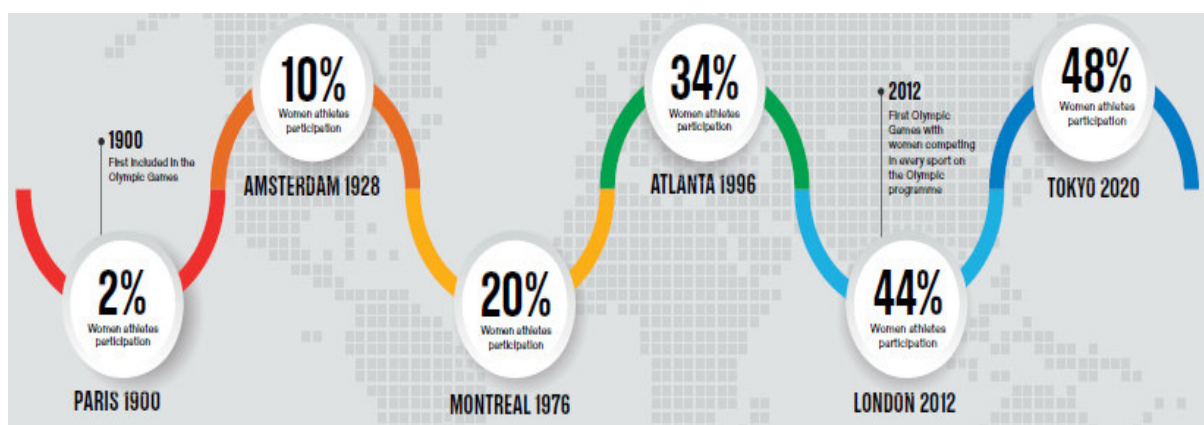
[...] As suas posições relativamente às mulheres foram perniciosas para a evolução do desporto feminino, mas motivo de ‘atos de rebeldia’ [...] A oposição do COI à participação feminina deixa de ser unânime a partir de 1920. Alguns dos seus membros entendiam que a presença das mulheres no desporto era o corolário de uma tendência emancipatória mais geral, ilustrada pela visibilidade das mulheres em setores como o trabalho, a educação e o lazer. Porém, no que se refere ao Atletismo a oposição mantinha-se. O caso do Atletismo é exemplar para ilustrar as dificuldades e lutas das mulheres pela igualdade de oportunidades no desporto (CRUZ; SILVA; GOMES, 2013, p. 79-80).

⁵ Alice Milliat (1884 - 1957), atleta francesa, fundou em 1921 a Federação Internacional de Desportiva Feminina, promovendo Jogos Mundiais para mulheres, pelos quais insurgiu contra a negativa de inclusão feminina em todas as competições olímpicas, especificamente nas provas de atletismo e modalidade coletivas. Somente nas Olimpíadas de Amsterdã (1928), as mulheres puderam competir em algumas provas de atletismo. Ao longo das edições seguintes o número de provas foi sendo adicionadas pouco a pouco. Foi nomeada “atleta do século” pela Federação Internacional de Atletismo (OLIVEIRA, CHEREM e TUBINO, 2008; CRUZ; SILVA; GOMES, 2013).

A inserção das mulheres no esporte não foi e ainda não é um caminho fácil, ao contrário, mantém-se repleto de impedimentos sociais e legais. Percebe-se que em função da negativa inicial do Barão de Coubertin, a participação feminina nos JO foi acanhada em suas edições iniciais, contudo, atualmente a realidade é outra quando vemos nas Olimpíadas de 2020 em Tóquio 48% de participação feminina e a inédita previsão de números igualitários nos Jogos Olímpicos de Paris, em 2024, propostos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).

De acordo com a Figura 2, a seguir, marcos da participação feminina nas Olimpíadas (Dados oficiais do COI) permitem observar a crescente incorporação feminina nos JO, todavia, há uma grande disparidade numérica entre a participação de mulheres e homens. (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008; CRUZ; SILVA; GOMES, 2013).

Figura 2 – Marcos na Participação das Atletas Olímpicas



Fonte: (COI, 2022, p. 7)

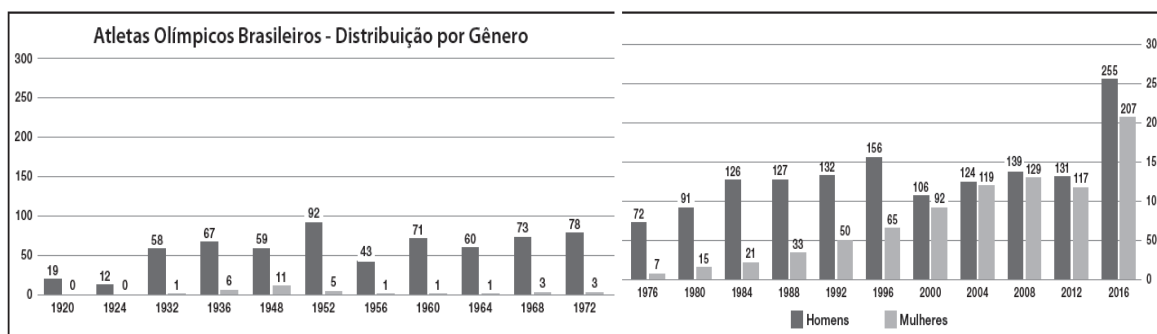
A prática esportiva feminina no Brasil remonta ao início do século XX, mais precisamente na década de 20, com papel importante das filhas de imigrantes, que já traziam consigo a prática de esportes da Europa (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008). Imagens em Periódicos de Educação Física (1932 - 1945) demonstram aparições de mulheres em espaços esportivos e as condutas de seus corpos e hábitos no esporte. Esse espaço, também, parametrizava a exibição dos corpos femininos frente a regulações dos modos femininos adequados de portar-se (GOELLNER, 1999).

Essa trajetória se mistura com a participação de mulheres brasileiras em Olimpíadas, pois a partir desse cenário a primeira mulher a representar o Brasil em JO foi Maria Lenk⁶, em

⁶ Maria Emma Hulga Lenk Zigler (1915 – 2007), filha de imigrantes alemães, participou de seu primeiro JO, em 1932 – Los Angeles, com apenas 17 anos. Introduziu o nado borboleta em JO, ao nadá-lo numa prova de estilo peito, em 1936 – Berlim, e é a única nadadora feminina a estar no International Swimming Hall of Fame, espaço

1932, na Olimpíada de Los Angeles. “[...] também a primeira mulher sul-americana a participar de uma Olimpíada [...] é importante registrar que a inserção feminina nas competições nacional e internacional foi fundamental para divulgação da imagem da mulher atleta (GOELLNER, 2004, p. 43).” Conforme a Figura 2, observamos a participação feminina brasileira nos JO.

Figura 3 - Distribuição por gênero da participação de Atletas Olímpicos Brasileiros



Fonte: Rubio (2021, p. 20)

No cenário esportivo brasileiro, as mulheres também passaram por exclusões na prática esportiva, assim como no contexto olímpico mundial. No Brasil, o Decreto Lei nº 3.199/41⁷ (BRASIL, 1941) estabeleceu em seu Art.54 que, para as mulheres, não se permitiria a prática de desportos que fossem incompatíveis com as condições de sua natureza. Todavia, em 1965, durante o Regime Militar, aprovou-se uma normativa mais dura pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), para especificar a proibição das práticas esportivas.

Deliberação Nº 7: Baixa instruções às entidades esportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres. Nº 1: às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação. Nº 2: Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, *rugby*, halterofilismo e *baseball* (BRASIL, 1965, n.p.).

Essa proibição deixou marcas na profissionalização do esporte feminino, a exemplo do halterofilismo (Levantamento de Peso Olímpico), mas em especial reframos o futebol, permeando o imaginário social com a expressão de que “futebol não é coisa de mulher”. Foi somente em 1979 que o Decreto Lei nº 3.199/41 (BRASIL, 1941) foi revogado e, apenas ao longo dos anos 80 as mulheres puderam oficialmente retornar à prática de algumas

dedicado ao reconhecimento e contribuição de indivíduos aos esportes aquáticos (OLIVEIRA, CHEREM e TUBINO, 2008).

⁷ Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941. Estabeleceu as bases de organização dos desportos no Brasil.

modalidades, sem estarem à margem. De acordo com Altman (2015), argumentos fisiológicos pautaram as restrições femininas nas competições esportivas. O corpo frágil e a preocupação com a reprodução feminina foram algumas dessas alegações.

Foi referido sobre a atuação oficial nos esportes antes interditados, a exemplo do futebol, pois, apesar da proibição, localizam-se em todo o Brasil esforços individuais e coletivos quanto a sua contínua prática. Dessa maneira, mulheres resistiram a esse decreto e encontraram formas de continuar a jogá-lo. Silva (2015) e Bonfim (2019) demonstraram em suas pesquisas a resistência feminina na prática do futebol em tempos de proibição, analisando os discursos jornalísticos da época. Como exemplo, colhemos menções ao futebol feminino como atração de circos, a prática recreativa em campos localizados em subúrbios e mesmo em clubes elitizados, contudo, a repressão sobre essas resistências se dava de maneira diferenciada, enquanto nos campos de várzea as mulheres eram mal vistas na imprensa e sociedade; nos clubes as partidas destinadas à caridade eram bem vistas.

No Maranhão, “início da década de 10, desaparece o hábito de repousar nos fins de semana, substituído pelas festas, corridas de cavalo, partidas de tênis, regatas, corso nas avenidas, matinês dançantes, e pelo futebol” (VAZ, 2003, n.p.). Para as mulheres maranhenses, nesse período, havia a prática da ginástica que fazia parte do currículo da Escola Normal.

O esporte fez parte da cena social maranhense desde o início do séc. XX, com o tênis de quadra e o ciclismo, assim como em outras capitais brasileiras. Também o retorno de homens filhos da burguesia brasileira que estudavam na Europa e voltavam para os seus lares abarrotados de conhecimento e novidades esportivas. Em São Luís, colhe-se o exemplo de Joaquim Moreira Alves dos Santos, conhecido como Nhozinho Santos⁸, que trouxe em sua bagagem equipamentos para a prática do futebol, em 1905, mesmo período em que Charles Muller chegou ao Rio de Janeiro. Não houve o acesso feminino imediato a essa modalidade, mas posteriormente iniciou-se a prática (VAZ, 2003; PIRES; CARVALHO, 2019).

⁸ Joaquim Moreira Alves dos Santos [1884-1951], conhecido como Nhozinho Santos, nasceu em São Luís, filho de empresário têxtil, da Fábrica Santa Isabel, estudou na Europa e em seu retorno à São Luís, trouxe equipagens de futebol, bem como as regras do esporte, formando na fábrica de sua família, os primeiros times de futebol da cidade, o Fabril Athletic Club (VAZ, 2003; PIRES; CARVALHO, 2019).

Figura 4 - Equipes femininas de futebol: Ateniense (à esquerda) e Aurora (à direita).

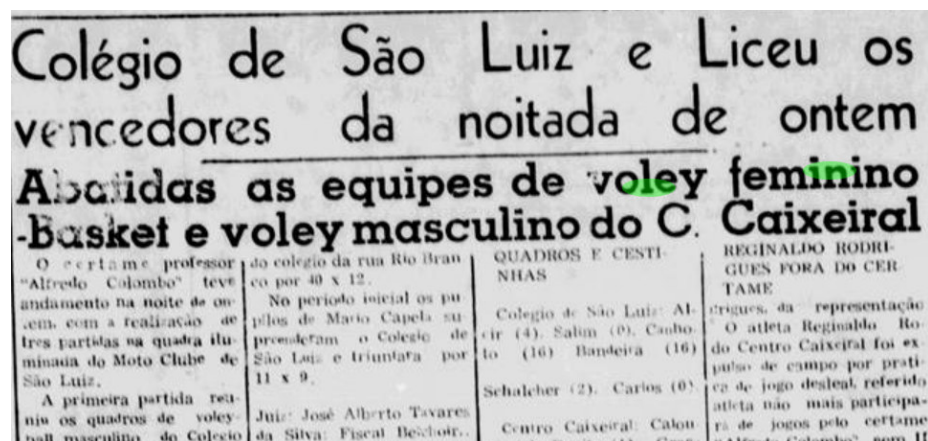


Fonte: Pacotilha: O Globo (MA) -1949-1962 [Ed. 0010, Ano 1961, p. 4]

De maneira similar aos já discorridos, encontramos recortes jornalísticos da imprensa maranhense⁹, conforme Figura 3, que demonstram a prática de jogos de futebol em prol de arrecadação de verbas para a Igreja, alternativa encontrada por mulheres para jogarem durante o período de proibição. Ressalte-se que na Figura 3 aparecem os dois times femininos de futebol que figuravam constantemente nas notícias, o Ateniense e o Aurora, ambos em São Luís - MA, com amplos comentários sobre seus jogos e da disputa acirrada entre as jogadoras no espetáculo realizado em estádio municipal “Nhozinho Santos”.

Acrescentem-se ainda notícias veiculadas, em 1960, em que as partidas femininas entre o Aurora e o Ateniense receberam apoio de nomes da sociedade maranhense, inclusive apoio da Federação Maranhense de Desporto. Também se localizou a prática amadora de esporte “permitidos”, como equipes de Voleibol e Basquetebol, em 1958, conforme a Figura 5, que disputavam constantemente as quadras maranhenses, principalmente em jogos escolares e universitários.

Figura 5 – Notícia de disputas esportivas de equipes femininas de vôlei e basquete.



Fonte: Pacotilha: O Globo (MA) -1949-1962 [Ed. 00225, Ano 1958, p. 3]

⁹ Notícia veiculada no Pacotilha: O Globo (MA) - 1949 a 1962, em 20 de dezembro de 1960, Edição 290, p. 3.

Atualmente o esporte feminino maranhense é atravessado pela falta de incentivos e patrocínios para a prática, bem como o desenvolvimento esportivo. Via de regra, carece da fomentação de recursos, reconhecimento social e divulgação nas mídias. As mulheres em geral, a depender da modalidade optada, a exemplo da Levantamento de Peso Olímpicos (LPO) modalidade escolhida nesta pesquisa, ainda sofrem com estereótipos e discriminações, o que também demanda, ainda hoje, constantes discussões acerca desses possíveis impeditivos para a prática esportiva em todas as categorias, desde a iniciação esportiva até o alto rendimento.

A seguir, abordaremos o Levantamento de Peso Olímpicos (LPO), para aprofundarmos a modalidade.

2.1.1 Levantamento de Peso Olímpico: conhecendo sua história

A prática de levantamento de peso remonta desde eras antigas. Entidades internacionais da modalidade presumem que há mais de três mil anos, nas civilizações gregas e egípcias, escravizados exibiam sua potência física levantando grandes pesos, demonstrando sua força para o trabalho. Além dos cativos, soldados também treinavam utilizando métodos semelhantes de levantamento de peso para aprimorarem sua força em combate, pois nesse período o principal armamento eram seus próprios corpos, já que nessa época não existiam ainda armamentos de fogo e os combates eram principalmente corpo a corpo com outros exércitos. O levantamento de peso olímpico (LPO) ou Halterofilismo é uma modalidade de esporte incluída desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos (JO) da Era Moderna (1896), inicialmente como elemento do atletismo (STONE *et al.*, 2006; MEZZADRI, 2016).

O esporte atual de levantamento de peso requer não apenas grande força, mas também força excepcional, velocidade de movimento e flexibilidade. O início do levantamento de peso moderno remonta a meados do século XIX, quando vários clubes dedicados ao levantamento de peso e treinamento de força geral começaram a surgir na Europa (STONE *et al.*, 2006, p. 51).

A partir dos JO de 1920, o levantamento de peso se tornou modalidade separada do atletismo. Inicialmente só os homens competiam em Olimpíadas, apenas nos jogos de 2000, em Sidney, foi que as mulheres puderam participar da competição, contudo a prática desse esporte já era realizada em campeonatos mundiais na modalidade feminina desde os anos 80 (STONE *et al.*, 2006).

No Brasil, a prática deste esporte se evidenciou na primeira metade do séc. XX, entretanto há indícios de que imigrantes europeus já realizavam o levantamento de peso como

parte complementar de seus treinamentos de luta e fisiculturismo. Os primeiros campeonatos ocorreram em 1904 e 1906, em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente. Um dos grandes incentivadores dessa prática no Brasil foi José Floriano Peixoto, filho do Marechal Floriano Peixoto (NEVES, 2012; MEZZADRI, 2016).

Nesse início de prática no país, a modalidade foi carregada de sentido educacional. Incentivado por uma política de doutrinação imposta por Getúlio Vargas, ela se juntou a uma série de outras intervenções desse governo populista para “civilizar” o homem brasileiro e aproximá-lo de um estilo de vida europeu. Apesar de todo este esforço, a modalidade ficava mesmo restrita ao círculo de imigrantes europeus, principalmente alemães, que não faziam questão de levá-la para outras esferas (MEZZADRI, 2016, n.p.).

Assim, observa-se que ao Levantamento de Peso Olímpico, inicialmente, foi atribuído caráter educativo, na disciplina corporal, com o pensamento eugenista e eurocêntrico da época. De acordo com Vaz (2013), no Maranhão, o levantamento de peso como prática individual, no Estado, remonta ao final do séc. XIX, com João Dunshee de Abranches Moura, que este em seu livro, *Memórias* (1938) retratava o seu treinamento com pesos (de maneira arcaica); outras menções, como a prática de levantamento de peso na ginástica escolar, foram também referidas pelo autor.

Na segunda metade do séc. XX, Edilson Penha Alves teria sido um dos nomes dessa prática esportiva em academias, tendo ele treinado no Rio de Janeiro, na academia Apolo (tradicional em treinos halterofilistas à época) e retornado ao Maranhão posteriormente, desenvolvendo a atividade e o treinamento em São Luís (VAZ, 2013).

Atualmente, o levantamento de Peso Olímpico (LPO) é uma das modalidades que compõem as Olimpíadas, como já citado, e tem por objetivo o maior levantamento de peso pelo atleta, sendo dividida em arranque (*snatch*) e arremesso (*clean and jerk*).

As competições dividem-se em duas provas diferentes: **Arranque** – consiste em levantar o peso do chão em um movimento único e sem pausa até acima da cabeça, mantendo os braços totalmente esticados e alinhados por dois segundos – e **Arremesso** – consiste em dois momentos, sendo o primeiro realizado com um movimento que levanta o peso até a altura do peito e outro que o suspende acima da cabeça, com braços alinhados e esticados por dois segundos. O vencedor é determinado após a soma dos pesos levantados nas duas provas, sendo que os levantamentos são avaliados por três árbitros e pelo menos dois deles devem considerá-los válidos. Cada atleta tem até três tentativas em cada prova para levantar o maior peso possível (MEZZADRI, 2016, n.p. grifo nosso).

De acordo com a *International Weightlifting Federation* (IWF, 2022), entidade que regulamenta o esporte mundialmente, a classificação dos atletas numa competição é definida

pelo maior peso levantado, e, em caso de empate, considera-se o número de tentativas de cada competidor para alcançar o maior peso erguido. Em relação à performance de atletas, leva-se em consideração o coeficiente *Sinclair*, que se trata de uma fórmula para comparar o peso corporal do atleta em relação ao peso levantado.

O LPO expõe benefícios relacionados ao emagrecimento, melhora no sistema cardiovascular, o aumento de força e potência física, dentre outros, podendo ser associado a outras esquemas de treinos, favorecendo não apenas os atletas do LPO, mas a comunidade geral que busca o fortalecimento muscular. Em relação à lesividade na prática do LPO, geralmente as lesões ocorrem pela execução errada de um exercício e/ou por falta de acompanhamento de um profissional capacitado (SILVA *et al.*, 2017).

A modalidade é dividida em categorias por idade: Juvenil - de 13 até 17 anos de idade; Júnior: de 15 a 20 anos de idade; Adulto: ≥ 15 anos de idade; Master: ≥ 35 anos de idade.) e peso (oito no masculino e sete no feminino), sempre considerando-se o ano de nascimento do atleta (IWF, 2022). A seguir, apresentamos o Quadro 1, com a divisão de categorias no levantamento de peso olímpico:

Quadro 1 – Divisão de Categorias no Levantamento de Peso Olímpico

Categorias			
Juvenil		Júnior e Adulto	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
49kg	40kg	55kg	45 kg
55kg	45kg	61 kg	49 kg
61kg	49kg	67 kg	55 kg
67kg	55kg	73 kg	59 kg
73kg	59kg	81 kg	64 kg
81kg	64kg	89 kg	71 kg
89kg	71kg	96 kg	76 kg
96kg	76kg	102 kg	81 kg
102kg	81kg	109 kg	87 kg
+102kg	+81kg	+109 kg	+87 kg

Fonte: (IWF, 2022)

Essas categorias, como já mencionado, são determinadas pela Federação Internacional de Levantamento de Pesos (IWF), e a cada ciclo olímpico são definidas aquelas que integrarão as disputas nos Jogos Olímpicos. Segundo Mezzadri (2016), sobre as categorias de peso estas “[...] alteraram-se muito ao longo das edições olímpicas. As justificativas para tais alterações, geralmente, se pautam no argumento da necessidade de uma maior atratividade do esporte e também na diminuição do número de casos de doping” (n.p.).

Atualmente, a Confederação Brasileira de Levantamento de Pesos (CBLP) segue a definição para o campeonato brasileiro adulto de 2023 a divisão das categorias por peso, no feminino (49 kg, 59 kg, 71kg, 81kg, +81 kg.) e no masculino (61 kg, 73 kg, 89kg, 102kg, +102 kg.), divisão convencionada em 2022 pela Federação Internacional (IWF) para as Olimpíadas de Paris 2024. A IWF regulamenta, ainda, as faixas de competição por idade: (Sub-17: de 13 até 17 anos de idade; Sub-20: de 15 a 20 anos de idade; Adulto: ≥ 15 anos de idade; Master: ≥ 35 anos de idade.).

Importante ressaltar que a primeira atleta brasileira a participar na modalidade do LPO em Olimpíadas foi Maria Elizabete Jorge (Categoria 48kg), em 2000, na Olimpíada de Sidney, e, em 2012, o Brasil foi representado pela atleta Jaqueline Ferreira (Categoria 75kg), que ficou em 8ª, mas após a constatação de *dopping* de outras competidoras, assumiu a 5ª colocação nesse evento.

Competições de levantamento de peso são comuns dentro de outras modalidades, a exemplo do *Crossfit*¹⁰, ademais, a criação do primeiro Centro de Treinamento específico em levantamento de peso olímpico maranhense ocorreu a partir de atletas que já ensinavam/praticavam a modalidade dentro do *Crossfit*. No Maranhão, a primeira competição oficial, ligada à Confederação Nacional, foi realizada em 2018 pela Federação Esportiva de Levantamento de Peso do Estado do Maranhão (FELPMA).

A FELPMA é presidida desde março de 2021 por uma mulher, Lucena Torres Marques. Esta em sua atual gestão desenvolve a modalidade no Estado com a realização de torneios, copas estaduais, workshops para técnicos, dentre outras atividades. No Campeonato brasileiro de 2022, a delegação maranhense contou com a participação de duas atletas no feminino (55kg e 71kg) e oito no masculino (61kg, 67kg, 73kg, 89kg, 96kg e 102kg). Atualmente, no Maranhão, atletas treinam, em alto rendimento e profissionalmente, nas diversas categorias apresentadas

¹⁰ O *crossfit* “[...] origina-se nos anos 1990, com Greg Glassman, ex-ginasta que utilizava, em sessões de treinamento, barras fixas, barras com pesos e o próprio peso corporal” (PRIVADO, 2022, p. 48). Compõe-se de exercícios aeróbicos, levantamento de peso olímpico, nutrição, dentre outras atividades, buscando o condicionamento de seus praticantes.

no Quadro 01 e já despontam no cenário brasileiro com atletas medalhistas nacionais. Nesse ano o campeonato do Nordeste será disputado em São Luís.

Em relação alto rendimento no esporte, é necessário dedicarmos, brevemente, uma reflexão na próxima seção sobre a profissionalização de atletas.

2.2 Profissionalização do esporte

Culturalmente, o endeusamento de atletas tem resquícios nos jogos antigos, contudo, apesar dessa idolatria, o trabalhador na esfera esportiva também se aliena e é subjetivamente capturado justamente por essa estrutura que o mitifica (MAIOR; MAIOR, 2020). Decerto que tratamos aqui de uma minoria de atletas profissionais que chega a esse patamar, pois a realidade é dura para a grande maioria que adentra o campo de trabalho no esporte. Muitos são eliminados nessa grande competição sustentada nas premissas do Capitalismo.

Pensando acerca dos esportes de alto rendimento e das competições olímpicas, a conversão do atleta amador ao profissional sucedeu de maneira diferenciada e desigual entre os diversos países. A categoria dos atletas em sua grande maioria emerge de classes socioeconomicamente desfavorecidas, e que precisam dedicar integralmente seu tempo aos treinos e competições; desta maneira, apresenta-se muitas vezes uma impossibilidade para exercer outra atividade, que seja remunerada. Logo, é através de patrocínios e, às vezes, de contratos com empresários e/ou entidades esportivas que estes atletas se mantêm praticando e competindo no ambiente esportivo (RUBIO; CAMILO, 2020).

No esporte, enquanto categoria de trabalho, as garantias trabalhistas são ainda menores que em outras categorias. No Brasil, “a atividade esportiva como profissão é um fenômeno recente, posto que a profissionalização no esporte, exceto para o futebol, em que isso já ocorria, só se tornou realidade a partir do início da década de 1980” (RUBIO; CAMILO, 2020, p. 45).

A profissionalização do esporte a partir de legislações e direitos garantidos está muito aquém de outras profissões, visto que a Lei nº 9.615¹¹, de 24 de março de 1998, estabeleceu a distinção do esporte: “de modo profissional, caracterizado pela remuneração pactuada em contrato formal de trabalho entre o atleta e a entidade de prática desportiva” (BRASIL, 1998). Contudo, não deixa evidenciado em seu texto as definições de competências da responsabilidade das entidades esportivas, muitas vezes privadas, possibilitando as relações de trabalho precárias, por falta de maiores definições.

¹¹ Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que instituiu normas gerais sobre o desporto e estabeleceu normativa sobre as práticas formais e não formais desportivas brasileiras.

[...] a melhoria das condições de trabalho e a desalienação do atleta profissional não se darão sem que estes se reconheçam como trabalhadores e se percebam como integrantes da mesma classe social das demais pessoas que, desprovidas dos meios de produção, dependem de sua força de trabalho para sobreviver e que, por isso mesmo, são denominadas trabalhadoras (MAIOR; MAIOR, 2020, p. 35).

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) designa o código 377 para determinar a ocupação profissional de atletas, desportistas e afins, e considera o subcódigo 3771 para atletas profissionais.

Os profissionais trabalham em clubes, agremiações esportivas, academias, órgãos da administração pública afetos aos esportes, no ensino etc. Não há regras comuns para todas as modalidades de esporte. Para obterem a profissionalização seguem, regras específicas das agremiações esportivas a que se vinculam, construindo, portanto, trajetórias rias diferenciadas, baseadas em diferentes combinações entre tempo de exercício do esporte, participação em jogos e eventos, premiações etc. A maioria trabalha como autônomo, em horários irregulares. Em algumas atividades, alguns profissionais podem estar submetidos a condições especiais de trabalho, como pressão psicológica, ruído intenso e altas temperaturas, bem como permanecer por longos períodos em posições desconfortáveis (BRASIL, 2010, 677-678).

O atleta profissional, embora não exerça uma atividade diretamente ligada à produção de mercadoria, está diretamente ligado aos grandes negócios que a ele se acoplam indissolivelmente. O atleta profissional, “[...] serve de instrumento para a enorme circulação de mercadorias em que se fundamenta o esporte competitivo na sociedade capitalista” (MAIOR; MAIOR, 2020, p. 25).

O fazer do atleta é comumente tratado como um passatempo ou uma atividade prazerosa, visto que ele está ali, jogando ou treinando, ocupando-se de algo que, no imaginário alheio, é tratado como hobby; leva-se a crer que o atleta é dono do seu próprio tempo, mesmo que tenha cronogramas e metas a atingir; ele serve a uma máquina maior que o capta a atender a suas próprias exigências e gerar lucro ao sistema capitalista.

Jost, Fernandes e Soboll (2014, p. 62) expressam que “[...] a história do desenvolvimento capitalista é, igualmente, a história da produção de um ‘perfil de trabalhador’, de um ‘ideal de homem’, de um modo de subjetivação hegemônico que corresponde aos interesses desse sistema de produção”. A própria mídia esportiva, que serve de tablado aos patrocinadores, ao exaltar a história deste ou daquele atleta, também fornece espaço para o posicionamento e a resistência de atletas frente às demandas que lhes são impostas.

O que ele [atleta] não pode é deixar de compreender o funcionamento da matriz a que pertence e sua capacidade de atuação e valor diante de toda a engrenagem. Conhecendo a sociedade e seus mecanismos articulares, o esportista pode fazer escolhas mais conscientes diante do que lhe é apresentado sem alienar-se (PEREIRA, 2019b, p. 42-43).

A imagem construída socialmente do empreendedor relega especificamente ao sujeito empreender atos notáveis e comportamentos que incidem sobre si mesmo, isto é, o peso e a responsabilização de seu sucesso ou seu fracasso (OLIVEIRA; MOITA; AQUINO, 2016). Observa-se que o comportamento imputado no ambiente esportivo aos atletas se assemelha às estratégias do empreendedorismo, o que precariza as relações de trabalho, por tratar-se de um espaço de vínculos de trabalho já fragilizados e que imputa ao atleta a responsabilidade individual de alcançar resultados, mesmo que, neste país, não haja incentivo e Políticas Públicas que o resguardem.

A captura da subjetividade do atleta, em prol do controle em seu trabalho, se expressa na exacerbação da competitividade, assim como nas organizações tradicionais de trabalho. Em modalidades individuais essa rivalidade é mais aparente, contudo, nas modalidades em equipe também há a cultura de disputar os holofotes, pois, em geral, os patrocinadores querem aqueles atletas que mais se destacam, e os atletas almejam este lugar.

Ressalte-se ainda que não são apenas os atletas profissionais que figuram nessa área como classe trabalhadora; há outros integrantes nesse espaço, a exemplo dos gestores, treinadores, árbitros, dentre outros que carecem do olhar da Psicologia do Esporte em interface com a Psicologia do Trabalho para visibilizar questões que melhorem suas condições de trabalho.

A prática esportiva feminina enquanto atividade profissional também é permeada de incongruências e disparidades salariais, em comparação com as modalidades masculinas, assim como em outros campos em que as mulheres exercem suas carreiras laborais.

O corpo da atleta é também seu instrumento de trabalho; em se tratando de ser mulher e optar pela maternidade, enfrentará desafios piores como ter que cancelar contratos, interromper sua carreira para exercer seu desejo de ser mãe. Logo, a escolha ou não da maternidade ou de outras questões de caráter corporal podem gerar exigências e modificações em seus corpos, assim como cobranças em relação ao seu desempenho.

2.3 Corpo e Atleta

Os padrões impostos socialmente que incorrem hoje no corpo da mulher, no que se refere à socialização feminina quanto aos seus papéis sociais e a validação de seu desempenho, se construíram historicamente. As narrativas sociais se alicerçaram numa diferença sexual, na supremacia de um sexo sobre o outro, e se instituíram nas concepções de gênero, em que, num dado momento da História serviu de justificativa para fomentar ideais de papéis que as mulheres deveriam ocupar (ZANELLO, 2018).

Pensando nessa perspectiva, Foucault (2014) demonstra a importância de observar o como essas relações de poder se instituem, pois é elementar que, para se pensar a construção da subjetividade feminina e o poder exercido sobre seus corpos, ponderemos sobre o trajeto em que se construiu esse pensamento de dominação.

Para Foucault (2014), além da família, outras instituições – a exemplo da escola, da Igreja – exercem essa disciplina através de dispositivos de poder que regulam as práticas, discursivas e disciplinares, de maneira estratégica no controle dos corpos.

A subjetividade feminina é construída em um processo que se delineia em um horizonte histórico e social, desde o nascimento, inicialmente no seio familiar, nos demais ambientes com o aprendizado de práticas sociais estabelecidas culturalmente como o modo de se sentar, de falar e de agir, as quais passam a compor os modos de subjetivação feminina e a domesticação de seus corpos.

2.3.1 Representações do corpo feminino

No esporte, assim como nos demais espaços, os mecanismos compulsórios sobre a conduta e controle dos corpos femininos também são disseminados. As configurações atuais acerca das modalidades em que as mulheres competem, como já citado, são frutos de luta e resistência feminina no âmbito esportivo.

Desse modo: “As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força, são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens e mulheres” (LOURO, 2019, p. 17). Esses variados atributos são, conseqüentemente, configurados transpassando cada sujeito de modo singular, entretanto, produzindo as performances socialmente desejadas.

Diversas perspectivas teóricas se debruçam a explicar o processo de subjetivação. Dentre estas, tome-se em consideração a perspectiva histórica de construção social, em que o

processo de subjetivação do sujeito é construído em meio a processos históricos - culturais. A maneira pela qual cada um constrói sua subjetividade perpassa o campo da sexualidade, o qual também é produzido através das relações de poder e dos dispositivos disciplinares. A subjetividade representaria, assim, algo que atravessa os dispositivos; seria, portanto, um efeito aos dispositivos de poder, derivando a construção individual de cada sujeito. (FOUCAULT, 2014).

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos (FOUCAULT, 2014, p. 235).

A construção da subjetividade, atende a inúmeros parâmetros atribuídos e combinados a outros fatores, como o gênero, a raça e a classe socioeconômica, situando o sujeito ao mesmo tempo em um pertencimento e uma exclusão, demarca lugares e papéis, contudo, há diferenças padronizadas estabelecidas na norma que são aceitáveis; as mulheres que ficam à margem são tidas como desviantes (LOURO, 2019).

A história das mulheres é anterior à discussão acerca de gênero. É permeada por opressões e discursos excludentes ao longo da História, com conceitos diversos circunscritos em seu corpo e estabelecendo o que seria uma mulher (PEREIRA, 2019a; ZANELLO, 2019). Concebe-se a partir dessas demarcações que as práticas que fundamentam o que é ser uma mulher e que esculpem o feminino num corpo não são inatas e dadas ao acaso, mas partem de construções que, a depender do tempo e do lugar, vão-se definir de maneiras diferentes.

De acordo com Lerner (2019), a captura da reprodução feminina seria um dos pontos principais de domínio dos corpos das mulheres e ocorreu antes mesmo do surgimento do Patriarcado e do Capitalismo, em civilizações da Antiguidade. Para Rubio (2021, p. 15) “O discurso eugenista e higienista, construído e referenciado na produção de conhecimento acadêmico, contribuiu para a construção social da atividade corporal para mulheres”.

Assim sendo, a partir dos discursos naturalizados pelos enunciados médicos, baseados nas diferenças sexuais e endossados pelo Estado e a Igreja¹², o corpo feminino foi apropriado e regulado preponderantemente para a reprodução, atendendo ao projeto de privatização desse em prol da sociedade (MATOS, 2003; ZANELLO, 2018; PEREIRA, 2019a). Infelizmente, desde as primeiras civilizações invadindo o pós-Modernismo a mulher é tida como um objeto (LERNER, 2019). O exemplo mais cruel dessa objetificação é o feminicídio.

¹² Tem em foco a Igreja Católica, por exemplo.

Por conseguinte, compreendendo que esses processos são compostos por estruturas que “[...] são social, cultural e historicamente construídos, pode-se perceber um movimento progressivo de privatização do espaço, que estaria ocorrendo concomitantemente com o fortalecimento do Estado e o processo de urbanização” (MATOS, 2003, p. 122). O corpo feminino era, assim, tido como delicado, dócil e indefeso, necessitando ocupar o espaço privado e se ocupar com os cuidados com a prole, em prol do progresso social.

Fragilidade e docilidade eram, em grande parte, apregoadas a uma parcela de mulheres socialmente abastadas. As demais, de classe trabalhadora, sequer eram poupadas de trabalhar duramente nas fábricas, contudo, mesmo a essa parcela preterida, as demais práticas femininas hegemônicas normatizavam o seu lugar secundário na sociedade (ADELMAN, 2003).

Destarte, a constituição da subjetividade feminina parte de um pensamento de desigualdade, estrutura-se nas noções corporais do que é um corpo masculino, e a partir daí configura-se na ideia de um corpo que se supõe na negação (GOELLNER, 2016; PEREIRA, 2019a).

Sabe-se que os corpos dispõem constituições biológicas diferentes, contudo o que se salienta aqui, a partir da lógica binária, seria a noção hierárquica de que, por ser dissemelhante ao homem, o corpo feminino seria inferior. “Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma marca definidora da identidade” (LOURO, 2019, p. 16).

O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente *performativa* de nominação que oriente e estruture as *representações*, a começar pelas representações do corpo (o que ainda não é nada); ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma *definição diferencial* dos usos legítimos do corpo, sobretudo sexuais, e tende a excluir o universo do pensável e do factível tudo o que caracteriza pertencer ao outro gênero [...] para produzir este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina (BOURDIEU, 2020, p.45).

Características adjetivadas como viril, forte, inteligente, superior, dentre outras, foram designadas, em nossa sociedade, ao sexo masculino. Assim sendo, o oposto a esses atributos fora remetido ao sexo feminino (BOURDIEU, 2020; LOURO, 2019; PEREIRA, 2019a). Logo, o corpo feminino é tido como o não-masculino. Numa sociedade pautada no homem como modelo hegemônico, ser mulher é resistir às intempéries de se constituir nesse ‘não lugar’. Todavia “a definição sugere que homens têm poder em todas as instituições importantes da sociedade e que mulheres são privadas de acesso a esse poder. Mas *não* significa que as

mulheres sejam totalmente impotentes ou privadas de direitos, influência e recursos” (LERNER, 2019, p. 290).

Contudo, em meio a tanta repressão e controle, as mulheres, através de enfrentamentos e lutas, vêm galgando e ocupando cada vez mais os espaços, antes restritos aos homens e resistindo aos desmandos sobre seus corpos. A exemplo das mulheres que praticam LPO:

Ao se posicionar como atletas de uma modalidade esportiva extrema como o levantamento de peso, essas atletas tensionam de forma subversiva as normatizações culturais de gênero e feminilidade e abrem margem para a reflexão sobre a multiplicidade de gêneros possíveis no campo esportivo e na sociedade (SOARES; MOURÃO; MONTEIRO, 2017, p. 259)

Em vista disso, a quebra de estereótipos através do esporte fortalece a luta feminina de maneira geral, pois, a mudança das normas vigentes sobre os corpos das mulheres só poderá ser rompida, justamente com a resistência e concomitante luta a esse processo hostil.

Assim, tem-se com a inserção feminina em diversas modalidades esportivas juntamente com suas manifestações e reivindicações de direitos nas competições esportivas, o favorecimento de vitórias significativas, que passam desde a escolha de uniforme para competição até a busca de equidade salarial.

Para Rubio e Simões (1999), “A prática feminina de algumas modalidades esportivas é uma demonstração do esforço feito na busca do respeito a igualdade e a alteridade” (p. 54). As lutas são históricas e constantes. As conquistas nem sempre seguem a intensidade das lutas, mas não deixam de acontecer. Continuamos, nas seções seguintes, o tema a partir das relações do corpo das atletas nas vivências femininas no esporte.

2.3.2 Mulher e Esporte: resistência como possibilidade de existência

O corpo feminino no esporte é aceitável desde que seus contornos sejam tangíveis à lógica do que é tido enquanto feminino no discurso social corpos masculinizados ainda são questionáveis e estas atletas podem ser apontadas como não mulheres (PEREIRA, 2019a). Esse modelo corporal atlético tem inclusive servido como inspiração, através da mídia, à outras mulheres¹³. “O corpo trabalhado da atleta, condição imprescindível para seu desempenho esportivo, transformou-se ao longo do século, num padrão de beleza, por vezes confundido com saúde, desejado por grande parcela da população” (RUBIO; SIMÕES, 1999, p. 54).

¹³ Objeto visível da moda, do interesse das marcas esportivas e confecções especializadas, de grandes empresas e lojas, da exposição televisiva e outros mais.

Como referem Goellner (2016) e Pereira (2019a), a generificação dos corpos nas competições esportivas perpassa pelo campo da sexualidade, onde a fisiologia e a biologia vão compor a métrica do que é feminino e masculino, dentro dos seus padrões estabelecidos e aceitáveis socialmente. Todavia, “[...] o corpo feminino ‘ideal’ é magro e firme, embora não ‘musculoso demais’ – e requer muitas horas de trabalho, de investimentos em tempo e dinheiro que, com certeza, não estão à disposição de uma boa parcela da população feminina” (ADELMAN, 2003, p. 448-449).

Para Altmann (2015), por muito tempo, a educação física escolar exerceu sobre meninas e meninos condutas distintas que conceberam desigualdades, não que não haja mais predomínio que divide o feminino e o masculino neste âmbito, porém, produzem-se então nesse espaço processos de resistência feminina ao modelo segmentado, possibilitando também um primeiro contato junto às modalidades esportivas. Destarte, sobre as aulas de educação física, Altmann (2015, p. 143) refere que “se elas educam o corpo, moldam o gesto, aprimoram habilidades; nesse processo, elas também educam gêneros e suas relações. [...] os encontros e desencontros entre meninos e meninas, são potencialidades educativas ricas a serem exploradas”.

Deste modo, com argumentações pautadas em alegações biológicas, que se relacionavam a função reprodutora do corpo feminino, houve restrições à prática e permanência de mulheres no esporte, ambiente hegemonicamente masculino (RUBIO; SIMÕES, 1999). Assim, “considerada como usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino as mulheres atletas brasileiras precisaram resistir e enfrentar pessoas e políticas que impediram e retardaram as práticas esportivas ao longo do século passado” (RUBIO, 2021, p. 15).

No tocante das adversidades, um evento se tornou marcante quanto às designações do corpo feminino na história das competições esportivas: o Teste de Feminilidade¹⁴. Por ele as atletas precisavam confirmar seu gênero através de exames cromossômicos, tendo que passar por juntas médicas para atestarem que eram de fato mulheres. Essa prática perdurou por 30 anos, até 2000, na Olimpíada de Sidney, causando constrangimentos e humilhações às atletas.

Mesmo com a abolição desse teste, qualquer dúvida em relação à performance das atletas equivalente a índices tidos como masculinos, elas serão submetidas a exames hormonais para certificar-lhes a condição feminina (GOELLNER, 2016; PEREIRA, 2019a). Ou seja: ainda que não se testifique através dessas práticas vexatórias, à atleta não é permitido desempenhar resultados legitimados ao campo masculino, pois coloca seu gênero em suspeição.

¹⁴ Este exame perdurou por 32 anos, sendo implementado nas Olimpíadas do México (1968) e abolido nas Olimpíadas de Sidney (2000).

Importa ressaltar que as atletas mulheres trans também devem apresentar provas hormonais de níveis adequados para competir, já os homens atletas, sejam cis ou trans, não passam por nenhum tipo de exame para atestar suas características de masculinidade. De acordo com diretrizes do COI (2015) atletas que realizem a transição do gênero feminino para o masculino poderiam competir sem restrições; contudo, aquelas que transicionassem do masculino para o feminino deveriam apresentar nível total de testosterona abaixo de 10nmol/L de sangue, durante um determinado período para que pudessem competir.

Esses procedimentos demonstram a vulnerabilidade a que mulheres atletas são submetidas pois, mesmo com “A pluralidade dos corpos, reconhecidamente observada na sua morfologia, aparência e funcionalidade, apesar de figurar nos compêndios médicos desde que passou a ser objeto de estudo da ciência, não foi suficiente para evitar classificações” (GOELLNER, 2016, p. 34).

Os sistemas sociais, como um todo, não apenas no esporte, cobram além da feminilidade um padrão estabelecido. No âmbito esportivo, ainda que a aparência física da atleta externamente esteja a contento do que outorga a binaridade dos sujeitos, determina-se que se certifique por análises biológicas e outros métodos o gênero da atleta, como já discorrido.

Entretanto, para Pereira (2019a), a exigência padronizadora de corpos no esporte se contrapõe ao que as diferentes práticas esportivas requisitam, pois as múltiplas modalidades e categorias demandam variados tipos de corpo. Assim, a exemplo do LPO, as mulheres que praticam a modalidade:

A partir de suas experiências performativas de gênero em suas trajetórias esportivas, os corpos dessas mulheres apresentam-se como dissidentes e abjetos; reflexos das marcas corporais adquiridas, que são, acima de tudo, marcas de poder. Tais dissidências expõem os aspectos construídos do sistema sexo-gênero-sexualidade e abrem margem para subversões dos ideais de uma feminilidade normalizada. Essas marcas são estigmas sociais e têm sido constantemente desidentificadas [...]. Assim, tal dissidência é ‘punida’ por processos e discursos discriminatórios que colocam sistematicamente em suspeição suas sexualidades (SOARES; MOURÃO; MONTEIRO, 2017, p. 258-259).

Além desse cenário as atletas têm que performar não apenas a feminilidade, mas também a cisheteronormatividade¹⁵ socialmente exigida, com risco de serem vistas de modo

¹⁵ Compreende-se enquanto “categorias e teorias que promoveram uma naturalização do elo entre determinado genital, sexo, gênero e orientação sexual. Tal naturalização, fundada sobre preceitos evolucionistas (que ressaltam os fins reprodutivos da dimensão sexual humana), foi nomeada por autoras transfeministas” (MATOS; CIDADE, 2016, p. 135).

preconceituoso. Atualmente atletas LGBTQIA+¹⁶ são percebidos no meio esportivo como se tivessem condutas inadequadas, tendo que interpretar papéis heteronormativos para que não sejam excluídos do meio (PEREIRA, 2019a; FRANCISCO; RUBIO, 2021).

Esse ainda é um tema polêmico no meio esportivo, que enseja estudos e discussões constantes sobre a participação de atletas transsexuais nos eventos esportivos internacionais, em especial, nos JO. Ademais, ressaltamos que o preconceito contra as mulheres – sejam cis, lésbicas ou transexuais – são fenômenos sociais e se manifestam, também, em outros segmentos fora do âmbito esportivo.

Vários argumentos acerca de atletas transsexuais são apresentados na comunidade esportiva a partir de pesquisas relacionadas ao tema. De acordo com estudo realizado por Garcia e Pereira (2021), os quais apontam que as recomendações no esporte para atletas trans estão em constante debate e provações que permeiam, por questões sobre a transição antes ou após a puberdade, e os impactos corporais de desempenhos; também, a questão da competitividade nas modalidades praticadas, bem como das recomendações das políticas desenvolvidas para inclusão desses atletas.

Mesmo com as iniciativas de políticas de inclusão, quando as questões de gênero estão em pauta, provocam diversas polêmicas no meio esportivo, a exemplo da jogadora de voleibol Tiffany Abreu, pioneira na Liga de Voleibol Brasileiro como mulher trans e, mais recentemente, a halterofilista neozelandesa Laurel Hubbard, que participou dos JO de Tóquio (2020/2021), sendo a primeira mulher trans a competir nos jogos.

Dentre os pontos de conflito e contestações estão as “possíveis vantagens” que atletas trans podem ter sobre competidores cis. Tudo indica que a sociedade atual ainda levará um tempo para aceitar e incluir essas novas formas de existir no universo esportivo.

Ressalte-se que atletas gays, lésbicas e bissexuais são admissíveis de maneira velada no esporte, desde que não se desviem do tolerável padrão imposto (PEREIRA, 2019a). Contudo, esses parecem ser os novos desafios e impedimentos da contemporaneidade impostos às mulheres. Se hoje o esporte feminino é uma realidade, as mulheres enfrentam novas regras e convenções sociais limitantes de experienciar sua liberdade de existir como mulheres em suas diversas formas de ser: grávidas, mães, trans, corpos musculosos.

¹⁶ A Sigla LGBTQIA+ compreende as orientações sexuais e identidades de gênero (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Travestis, *Queer*, Intersexo, assexual e o + pode definir demais orientações sexuais e identidades de gênero). Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/03/movimento-lgbtqia-entenda-o-que-significa-cada-uma-das-letras-da-sigla.htm?cmpid=copiaecola>

O padrão de corpo convencionado como ‘masculino’, por ser musculoso, é um exemplo de imposição social que se transforma em preconceito experienciado por mulheres atletas em algumas modalidades como no Levantamento de Peso, boxe, futebol, rúgbi, entre outros. Todavia, embora mereça, não objetivamos aprofundar esse tema, pois nos distanciaria do foco deste estudo.

Além dessas questões apresentadas, em virtude de tantos impedimentos, outros assuntos, como a gravidez de atletas no esporte, não eram comuns, pois, dificilmente se veria uma atleta competindo grávida. Não está muito longe dos tempos atuais, as mulheres que faziam essa escolha, em geral, tinham que encerrar sua carreira. Entretanto, sempre houve resistência de algumas mulheres pioneiras em suas modalidades, como a jogadora de vôlei, Isabel Salgado, atleta da seleção brasileira de vôlei, que jogou grávida nos anos 80 (na gestação de três de seus cinco filhos, em 1983, 1986 e 1987), e não encerrou sua carreira no Brasil por esse motivo.

Atualmente, experienciar a maternidade durante a carreira ainda é uma escolha difícil para as atletas. Viana-Meireles, Timbó e Aquino (2020, p. 224) pontuam que “algumas atletas mesmo durante a gestação anunciam a transição de carreira. Algumas retornam às competições, outras direcionam a carreira para outros fins”. Ressalte-se que a aposentadoria foi por muitos anos a única alternativa encontrada pela atleta que desejava ser mãe. Assim:

Ao praticar esportes, atletas abrem novos espaços para a experiência feminina, desafiam legislações e normas, iniciam novos ramos profissionais, desconstruem discursos científicos, negam a fragilidade do feminino para construir o corpo forte e habilidoso. Enfim, pode-se pensá-la como uma prática libertária, pois, no esporte, mulheres experimentam novas possibilidades de existir (ALTMANN, 2015, p. 143).

Sabe-se que, hoje, exercícios são recomendados na gravidez, independentemente de a mulher ser atleta. O COI fornece recomendações para treino e competição durante a gravidez e período pós-parto para atletas de alto níveis. A depender do esporte e contato físico, pode-se competir, considerando as recomendações médicas e acompanhamento adequado. Di Pierro (2007) pontua que as mulheres suplantaram as expectativas de fragilidade determinadas a elas e demonstram que ultrapassam seus próprios limites e os rótulos impostos de fragilidade e incapacidade.

Com crescente participação feminina no decurso dos anos em grandes competições esportivas, percebe-se que o corpo feminino não apenas é capaz de praticar esporte quanto de superar marcas avançando neste território (RUBIO; SIMÕES, 1999).

Muitas são as questões e interseccionalidades que podem agregar ainda mais obstáculos a uma atleta, contudo, apesar de tantos desafios, é possível reconhecer muitas conquistas e

vitórias na trajetória feminina no esporte, contudo, as lutas continuam conforme os horizontes históricos vão se modificando. Assim, “[...] pode-se ter a impressão de que as pressões sociais sobre as mulheres cederam ou se atenuaram. Na realidade, as pressões e tensões não desaparecem, elas foram substituídas, renovadas, recriadas” (CIDADE; ROCHA, 2004, p. 51).

Resistir, ainda que novas barreiras se transponham, possibilita às mulheres esportistas, e conseqüentemente a classe feminina em geral, ocupar espaços antes barrados e frisar que diferenças existem, contudo não há nenhuma inferioridade no corpo da mulher que a impeça de praticar qualquer modalidade esportiva ou de exercer funções na vida social. O corpo feminino também é capaz de realizar seus feitos.

Ademais, acerca das pressões impostas sobre os corpos femininos, tanto no esporte quanto na sociedade em geral, esse fenômeno cultural pode implicar em fatores que produzam mal-estar e prejudique a saúde mental e o desempenho destas mulheres. A seguir, discorreremos no próximo capítulo sobre saúde mental e esporte.

3 ESPORTE E SAÚDE MENTAL

O esporte é importante para modernizar nossa visão de mundo, porque socializa a gente, na derrota e na vitória (Roberto da Matta).

Neste capítulo expomos brevemente a Psicologia do Esporte, relacionando o esporte e saúde mental, as práticas esportivas em tempos de pandemia, suas interfaces e diálogos com o tema proposto.

3.1 Psicologia do Esporte e do Exercício e saúde mental

A Psicologia e o Esporte no Brasil iniciam sua interlocução com a Educação Física nos anos 30 e 40 do século XX, em publicações de periódicos, bem como em disciplinas compondo o currículo do primeiro curso de formação dessa área, em 1932, Na Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro. Tais periódicos já apresentavam conteúdos relacionando os aspectos físico e mental voltados à prática de atividades físicas, entre outros temas articulados ao disciplinamento do corpo para a construção de cidadãos, tal qual o ideal Eugenista e o projeto desenvolvimentista de Getúlio Vargas.

As produções teóricas nas revistas de Educação Física foram ganhando seu próprio espaço de tal forma que entre as décadas de 30 a 50 existiam quatro revistas específicas da área, uma delas com seção para discutir fenômenos da Psicologia como caráter, desenvolvimento humano, entre outros. Na década de 40 e 50, como exemplo de pioneirismo nessa inserção da Psicologia na formação em Educação Física e na prática da Psicologia no âmbito esportivo, respectivamente, Carlos Sanchez Queiroz e Cecília Stramandinolli como professores de psicologia do desporto; e João Carvalhaes, que atuou na Seleção Brasileira de Futebol, estando presente na equipe técnica na conquista da Copa do Mundo de Futebol em 1958 (CARVALHO; JACÓ-VILELA, 2009; CARVALHO, 2019).

A inserção da Psicologia no ambiente esportivo, bem como sua aplicação, antecede a regulamentação da Psicologia em 1962, já incluindo interface com outros saberes, como a Educação Física, a Medicina, a Educação e a Filosofia. Pois foi através de profissionais desses campos de saber que os primeiros artigos sobre psicologia e esporte foram escritos.

A psicologia do esporte surgiu há várias décadas como uma especialidade da psicologia geral e se desenvolveu conjuntamente com outros saberes disciplinares como especificidade de uma área maior, constituindo as chamadas ciências do esporte.

Entre elas estão sociologia, psicologia, antropologia, filosofia, medicina, fisioterapia, nutrição e fisiologia. Esses saberes, com seus graus de especialização, definidos pela demanda do contexto esportivo de competição, apresentam a necessidade, nem sempre visível em sua prática, de troca entre eles tendo como base um objetivo comum (PEREIRA, 2019b, p. 33).

Considerando que o saber psicológico foi regulamentado como profissão através da Lei Federal nº 4.119, de 27 de agosto de 1962 (BRASIL, 1962), a Psicologia aplicada ao esporte já trilhava seu caminho como prática psicológica assim como outras áreas de atuação. Psicologia do Esporte (PE) como a conhecemos hoje, foi certificada como Especialidade da Psicologia através de Resolução¹⁷ n.º 014/00 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000) atualizada e revogada pela Resolução¹⁸ do CFP n.º 013/2007 – a qual institui o Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro e atuação profissional, bem como de outras especialidades (CFP, 2007). Atualmente o reconhecimento das especialidades em Psicologia é regido pela Resolução¹⁹ nº 03, de 16 de março de 2022.

Assim, a outrora Psicologia do Desporto, denominada, hoje, de Psicologia do Esporte e do Exercício “[...] prescinde de uma interface das teorias e fenômenos psicológicos com a atividade física e a prática esportiva em geral. Torna-se fundamental, ainda, uma interlocução multidisciplinar com os demais saberes e profissionais que atuam no universo esportivo” (CARVALHO, 2019, p. 18).

Essa interface entre outros saberes favorece a uma amplitude de atuação do profissional de psicologia do esporte. Os campos de atuação desta especialidade podem ser classificados em Ensino, Pesquisa e Intervenção, sendo esta última ampliada com diversas áreas para o exercício da prática esportiva, dentre elas: Esporte educativo ou Iniciação esportiva; Práticas de tempo livre e lazer; Alto rendimento; Reabilitação esportiva; Projetos Sociais; e Clínica do Esporte. Nesses contextos a prática do psicólogo do esporte lhe permite dialogar com outros saberes e atuar em equipes multidisciplinares (ANGELO; NOCE, 2019; CARVALHO, 2019).

De acordo com Weinberg e Gould (2017, p. 04), os objetivos em se estudar PE seriam: “[...] (a) entender como os fatores psicológicos afetam o desempenho físico de um indivíduo e (b) entender como a participação em esportes e exercícios afeta o desenvolvimento psicológico, a saúde e o bem-estar de uma pessoa”. De certo, que, para além da performance, a PE pode ser

¹⁷Resolução CFP n.º 014/00, que institui o título profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro (CFP, 2000).

¹⁸ Resolução CFP n.º 013/2007, que institui a consolidação das resoluções relativas ao título profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro (CFP, 2007).

¹⁹ Resolução nº 03/22, “institui condições para concessão e registro de psicóloga e psicólogo especialistas; reconhece as especialidades da psicologia e revoga as Resoluções CFP nº 13, de 14 de setembro de 2007, nº 3, de 5 de fevereiro de 2016, e nº 8, de 25 de abril de 2019” (CFP, 2022, p. 1).

pensada a outras finalidades, em perspectivas sociais, a exemplo da socialização através do esporte, nos processos de reabilitação, dentre outros âmbitos (PEREIRA, 2019b).

Destarte, a PE oferece à sociedade práticas que assegurem o bem-estar, a saúde mental e psicossocial, promovendo responsabilidade ética e social e facilitando o desenvolvimento integral, não apenas quanto às questões atléticas e competitivas, mas quanto ao desenvolvimento de habilidades sociais, aos aspectos afetivos e cognitivos, à inclusão social, dentre outros, pois não se aplica apenas ao alto rendimento e à busca de reconhecimento social através do esporte.

A OMS (2001) reconhece a importância da saúde mental para a vida das pessoas, considerando que o conceito de saúde pode ser entendido enquanto “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade”. Podemos, então, compreender que a interrelação dessas esferas pode oferecer condição de saúde mental, entretanto, sabe-se que o ser humano apresenta realidades díspares e que o completo estado de bem-estar é utópico.

Estudiosos de diferentes culturas dão diferentes definições à saúde mental. Os conceitos de saúde mental abrangem, entre outras coisas, o bem-estar subjetivo, a auto-eficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a auto-realização do potencial intelectual e emocional da pessoa. Por uma perspectiva transcultural, é quase impossível definir saúde mental de uma forma completa. De modo geral, porém, concorda-se quanto ao fato de que saúde mental é algo mais do que a ausência de transtornos mentais (OMS, 2001, p. 3-4).

Desse modo, pensando no esporte como possibilidade de inclusão social e favorecimento da saúde tanto física quanto mental, a Psicologia do Esporte pode refletir seu compromisso ético-social contribuindo com ações que fomentem a saúde mental, relacionados à prática esportiva a outras formas de pensamento que não somente a do ganho econômico para o atleta ou evolução física para o praticante amador.

Portanto, “Falamos aqui daquilo que talvez seja mais caro à psicologia de um modo geral: a subjetividade, as histórias de vida, as relações interpessoais e os aspectos culturais” (RUBIO; CAMILO, 2019, p. 10). Não se pode pensar na performance esportiva, individual ou coletivamente, apartada do social sem ponderarmos que este espaço está envolto por outros personagens que se agregam ao desempenho do atleta.

Nesse sentido, é possível afirmar que a Psicologia do esporte, que trata do fenômeno esportivo em toda a sua complexidade, visando à compreensão da dinâmica das relações envolvidas entre atletas, técnicos, dirigentes, mídia e patrocinadores, não é apenas uma Psicologia de rendimento de atletas e equipes, mas uma Psicologia social do esporte (RUBIO, 2007, p. 310).

Assim, temos na Psicologia Social do Esporte uma interlocução que nos permite pensar que os praticantes de esportes e atividades física não estão apartados dos fenômenos socioculturais, sendo afetados por estes eventos. Pensando, ainda, na diversidade de composições que o espaço esportivo abarca, e observando que a subjetividade é atravessada e mediada por recortes como gênero, raça, dentre outros contornos, há a necessidade de reflexão acerca da atuação do psicólogo do esporte e pensar o atleta em diferentes perspectivas (RUBIO; CAMILO, 2019)

Tendo em vista, pensar a PE na perspectiva da saúde mental, em um período pandêmico, em que os indivíduos em reclusão social experienciaram vivências diversas como perdas pessoais e materiais, mortalidade brasileira e mundial crescente, danos psicológicos e emocionais, é de extrema importância refletir como o esporte e os atletas vivenciaram esse contexto pandêmico e quais impactos sofreram.

3.2 Práticas esportivas, performance e a pandemia da Covid-19

A pandemia da Covid-19 trouxe mudanças de comportamento na população mundial. Em se tratando de uma doença infectocontagiosa e com diminuto conhecimento sobre este vírus e seus impactos no ser humano, houve a necessidade de distanciamento social. Com a imposição de isolamento social, diversas demandas psíquicas e sociais se apresentaram nesse novo contexto. A OMS declarou estado de pandemia mundial em 11 de março. E no país, foi através da Portaria nº 188, de 03 de fevereiro de 2020²⁰, que o Ministério da Saúde deflagrou a Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional.

Quanto à Covid-19, trata-se de uma infecção respiratória causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), que apresenta alto contágio e pode provocar complicações no sistema respiratório. A transmissão pode acontecer por meio de gotículas respiratórias ou superfícies e objetos contaminados; a transmissibilidade pode ocorrer por indivíduos sintomáticos e assintomáticos (BRASIL, 2020b). Constantes pesquisas foram realizadas em busca da compreensão acerca deste vírus, tendo acontecido inclusive mutações que implicaram em novas medidas e novos estudos; pontua-se ainda a necessidade de entendimento nos impactos causados no país, pela Covid-19, em diferentes contextos.

²⁰ Declarou-se emergência em Saúde Pública em caráter nacional por consequência da COVID-19 (BRASIL, 2020a).

No Maranhão, foram estabelecidas medidas de prevenção do contágio e de combate à propagação da transmissão da Covid-19, com diversas orientações de distanciamento suspensão de atividades não essenciais como tentativa de contenção do vírus por meio do Decreto nº 35677 de 21/03/2020. Em 05/05/2020²¹ foi declarado Lockdown, uma medida radical de isolamento social que objetivou a diminuição de mortes no Estado, uma vez que havia um crescimento de casos ativos no país. (MARANHÃO,2020).

Além da suspensão de todas as atividades consideradas não essenciais que vigoraram, outras medidas mais intensas foram solicitadas, como o bloqueio das vias de acesso à cidade e a proibição do tráfego de pessoas e veículos nas ruas sem justificativas relacionadas ao funcionamento dos serviços essenciais – saúde, limpeza, segurança, dentre outros, além da manutenção da obrigatoriedade de máscaras de proteção e a proibição de aglomeração, mesmo em espaços privados, foram as principais recomendações (MARANHÃO, 2020).

No período de 27/03/2020 a 04/01/2023, os casos de Covid-19 acumulados no Maranhão ultrapassaram 400 mil e os óbitos estão acima de 11 mil, de acordo como o painel interativo²² disponível online pela Ministério da Saúde; reitera-se ainda que esses dados foram os notificados oficialmente.

Deste modo, “estima-se que entre um terço e metade da população exposta a uma epidemia pode vir a sofrer alguma manifestação psicopatológica, caso não seja feita nenhuma intervenção de cuidado específico para as reações e sintomas manifestados” (NOAL; PASSOS; FREITAS p. 21). Além dos efeitos psicossociais remetentes à perda de familiares, a pandemia trouxe outras manifestações, como a ansiedade, irritabilidade, angústia, dentre outras sensações ligadas ao distanciamento social, determinado para contenção da disseminação da Covid-19 (OMS, 2022).

Entre seus principais impactos, a COVID-19 criou uma crise de saúde mental em proporções globais, alimentando o stress de curto e longo prazo e minando a saúde mental de milhões. Por exemplo, estimativas colocam o crescimento de distúrbios de ansiedade e depressão acima de 25% durante o primeiro ano da pandemia. Ao mesmo tempo, serviços de saúde mental foram gravemente interrompidos e a lacuna de tratamento para condições de saúde mental aumentou (OMS, 2022, p. XIV, tradução nossa)²³.

²¹ Importante ressaltar que nessa data houve o Lockdown, ou fechamento total, contudo, desde março de 2020 outras medidas de distanciamento e recomendações para a população ficar em casa, de quarentena, já haviam sido tomadas.

²² Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Consultado em 04/01/2023.

²³ “Among its many impacts, the COVID-19 pandemic has created a global crisis for mental health, fuelling short- and long-term stresses and undermining the mental health of millions. For example, estimates put the rise in both anxiety and depressive disorders at more than 25% during the first year of the pandemic. At the same time,

Destarte, a pandemia da Covid-19, que o mundo todo enfrenta desde 2020, trouxe impactos à sociedade como um todo, entretanto, acometeu de maneira desigual certas populações e grupos. Percebe-se que, para grande parte da população feminina, os flagelos têm-se intensificado, pois escancarou as desigualdades sociais culturais e de gênero.

Há a necessidade do recorte de gênero para avaliar os efeitos da pandemia sobre as mulheres, pois, devido às alterações das práticas cotidianas e restrições ao confinamento e distanciamento social, as mulheres responsáveis socialmente pelo cuidado e organização dos lares desempenharam mais tarefas do que antes desse período pandêmico. Esse impacto teria sido maior, em relação a outros grupos sociais, haja vista que as reivindicações às tarefas a serem realizadas, comumente, não são apenas cobradas externamente, mas também há uma cobrança interna para executá-las (BARRETTO; MONTEIRO, 2020).

Sabe-se que “[...] a prática de exercícios físicos gera diversos benefícios para a saúde e o bem-estar, além de proporcionar qualidade de vida para seu público. [...] combate a ansiedade e demais benefícios já são conhecidos pela maioria dos praticantes dessas atividades” (ALECRIM, 2020, p. 49). A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem apresentado diretrizes à população mundial quanto à prática de exercícios físicos, durante a pandemia, considerando que essa ação é um fator auxiliar à saúde mental e a física, também.

Coadunando com essa diretriz da OMS, sobre a prática esportiva durante a pandemia, Barreira, Telles e Filgueiras (2020, p. 09) expõem que “[...] é um dos recursos mais frequentemente recomendados para se lidar com os desafios pessoais e as ameaças à saúde durante o confinamento”. Dessa forma, na comunidade esportiva, assim como nas demais populações, a pandemia trouxe efeitos não apenas na saúde física, mas também à saúde mental, cabendo estudos para investigar a qualidade, se benéficos e/ou maléficos, bem como os fenômenos vividos em decorrência desses impactos.

Dados apresentados, em um resumo técnico de pesquisa preliminar realizada pela plataforma Strava, em conjunto com a Universidade Stanford (2020), foi apontado que atletas profissionais de alto rendimento apresentaram índices de ansiedade e depressão durante a pandemia da Covid-19 maiores que situações já estudadas, anteriormente. A hipótese adotada é de que o distanciamento e a consequente diminuição dos treinos, que costumam ser de alta intensidade, ensejaram impactos à saúde mental dos atletas.

mental health services have been severely disrupted and the treatment gap for mental health conditions has widened”.

Nesse contexto, ao falar de manutenção e continuidade dos treinos desportivos, é relevante destacar que são necessários todos os cuidados no que tange à saúde mental e aos indicadores psicológicos das(os) atletas, não somente por um viés interventivo, mas principalmente humanizado e de ressignificação da integração do corpo e mente, no cenário da Covid-19. Logo, antes de pensar na continuidade dos treinos no período isolamento social, faz-se necessário identificar e entender minimamente possíveis agentes e fatores estressores das(os) atletas [...] (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ, 2020, p. 8).

Estudos recentes dão conta de que a produtividade feminina, ou nas tarefas cotidianas, ou nos cuidados com os filhos, ou no trabalho remunerado, dentre outras funções exercidas, em comparação com o desempenho dos homens, durante a pandemia, foi discrepante em relação aos impactos no cotidiano e na saúde mental feminina (SOUTO-MARCHAND; GALVÃO; FERNANDES, 2020; ALMEIDA *et al.*, 2020). Se levarmos em consideração que variadas áreas da rotina de mulheres foi afetada, para aquelas que são atletas, adiciona-se mais um âmbito acometido.

Acredita-se que a pandemia da COVID-19 em andamento, que apresentou ao mundo seu maior desafio até o momento, aumentou as lacunas de igualdade de gênero existentes nos esportes de elite e de base. Forçando um adiamento histórico dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 e, posteriormente, dos Jogos Paralímpicos – a COVID-19 impactou a vida cotidiana de comunidades ao redor do mundo, incluindo onde e como elas participam de esportes e atividades físicas. Segundo a ONU Mulheres, esses impactos têm sido sentidos com mais força por meninas e mulheres devido às desigualdades de gênero existentes, que se refletem no esporte (COI, 2022, p. 5, Tradução nossa).

Durante a pandemia a forma como atletas se viam no mundo passou por mudanças, haja vista que, no contexto vivido, tiveram de se afastar do espaço onde treinavam e competiam devido às restrições sanitárias, possivelmente foram afetados mentalmente de maneira negativa (BARREIRA; TELLES; FILGUEIRAS, 2020). Cabendo investigações diversas sobre os fenômenos e, desta maneira, é essencial que se investiguem os impactos à saúde mental feminina no contexto esportivo, bem como em outros contextos. Ademais, consideramos essa perspectiva pertinente para pensarmos as repercussões da pandemia nas práticas físicas e na saúde mental das atletas de Levantamento de Peso Olímpico (LPO).

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Essa pesquisa se define como qualitativa, do tipo exploratório, e descritiva, que se alicerça no método fenomenológico de Investigação em Psicologia, proposto por Giorgi e Sousa (2010), para a análise das narrativas das participantes.

Para atender aos objetivos propostos, o percurso metodológico foi delineado em etapas, com métodos que agregaram olhares diferenciados, permitindo análises e reflexões para uma possível compreensão do fenômeno proposto. Inicialmente, uma Revisão de Literatura, numa perspectiva histórica, fez-se necessária para delimitar um panorama que ilustrasse a relação entre a mulher e o esporte historicamente; nessa etapa fizemos uso, também, de um método historiográfico²⁴, realizando o levantamento de bibliografias, de Leis, de Decretos e de outros registros que nos auxiliassem como norteadores na “reconstrução” do caminho traçado pelas atletas no Brasil e no Maranhão.

De acordo com Massini (2010, p. 107), “podemos comparar a escrita da história ao trabalho artesanal da tecelagem: dispomos de fios (as fontes) que ordenamos em tramas (as narrativas), sempre levando em conta possibilidade de existirem outros fios e outras tramas”. A colaboração bibliográfica, como recurso nesse método, foi imprescindível, pois “a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários” (GIL, 2006, p. 50). Foram realizadas, assim, as leituras e a identificações do levantamento bibliográfico realizado, com posterior fichamento das publicações que tiveram relação com o tema proposto. Nessa etapa, houve por bem construir-se um caminho cronológico, a fim de pavimentar a Fundamentação Teórica deste trabalho acadêmico.

Na etapa seguinte, outro caminho se fez necessário para agregar o corpus de discussão do tema proposto nesta pesquisa, um Estudo de Campo alicerçado no Método Fenomenológico de Giorgi e Sousa (2010), uma vez que o método escolhido teve por objetivo a mediação das “[...] exigências epistemológicas da Fenomenologia, enquanto teoria do conhecimento, e os requisitos necessários para se constituir como conjunto metodológico específico, passível de ser aplicado por diferentes investigadores, no âmbito da psicologia científica [...]” (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 73).

²⁴ Sobre o método historiográfico, Massini (2010, p. 103) nos indica que “a historiografia não dispõe de arcabouços metodológicos preestabelecidos. Escolhem-se as modalidades de elaboração dos dados a partir do dar-se efetivo da indagação que, por sua vez, inscreve-se no contexto social e cultural ao qual o próprio historiador pertence”.

A Fenomenologia estabelece críticas à ciência meramente empírica, positivista, por compreender uma impossibilidade da aplicação dos métodos das Ciências Naturais pelas Ciências Humanas, a exemplo da imposição da atitude neutra pelo cientista e uma cisão entre sujeito e objeto. A Psicologia alicerçada num método fenomenológico possibilita a reflexão do “mundo da vida”, lugar esse do qual o próprio cientista faz parte e intenciona sobre este mundo.

A fenomenologia procede elucidando visualmente, determinando e distinguindo o sentido. Compara, distingue, enlaça, põe em relação, separa em partes ou segrega momentos. Mas tudo no puro ver [...]. Ao elucidar os conceitos e proposições fundamentais que, como princípios, dominam a possibilidade da ciência objectivante [...] termina onde começa a ciência objectivante. É, pois, ciência num sentido totalmente diferente, com tarefas inteiramente diversas e com um método completamente distinto. A sua particularidade exclusiva é o procedimento intuitivo e ideador dentro da mais estrita redução fenomenológica, é o método especificamente filosófico, na medida em que tal método pertence essencialmente ao sentido da crítica do conhecimento [...] (HUSSERL, 1989, p. 87).

De acordo com Silva (2009), a Fenomenologia na pesquisa em Psicologia é a perspectiva que oportuniza sair de um engessamento teórico apregoada apenas na quantificação do objeto, que a ciência moderna positivista julga como científico, para possibilitar emergir a essência que vem da experiência de cada sujeito. Assim, acerca da Fenomenologia, pondera-se que “a sua particularidade exclusiva é o procedimento intuitivo e ideador dentro da mais estrita redução fenomenológica, é o método especificamente filosófico, na medida em que tal método pertence essencialmente ao sentido da crítica do conhecimento[...]” (HUSSERL, 1989, p. 87).

Assim, aportado nos critérios metodológicos de Giorgi e Sousa (2010), a pesquisa em psicologia alicerçada num método fenomenológico possibilita a reflexão do “mundo da vida”, lugar esse que o próprio cientista faz parte e intenciona sobre este mundo.

Os critérios fenomenológicos são preenchidos porque o método é descritivo, utiliza a redução fenomenológica, procura a essência do fenômeno através do método da variação imaginativa e presume uma relação intencional entre o sujeito e o objeto de sua experiência. O método também preenche os requisitos científicos porque produz conhecimento que é metódico, sistemático, crítico e potencialmente intersubjetivo. Finalmente, os critérios psicológicos são preenchidos porque a análise das descrições ocorre dentro de uma perspectiva psicológica e o que é buscado são essências psicológicas e não filosóficas (GIORGI, 2001, p. 134-135).

Consideramos assim, o aporte fenomenológico com seus conceitos de intencionalidade, intuição, consciência, redução fenomenológica, intersubjetividade, dentre outros, tão fundamentais quanto os já citados, para articular o estudo quanto a percepção do fenômeno ao qual se investiga. Qualquer intenção ou pré-conceito estabelecido que se tenha sobre o tema,

deve ser suspenso para que permita emergir o fenômeno, sem que se conceba juízos de valor, com imparcialidade, contudo, não neutro.

Compreende-se que trazer a questão dos impactos da pandemia no “ser atleta profissional” dessas mulheres possibilita que elas possam manifestar como esse fenômeno, em pura essência, se deu para cada uma que foi entrevistada, pois o sentido não é o de trazer uma resposta unificada para a questão analisada na pesquisa, mas de escutar como esse fenômeno se apresentou para elas e, a partir daí, descrever e refletir, aduzindo o relato das suas vivências e percebendo onde o fenômeno narrado gerou o elo relacional entre as experiências vividas.

Toda a vivência intelectual e toda a vivência em geral, ao ser levada a cabo, pode fazer-se objeto de um puro ver e captar e, neste ver, é um dado absoluto. Está dada como um ente, como um isto-aqui (Dies-da) de cuja existência não tem sentido algum duvidar (HUSSERL, 1989, p. 55-56).

Permitindo que o próprio sujeito fale de si e reflita sobre sua vivência. Justifica-se a escolha deste embasamento por possibilitar a compreensão do fenômeno tal qual se apresente para aquele que vivenciou. Nessa perspectiva, optou-se como integrantes do campo de pesquisa para o relato dos fenômenos vividos, as atletas profissionais do Levantamento de Peso Olímpico (LPO), considerando que estas mulheres nessa modalidade, bem como em outras, obtiveram sua inserção tardia nos Jogos Olímpicos, somente há duas décadas, considerando-se, ainda, que as atletas maranhenses irrompem atualmente no cenário nacional, desenvolvendo o esporte no estado e se destacando em campeonatos estaduais e competições nacionais.

4.1 Participantes

Foram entrevistadas 03 mulheres, atletas profissionais de alto rendimento do Levantamento de Peso Olímpico (LPO), sobre os possíveis impactos que a Pandemia da Covid-19 possa ter repercutido na sua prática esportiva e em sua saúde mental.

4.1.1 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada em um Centro de Treinamento em Levantamento de Peso Olímpico, localizado em São Luís - MA. O local dispõe de todo aparato de materiais homologados pela Confederação Brasileira de Levantamento de Peso (CBLP), para treinamento dos atletas, almejando espaço em competições nacionais e a futura inserção de atletas na grade de treinamento olímpica.

A decisão pela modalidade de Levantamento de Peso Olímpico sucedeu-se após observar numa reportagem, em emissora local, a participação da delegação maranhense no I Copa Nordeste de LPO. Nesta sobressaiu-se a participação feminina em tal evento, e dentre outros esportes considerados, o LPO foi o escolhido, pensando na inserção feminina tardia em competições e outras questões que trespassam essa modalidade.

A escolha do local se deu pelo acesso às atletas do LPO, em que a pesquisadora entrou em contato com o centro de treinamento, localizado em São Luís - MA, apresentando a proposta de pesquisa com a modalidade sendo direcionada pelos técnicos a uma atleta que atendia aos critérios da pesquisa. Após o primeiro contato com a atleta, houve a indicação de outras atletas, utilizando-se da técnica de amostragem *snowball*²⁵ (bola de neve), em que um participante indica outros sucessivamente, tendo, assim, o acesso a outras atletas participantes da pesquisa.

4.1.2 Critérios de inclusão e exclusão das participantes

Com o intuito de cumprir os objetivos conforme a metodologia proposta, os critérios de inclusão das participantes consideraram os parâmetros, a seguir: a) desempenhar como profissional o esporte de alto rendimento, na modalidade de Levantamento de Peso Olímpico (LPO); b) vinculação a federação esportiva ou entidade de prática desportiva (clube ou agremiação) de LPO; c) ter contrato de trabalho e/ou incentivos financeiros (patrocínio e/ou bolsa atleta²⁶); e d) ter participado em sua modalidade, de competições oficiais ligadas às federações esportivas de LPO entre os anos de 2019-2022.

Esses critérios se embasaram parcialmente com estudo realizado por Barreiras, Telles e Filgueiras (2020):

Os atletas profissionais são aqueles que ganham alguma remuneração na prática competitiva do esporte, já sendo classificados no cenário nacional da modalidade, participando dos eventos mais importantes e cujo treinamento ocorre entre seis a sete dias na semana com prática regular há mais de dois anos[...] (BARRERA; TELLES; FILGUEIRAS, 2020. p. 4-5, **grifo nosso**).

²⁵ *Snowball* ou bola de neve, “[...] é uma técnica de amostragem [...] em pesquisas qualitativas[...] que permite que se alcancem populações pouco conhecidas ou de difícil acesso. [...] a amostra do tipo bola de neve destaca-se em pesquisas que optam por amostras não probabilísticas em estudos de natureza qualitativa” (BOKCORNÍ; GOMES, 2021, p. 106).

²⁶ Trata-se de um incentivo que o governo Federal instituiu na Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004 determinando que “[...] a Bolsa-Atleta, destinada prioritariamente aos atletas praticantes do esporte de alto rendimento em modalidades olímpicas e paraolímpicas” (BRASIL, 2004, n.p.). Beneficiam-se desse fomento atletas que figurem em ranking nacional, em suas categorias. Atualmente, têm-se proposto algumas alterações na Lei, com projeto objetivando a inclusão da licença maternidade para atletas gestantes e puérperas, o que garantiria direitos a mulheres atletas no exercício da maternidade.

Dessa maneira, especificar essas diferenças de esportistas possibilita uma melhor apreensão na escolha das participantes, para essa pesquisa, podendo-se excluir aquelas que não atendessem aos critérios estabelecidos. Tais como: a) ser atleta amadora; b) não estar vinculada a federação esportiva ou entidade de prática desportiva (clube ou agremiação) de LPO; e c) não ter contrato de trabalho e/ou de patrocínio que configurasse a prática esportiva enquanto profissional.

Importante ressaltar que, para a metodologia de análise executada nesta pesquisa, o método fenomenológico proposto por Giorgi e Sousa (2010), o número de entrevistadas, pensando quantitativamente, não intervêm nos resultados propostos por esse Método, uma vez que se considera o caráter qualitativo do fenômeno vivenciado por essas mulheres e não a mensuração quantitativa de eventos.

4.1.3 Caracterização das participantes

Quatro atletas se enquadravam nos critérios estabelecidos de inclusão na pesquisa, contudo, as entrevistas foram realizadas somente com três participantes, visto que a quarta atleta ausentou-se da cidade por motivos pessoais e não foi possível acessar sua participação por outros meios de comunicação para a realização da entrevista. Deste modo, as participantes que compuseram essa pesquisa foram mulheres atletas profissionais, da modalidade de LPO, com idade acima de 18 anos, vinculadas à FELPMA; todas tinham contrato e/ou incentivos financeiros (patrocínio; bolsa atleta) para exercerem a prática competitiva profissional nesta modalidade.

4.1.4 Instrumentos e Procedimentos

Foi realizado, inicialmente, um estudo piloto com duas atletas de modalidades distintas da escolhida nesse estudo, para ajustar o roteiro e perceber possíveis falhas de entendimento na concepção das perguntas, demonstrando a necessidade de adaptação do roteiro para clarificar a compreensão das perguntas propostas, para assim, posteriormente empreender a entrevista com as participantes desta pesquisa.

A entrevista sucedeu-se em duas etapas: a primeira referiu-se ao preenchimento do questionário sociográfico (parte do Roteiro de Entrevista); e a segunda, a realização da Entrevista, propriamente dita – que foi gravada, com a autorização da participante – tendo a

duração média de aproximadamente trinta minutos, e ocorreu em dia e horário previamente agendados com a participante.

A entrevista foi composta de um Roteiro²⁷ de perguntas semiestruturado (Apêndice A), contendo sete itens, com o objetivo de delinear um perfil sociográfico das participantes e duas perguntas subjetivas disparadoras, com a finalidade de compreender através desse instrumento a experiência vivida nessa modalidade para identificar fenômenos relacionados aos assuntos propostos.

Ressalte-se que no início da entrevista foi realizado o procedimento da apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B), colocando-se a disposição para responder, a quaisquer dúvidas e questionamentos das participantes. Foi informado, ainda, o direito à entrevista devolutiva, apresentando a participante a conclusão da pesquisa. Enfatiza-se que este projeto faz parte do Grupo de Pesquisa em História da Psicologia e Psicologia do esporte (GEHPE), aprovado pela Resolução nº 2.593/CONSEPE, 13 de junho de 2022, e que se pautará na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016) e do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005).

Foi garantido o sigilo de qualquer informação que possibilitasse a identificação da participante – dessa maneira utilizamos a nomenclatura Participante 1 (P1), Participante 2 (P2) e Participante 3 (P3), para citarmos as entrevistadas.

4.1.5 Método de análise de entrevistas

No capítulo cinco apresentaremos as análises dos relatos das entrevistadas a partir da proposta do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia, desenvolvido por Giorgi e Sousa (2010). Na perspectiva de Giorgi e Sousa (2010, p. 80), empreender esse método “não é apenas a aplicação de um instrumento de coleta de dados diferentes, reflecte, em si mesmo, uma concepção diferente de produção de conhecimento, de construção de significado sobre a acção humana”.

Este método preconiza, assim, consoante outros métodos qualitativos, passos minuciosos, essenciais para a qualidade da pesquisa em Ciências Humanas. Após o levantamento e transcrição dos dados obtidos através da entrevista foram realizadas as seguintes

²⁷ Esse roteiro foi criado, pela pesquisadora, a partir de discussões realizadas em reuniões do Grupo de Orientação de Dissertações, composto por todos os orientandos da Prof^a Dr^a Cristianne Almeida Carvalho, orientadora desta pesquisa. Nesses encontros virtuais os colegas podiam dar sugestões acerca dos trabalhos dos outros orientandos, estabelecendo-se discussões, em que levaram a reflexões da pesquisadora, e, assim, realizar a construção deste instrumento.

etapas: “1. Estabelecer o Sentido Geral; 2. Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado; 3. Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico; 4. Determinação Geral de Significados Psicológicos” (GIORGI; SOUZA 2010, p. 85). Cada um desses passos deteve a rigor a atitude fenomenológica, transposto a partir do diálogo das mulheres entrevistadas, permitindo que pudessem falar sobre si mesmas, sobre o fenômeno que vivenciaram.

A seguir, apresentaremos as etapas indicadas no método de Giorgi e Sousa (2010). O **primeiro passo** constituiu-se em estabelecer o sentido geral, após a transcrição das entrevistas e leitura minuciosa; essa etapa demandou da pesquisadora estar numa postura de redução fenomenológica, em que implicou não tecer interpretações e apenas observar o *sentido da experiencial em sua globalidade*, atentando-se a fala literal relatada por cada participante.

O **segundo passo** visou a divisão das unidades de significado, determinando os elementos que se sobressaíram na fala das participantes, sendo divididas em partes psicologicamente pertinentes. Essa divisão objetivou a construção de unidades de significado quando a pesquisadora ponderou, após o passo 01, trechos da fala que evocassem relevância ao tema pesquisado, contudo não deixando de fora também, temas que, mesmo não concentrados no objetivo do estudo, poderiam ser relevantes a serem analisados, entretanto, ainda mantendo as expressões escritas com o linguajar apresentado pela participante (GIORGI; SOUSA, 2010).

No **terceiro passo**, a pesquisadora neste ponto, ainda em atitude de redução fenomenológica e partindo de uma análise eidética, transforma as unidades de significado em expressões de caráter psicológico, buscando retirar o linguajar repleto de senso comum em expressões que se encadeiam ao tema pesquisado (GIORGI; SOUSA, 2010).

O **quarto passo** consistiu-se na determinação da estrutura geral das unidades de significados psicológicos. Nessa fase as estruturas de expressões de caráter psicológico mais invariantes na fala das participantes permanecem, buscando-se formar uma estrutura geral, a fim de, após serem encontradas, pudessem passar por posteriores análises e, desta maneira, os resultados pudessem ser relatados, e posteriormente, ensejar dialogar com a Literatura ligada ao tema pesquisado (GIORGI; SOUSA, 2010).

Cada passo aqui citado foi realizado com rigor fenomenológico pela pesquisadora, buscando apresentar a comunidade acadêmica e sociedade em geral o relato das atletas profissionais sobre as reverberações que a pandemia trouxe sobre suas vivências.

A seguir, no Quadro 02, exemplificam-se os passos citados, a partir de um trecho do relato de uma participante.

Quadro 02 – Ilustração dos passos de Giorgi e Sousa (2010)

PASSO 1	PASSO 2	PASSO 3	PASSO 4
<i>Passo 1: Sentido geral/Transcrição</i>	<i>Divisão das Unidades de Significado</i>	<i>Transformação para Expressões de Caráter Psicológico</i>	<i>Estrutura Geral das Un. de Significados Psicológicos</i>
P3 – “O impacto maior foi na maternidade lidar com essa questão da escola da minha filha, de dar conta da casa, essa questão dos serviços de casa e da maternidade”.	Relata que as tarefas domésticas e a maternidade foram os maiores impactos que teve durante a pandemia.	Fatores como tarefas domésticas e maternidade incidiram em grandes repercussões em sua vida na pandemia.	- Sobrecarga no cuidado com filho e casa na pandemia - Repercussões da pandemia na vida de mulheres

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Com base nas estruturas gerais das unidades de significado (Passo 4), formamos 6 eixos com os fenômenos similares para a apresentação e discussão dos resultados encontrados a partir dos relatos das atletas. Os referidos eixos estão nomeados da seguinte forma: **Vulnerabilidade financeira de atletas profissionais durante a pandemia; Impactos psicológicos e pandemia; Benefícios do treino durante a pandemia (Físico e Mental); Acompanhamento psicológico no esporte; Relações de cuidado e maternidade; e, Preconceito.**

Tais eixos foram estabelecidos mantendo a relação com as estruturas gerais das unidades de significado e as unidades de significado mais presentes nos relatos das participantes, importante ressaltar que para Giorgi e Souza (2010, p. 92), nessa etapa:

[...] aprofunda-se a análise dos resultados, estabelece-se o diálogo com a literatura da área, comunicam-se os resultados aos pares. O método é descritivo até o quarto passo. Depois deste, o investigador é livre para elaborar os resultados da investigação, procurar discutir reflexivamente acerca dos dados e estabelecer conexões ou paradoxos sobre o afirmado por anteriores investigadores.

Assim sendo, a seguir, apresentamos o Quadro 03, com as unidades de significado e os respectivos eixos que serão discutidos no próximo capítulo. A partir destes eixos de discussão demonstraremos os resultados encontrados e dialogaremos acerca dos fenômenos revelados.

Cada eixo de discussão foi composto pelas *Estruturas Gerais das Unidades de Significado* mais presentes nos relatos de vivência das entrevistadas, entretanto, algumas unidades de significado foram relatadas por apenas uma atleta e, todavia, fazem jus a estarem presentes por estabelecerem relevância ao tema pesquisado.

Quadro 03 - Eixos e suas unidades de significado

(continua)

Item	Eixos	Estrutura Geral das Unidades de Significado
5.1	Vulnerabilidade financeira de atletas profissionais	Exercer atividade remunerada além de ser atleta profissional
		Complementação da renda com outra profissão
		Preocupação financeira durante a pandemia
		Bolsa atleta
5.2	Impactos psicológicos e pandemia	Interação social
		Medo e insegurança
		Indisposição
		Transtorno alimentar
		Autoestima e autoimagem
		Nervosismo, Estresse e Ansiedade
5.3	Treino durante a pandemia – benefícios na saúde física e mental	Manter-se ativa
		Rotina de treinos
		Manutenção do condicionamento físico e Performance
		Melhora na saúde mental
		Desenvolvimento de estratégias para treinar
		Apoio do treinador

(continuação)

		Retomada das competições após isolamento social
		Redução das implicações psicológicas
		Melhora na confiança
5.4	Acompanhamento psicológico e atletas	Lidar com o emocional
		Consciência do que era possível no momento pandêmico
		Metas de perda de peso
5.5	Relações de cuidado e maternidade	Repercussão da pandemia na vida de mulheres atletas
		Sobrecarga no cuidado com filho e casa na pandemia/ Sobrecarga mental
		Focar não só em si, mas nos filhos também
5.6	Preconceito	Preconceito com o levantamento de peso
		Preconceito com o corpo das praticantes de LPO

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No próximo capítulo apresentaremos as análises das unidades de significado descritas a partir dos relatos das participantes, bem como a interlocução com literatura pertinente aos eixos.

5 RELATO DA VIVÊNCIA DE MULHERES ATLETAS DO LEVANTAMENTO DE PESO NA PANDEMIA DA COVID-19

Nesse capítulo apresentaremos as análises das narrativas das atletas profissionais de levantamento de peso, entrevistadas em São Luís - MA, relatando as repercussões da pandemia da Covid-19 em suas vivências, em relação as práticas esportivas e a saúde mental. Para descrever o perfil das atletas desta modalidade aplicamos o Roteiro de Entrevista (Apêndice A) buscando um delineamento sociográfico das entrevistadas.

As três entrevistadas apresentam uma média de idade de 36 anos, sendo uma atleta da categoria adulta e duas atletas do master (≥ 35 anos); quanto ao estado civil, duas são casadas e uma é solteira; em relação à escolaridade as três participantes possuem ensino superior; no tocante à raça/cor/etnia, duas das participantes se autodeclararam brancas e uma declarou-se parda; apenas duas participantes afirmaram ter filhos; todas as participantes treinavam apenas a modalidade de levantamento de peso olímpico, com a média de 05 (cinco) anos de prática entre as atletas. Ressalte-se que uma das atletas relatou treinar LPO há mais de 10 (dez) anos; duas atletas receberam o estímulo do Bolsa atleta em 2022 e uma não obteve nenhum tipo de patrocínio ou incentivo.

Como já informado, as análises dos fenômenos vivenciados por essas atletas durante a pandemia foram realizadas com base no método de Giorgi e Sousa (2010). O roteiro de entrevista (ver Apêndice A) foi composto por duas questões abertas disparadoras: *Fale livremente, de que forma durante o distanciamento social, a Pandemia da Covid-19 impactou na sua prática esportiva e/ou outras atividades físicas?* e, *fale livremente, de que maneira a pandemia afetou de algum modo a sua saúde mental?*

Importante salientar que alguns trechos das narrativas foram suprimidos (categoria de peso, campeonato que participaram, dentre outras narrativas), a fim de evitar-se a identificação da atleta, embora tenhamos utilizado a nomenclatura ‘participante’ para nomeá-las, tendo em vista que essas informações poderiam permitir o reconhecimento de alguma das entrevistadas.

Com base no exposto, estabeleceram-se os seguintes tópicos de análise a partir das narrativas das atletas, como já demonstrado no capítulo anterior: 1. Vulnerabilidade financeira de atletas profissionais; 2. Impactos psicológicos e pandemia; 3. Treino durante a pandemia – benefícios na saúde física e mental; 4. Acompanhamento psicológico e atletas; 5. Relações de cuidado e maternidade; e, 6. Preconceito. As análises empreendidas foram acompanhadas de discussões pertinentes que, somados aos relatos de vivência, apresentarão a concepção das

atletas acerca da repercussão da pandemia de Covid-19 em suas vidas, tanto no que se refere à perspectiva profissional quanto no enfoque pessoal.

5.1 Vulnerabilidade financeira de atletas profissionais

Ser atleta profissional no Brasil já implica em diversas questões do trabalho relacionadas à profissionalização desta área, como já apresentado em capítulo anterior, a saber, indagações como dificuldade financeira, pouco investimento, fragilidade de contratos, limitadas garantias trabalhistas, e, ainda, o próprio entendimento do indivíduo em se compreender enquanto atleta profissional.

No que tange às experiências das participantes, apresentam-se através de seus relatos as questões vividas, não apenas no período pandêmico, mas de maneira geral, nas suas vivências enquanto atletas profissionais, sendo demonstrada a instabilidade das entrevistadas em poder contar financeiramente somente com os ganhos da profissão de atleta, tendo que, muitas vezes, obter renda através de outra atividade laboral concomitante à carreira desportiva, conforme os relatos a seguir.

Eu **queria viver só do esporte**, mas não dá não (PARTICIPANTE 2)

[Sou também] **empresária e treinadora**. Na verdade, o empreendedorismo entrou o mais depois da pandemia, depois que tudo fechou, durante o início da pandemia eu ainda prestava serviços para uma academia, eu atuava como professora, como treinadora (PARTICIPANTE 3).

As falas das atletas P2 e P3 demonstram a vulnerabilidade a que as atletas são submetidas em relação ao seu trabalho, enquanto esportistas, tendo que recorrer a outros meios para manter-se treinando e disputando campeonatos, pois, enquanto trabalhadoras do esporte, não há garantias financeiras e, na maioria dos casos não há carteira assinada como atleta profissional ou mesmo um contrato de trabalho fixo nesta ocupação, assim, tendo que recorrer a outros métodos para serem garantidas financeiramente.

Conforme Maior e Maior (2020), “no Brasil, a realidade vivenciada pela maioria dos atletas e das atletas profissionais é a de recebimento de baixos salários” (p. 29). O que pode causar certa preocupação em manter a estabilidade financeira, levando-se em conta apenas sua prática profissional esportiva.

Com a implementação de medidas de distanciamento, incluindo-se o decreto de março de 2020, já citado, as atividades esportivas foram suspensas, assim como outros setores o

esporte também sofreu consequências tanto na esfera das práticas quanto também nas competições e, isto trouxe impactos financeiros ao setor (CARVALHO, 2021).

Convém destacar que o cenário esportivo brasileiro, mesmo antes do momento pandêmico, já apresentava precariedades no que diz respeito a viver como atleta profissional neste país, baixos incentivos públicos e a grande dependência da iniciativa privada acerca de patrocínios aos atletas (CAMILO; RAUCCI; FURTADO, 2022). No Maranhão, esse cenário não é diferente, inclusive com menos incentivos em comparação a outras regiões do país.

(...) às vezes eu digo, **gente eu não sou atleta profissional**, mas o pessoal fala, tu treina todos os dias, tem toda a rotina de um atleta, mas realmente, eu tenho toda a rotina, às vezes treino mais de um horário no mesmo dia, treino 7 dias, até domingo, rotina alimentar, sono (PARTICIPANTE 1).

A fala acima, da Participante 1, ratifica a proposição de que há uma certa dificuldade em entender-se uma atleta profissional, fato que expõe opiniões diversas na literatura. Maior e Maior (2020, p. 23) consideram que “[...] quando se integram esporte e trabalho, o esporte deixa de ser simples exercício físico e, por consequência, quem se dedica a essa atividade relacionada não pode ser denominado meramente atleta”. Vianna-Meirelles, Timbó e Aquino (2020, p. 216) afirmam que a noção de trabalho e atleta pode ser pensada na relação em que “[...] tais atletas tem como atuação laboral a prática esportiva, sua força de trabalho é seu corpo em movimento para atingir metas e conquistar prêmios”.

Dessa maneira, percebe-se que a dificuldade da participante em entender-se enquanto parte da classe trabalhadora no esporte decorre também da alienação da figura do atleta como profissional. Afinal, o atleta profissional é aquele que pratica uma modalidade de esporte exclusivamente e figura numa elite esportiva. Além disso, a concepção de prática esportiva se relaciona a lazer, diversão, e atrelar isso a trabalho ainda faz parte de um processo social.

No que diz respeito especificamente ao período de isolamento social, devido à pandemia da Covid 19, as preocupações das entrevistadas podem ser demonstradas, a seguir, nas falas da Participante 2 e da Participante 3.

Na pandemia em si, consegui me manter bem, graças a deus, consegui me manter ativa, até porque eu acho que esse negócio de você ser atleta, que é essa parte de ter uma disciplina, tem a questão de que o **atleta não pode parar**, querendo ou não, ele **vive daquilo**, e que não é o meu caso de **viver disso 100%**, mas por exemplo, aqueles mais profissionais que vivem disso, se ele parar, quando voltar iria ter um impacto muito grande, de alguma forma ele tinha que se virar para se manter ativo de alguma forma e foi isso que eu tentei fazer pra mim também, com uns treinos bem básicos perto do que eu fazia antes, mas consegui me desenrolar bem no período (PARTICIPANTE 2).

No início [da pandemia] por conta da gente tá muito preocupado, eu me senti muito **preocupada**, e **foquei** nessa questão da gente **poder trabalhar** [...] então fizemos a compra do material e os alunos começaram a ir, **um dinheiro começou a entrar**, porque essa era uma preocupação de todo mundo (PARTICIPANTE 3).

O relato, da participante 2, demonstra a preocupação de um atleta viver 100% da atividade esportiva e no período pandêmico sofrer os impactos financeiros causados pelo isolamento imposto e pela falta de competições, impossibilitando as atletas de exercerem sua atividade profissional e garantir seus resultados. Essa fala coaduna, ainda, com a relação apresentada pela participante 1, sobre a identificação da atleta, enquanto profissional, pois a participante 2 demonstra certo afastamento em se considerar atleta e faz um comparativo com quem se dedica exclusivamente ao esporte profissional, ainda que ela tenha relatado ter mantido a disciplina e não ter parado de treinar durante o isolamento.

A participante 3 também demonstrou preocupação financeira relacionada ao período de afastamento dos treinos, tanto em relação a seu treinamento competitivo, como principalmente na sua função de treinadora, que lhe garantia recursos para continuar dedicando-se aos campeonatos e, sobretudo, no auxílio financeiro da sua família.

Nos relatos das atletas evidenciou-se uma preocupação com o retorno aos treinos, mesmo que o esporte profissional não as sustente 100%, mas ainda é uma renda que faz parte de seus ganhos e a pandemia lhes causou impactos financeiros.

Sabe-se que há outros subsídios financeiros, além do atleta exercer outra atividade profissional remunerada para manter suas condições de vida e de treinamentos: são os incentivos privados ou patrocínios e as Políticas Públicas, como o bolsa atleta.

No período que eu migrei, que foi no final de 2020, aí em 2021 eu fui para o meu primeiro campeonato brasileiro, ainda não tinha nem um ano competindo oficialmente e fui para o meu primeiro campeonato brasileiro, aí fui campeã na minha categoria, foi quando eu comecei a **receber a bolsa** (PARTICIPANTE 2).

A participante 2 iniciou o recebimento desse incentivo após vitória em seu primeiro campeonato brasileiro de LPO que disputou. No que concerne ao incentivo citado pela entrevistada P2, o bolsa atleta figura como auxílio financeiro aos atletas, contudo o seu valor é variável e, no caso da participante, o valor que recebia era de aproximadamente R\$ 925,00 (novecentos e vinte e cinco reais), em 2022, valor menor do que o salário-mínimo²⁸ vigente no mesmo período. Infelizmente essa realidade não é exclusividade dessa atleta no Brasil.

²⁸ Salário-mínimo vigente no ano de 2022 foi de R\$ 1.212,00 (hum mil e duzentos e doze reais), de acordo com publicação no Diário Oficial da União. Disponível em <https://static.poder360.com.br/2021/12/DOU-MP-salario-minimo-2022.pdf>.

Camilo, Raucci e Furtado (2022) refletem que o governo deveria pensar a longo prazo no investimento e melhorias de treinamento de atletas profissionais de alto rendimento, visto que se pensa numa elite olímpica, principalmente em ano de competições, e que essa iniciativa além do investimento público também poderia ser maior, da mesma forma, na esfera privada.

A implementação de Políticas Públicas no cenário esportivo reflete a situação social brasileira, em que direitos fundamentais não são respeitados e garantidos à população. Quer seja na implantação de projetos de iniciação esportiva, quer no auxílio a atletas em competições e garantias legais ao trabalho destes, quer mesmo ao direito básico ao lazer, ações urgentes deveriam ser empreendidas e cumpridas, contudo, isso não acontece. Outra reflexão pertinente é a de que essas iniciativas de investimento devem integrar não só atletas do eixo sul-sudeste, mas incentivar também outras regiões, a exemplo do Nordeste.

De acordo com Epiphanyo e Batista (2020, p. 295), em relação à Psicologia do Esporte, a atuação do “[...] psicólogo ao atuar no esporte de performance, encontra-se em um ambiente de trabalho delicado do ponto de vista político, econômico e midiático, sendo necessário trazer compreensões que auxiliem para que não se afaste do seu papel”. Pensando o contexto do esporte enquanto categoria laboral, o trabalho desse profissional necessita ademais pensar as condições às quais as atletas estão submetidas e pensar práticas que lhes auxiliem refletir a sua subjetividade e a alienação em relação a entender-se enquanto classe trabalhadora (RUBIO; CAMILO, 2020).

O psicólogo no esporte preocupa-se para além da performance e dos resultados de títulos e medalhas, pois o seu fazer está voltado para o atleta enquanto ser humano e os fenômenos vivenciados por este para além do contexto esportivo, mas que, de certa forma, também impactam no seu desempenho.

A atuação do psicólogo do esporte não aumentaria a renda dessas atletas, mas certamente faria uma escuta acolhedora para suas angústias e conflitos e pensaria em estratégias de enfrentamento para essas questões, bem como nas alternativas de treinos em casa no período pandêmico.

5.2 Impactos psicológicos e pandemia

Nesse eixo, evidenciamos os impactos psicológicos experienciados pelas participantes e como elas perceberam a repercussão da pandemia em suas vidas. Assim, os questionamentos e incertezas diante das medidas de quarentena e o distanciamento social deram lugar à

insegurança e ao medo de contaminar-se e/ou transmitir o vírus, sentimentos recorrentes no cotidiano das atletas, conforme as falas a seguir.

Aquele **medo da socialização**... só que ao mesmo tempo a gente não tinha informação, então eu tinha receio de chegar lá [na casa do treinador] e meu maior medo era de passar covid (PARTICIPANTE 1)

Além da recomendação em manter-se em distanciamento social, havia presente também o medo e a insegurança sobre as formas de contágio, o que levou a participante 1 a negar o convite de seu treinador para que ela fosse a sua casa, pois lá havia mais materiais para continuidade das rotinas de treino, por medo de, porventura, contaminá-lo.

Não consegui me relacionar com outras pessoas, então fiquei me movimentando em casa... essa questão de **não poder me conectar com as pessoas**, eu acho também que foi um problema pra mim e todo mundo, ainda mais quem tem um bom relacionamento com as pessoas, de não poder ter aquele contato físico, é meio que, eu acho que foi um dos que eu achei mais de fato difícil, assim pra mim (PARTICIPANTE 2).

Pensando-se em como as relações sociais são relevantes para as pessoas, o relato da participante 2 atesta os impactos que a falta de interação social impôs as atletas. Revelando angústias relacionadas ao fato de não poderem conviver e treinar com seus pares, é demonstrado que, mesmo em esportes individuais, a coletividade muitas vezes encontrada em seus parceiros de treino exerce influência sobre os atletas.

Rubio (2010) argumenta que “o grupo restrito, do qual faz parte a equipe esportiva, persegue objetivos comuns a todos os seus membros que compartilham um determinado número de valores [...] produzindo comportamentos específicos que o caracterizam (p. 166)”.

Dessa forma, nos esportes individuais também podemos falar de coesão de grupo, uma vez que, em seus treinamentos, as entrevistadas são acompanhadas por outras atletas que compartilham da rotina de treinos e convivem diariamente umas com as outras, o que nos faz refletir que o distanciamento as impactou emocionalmente por não conseguirem, no período de quarentena, estar com seus grupos nos treinos.

Importante ressaltar que as vacinas contra à Covid-19 poderiam ter sido uma medida que propiciaria a amenização em relação ao medo quanto a socialização com outras pessoas, nesse período. Contudo, o início da vacinação, no Brasil, foi tardio em relação a outros países, tendo iniciado somente em janeiro de 2021.

A falta de informação sobre o vírus no momento inicial da pandemia aparece como um fenômeno de impedimento à manutenção de suas rotinas de treinos. P1 relata que nos primeiros

dias não treinou, pois, a insegurança diante do desconhecimento do vírus era maior que sua necessidade de treino como atleta. A pandemia lhe causou impactos diversos, de ordem psicológica e fisiológica, trazendo ainda indisposição para atividades cotidianas como sua fala expõe.

Não tem como a gente dizer que seguiu o ritmo dentro da normalidade, né? No primeiro momento onde a gente desconhecia tudo, veio a questão do isolamento e realmente a gente passou uns dias parados sem fazer nada e aí esses dias parados, são dias que, que são **muitos difíceis** pra gente que treina todos os dias, né? A gente **sente os impactos fisiológicos, emocionais**, as articulações parecem que ficam mais travadas, você parece que fica menos, assim nessas questões físicas, né, **indispostos** para fazer as atividades, de casa até porque na época a gente só estava em casa (PARTICIPANTE 1)

Para Matias, Dominsk e Marks (2020) “o autocuidado psicológico sistemático deve receber alta prioridade no enfrentamento dos impactos prejudiciais da COVID-19”, visto que a longo prazo ainda não sabemos que outras repercussões poderão advir destes acontecimentos. Os cuidados relativos à saúde mental constantemente são deixados de lado, entretanto, após o isolamento social, percebeu-se a importância que o cuidado com estas questões é necessária para o bem estar do sujeito.

A participante 3 declarou que durante a pandemia desencadeou questões relacionadas a sua autoestima e autoimagem, desenvolvendo dificuldade de falar em público, ainda que online, sobre assuntos que tinha domínio, como tópicos relacionados ao LPO, duvidando de sua própria capacidade. Recorreu à psicoterapia quando percebeu que precisava de ajuda para lidar com essas questões.

[...] eu **comecei a ter um problema**, talvez a gente se mantém forte, né, até um determinado ponto, mas aí a cabeça tem uma hora que dá um ‘opa, não [...] acho que eu vou precisar de uma ajuda’. Eu identifiquei que eu fiquei com uma **autoestima muito baixa**, eu fiquei com várias questões, assim, comigo mesma... na verdade eu senti quando eu comecei a gravar um curso online com meu marido. E eu senti uma **dificuldade de falar, achei que eu não fosse capaz**, e aí eu vi que aquilo ali não era meu... resolvi fazer a parte da *terapia online*, aí eu fiz durante um período, se eu não me engano foram 2 meses, aí foram suficientes para eu voltar a confiar em mim. Eu não notei que foi uma questão corporal (PARTICIPANTE 3).

A participante 3 discorreu, ainda, sobre outros impactos psicológicos percebidos, relacionados à ansiedade e estresse, associados ao diagnóstico de uma doença psicossomática, a artrite reumatoide. Os episódios ansiogênicos e estressores desencadeavam crises desta doença, causando dores em suas articulações. A participante percebe a relação entre seu adoecimento mental e físico, como consequências desse momento.

A **ansiedade** que eu identifiquei, foi que eu comecei a ter problema novamente [artrite reumatoide] ... foi um momento de estresse muito grande e que na pandemia voltou, então, por isso que eu identificava que tinha a ver também com ansiedade, porque essa doença ela tem questões **psicossomáticas**, então, eu sabia que eu estava com crise de ansiedade porque as minhas articulações começaram a entrar em sobrecarga (PARTICIPANTE 3).

Em pesquisa realizada conjuntamente pela Universidade americana de Stanford (2020) e um aplicativo voltado ao acompanhamento de performance de atletas, o *Strava*, os resultados apresentados relatam os impactos da Covid-19 em diversos aspectos da vida desses atletas, dentre estes a saúde mental.

Os achados foram que durante o período restritivo eles sentiram-se mais ansiosos, nervosos e depressivos, em comparação ao período anterior à pandemia; relataram ainda diminuição de autoestima, dentre outros achados que demonstram os impactos psicológicos na vida de atletas de alto rendimento durante a pandemia, os quais coadunam com esta pesquisa.

A participante 2 expôs o desenvolvimento de transtorno alimentar após o campeonato brasileiro de que participou. Relatou que diante da necessidade da rápida perda de peso, para atingir a meta necessária, se sentia nervosa e ansiosa para atingir o peso estabelecido na categoria que disputaria.

Aí desenvolvi **compulsão alimentar**, aí eu fui trabalhando, né? Tive que trabalhar essa parte psicológica também que eu fiquei muito assim, sei lá, com muito nervosismo. Então isso foi uma coisa que me afetou muito, que depois que eu perdi esse peso todo desenvolvi uma compulsão alimentar, né, né, e eu ficava assim muito, eu meio que quase, eu não cheguei a entrar em depressão, mas eu **desenvolvi alguns transtornos**, tipo, eu ficava **ansiosa** demais, **nervosa** demais pelo fato de bater a categoria, **estresse**, então tudo isso meio que, aí foi logo depois da pandemia, que eu tive esse choque assim [...] *Mas isso você não relaciona ao período da pandemia ou você acha que foi outro fator?* (Pesquisadora) P2 - Eu acho que meio que ficou tudo ligado, porque ficou aquele período todo sem treinar, aí migrei para o levantamento, então já era algo que foi novo pra mim [...] foi tipo muito seguido uma coisa com a outra. Porque também, o fato de não estar tendo competições, quando teve, né, meio que pegou todo mundo de surpresa, foi uma data muito em cima, então meio que acho que tá ligado a **pandemia** também (PARTICIPANTE 2).

Consideramos que a maneira súbita em que a atleta relata ter-se submetido à perda de peso para bater a meta exigida em sua categoria de competição desencadeou os transtornos relatados. Ainda sobre o relato acima exposto, a participante declarou que ocorreu após o período pandêmico, contudo, ao ser questionada se achava que teria relação com o tempo passado em isolamento social, ela concordou e relacionou o fato a outras acontecimentos que havia ocorrido na pandemia e culminaram no desenvolvimento do transtorno alimentar.

Em algumas modalidades, como no Levantamento de Peso, a proximidade dos períodos competitivos pode alterar a rotina alimentar em praticantes de esporte de alto rendimento, as exigências físicas combinadas às modificações severas podem ensejar o desenvolvimento de transtornos alimentares em alguns atletas, principalmente em modalidades com categorias de peso que estabelecem exigências de metas de pesagem antes das disputas.

A depender dos resultados buscados pode haver o aumento ou a restrição da ingestão diária de alimentos. Almeida (2010) argumenta que, havendo a necessidade de ganho ou perda de peso para a melhora no desempenho de resultados do atleta, este plano deve ser estruturado por profissionais adequados, pensando tanto no aspecto nutricional quanto no suporte emocional ao atleta, visando o menor impacto a saúde do mesmo

Essas alterações alimentares nem sempre são acompanhadas por equipes multiprofissionais – com psicólogos e nutricionista, por exemplo – para realizarem metas com parâmetros passíveis de serem alcançados sem o desgaste psicológico, nutricional e físico do atleta. A psicologia do esporte está atenta a essa realidade e o

O trabalho do psicólogo do esporte tem como objetivo a potencialização das capacidades psíquicas dos atletas para obter melhores resultados, trabalhar conflitos ou aspectos psíquicos que possam influenciar negativamente na busca dos resultados esportivos, mas, além disto, enfatizamos como um dos principais objetivos cuidar da pessoa do atleta, para que este tenha em suas experiências esportivas, condições de evoluir não só como atleta, mas principalmente como pessoa (EPIPHANIO; BATISTA, 2020, p. 299).

Em meio a impactos a saúde mental de atletas, a psicologia do esporte deve empenhar-se nas demandas além da busca de performance visando a melhora de resultados, mas também preocupar-se com ações que considerem as perturbações extra treinamento e visem o atleta como um todo, levando-se em conta que este é afetado pelas relações sociais e contingências diversas, como foi o caso da Covid-19.

5.3 Treino durante a pandemia – benefícios na saúde física e mental

Durante o isolamento imposto pela Covid-19, o exercício físico foi uma ferramenta utilizada por muitas pessoas como forma de manutenção da saúde física, inclusive recomendada por instituições de saúde, como a OMS, por sua contribuição ao bem-estar físico e, também, benefícios à saúde mental. Ademais, para atletas profissionais, diversas implicações se apresentaram no período pandêmico, incluindo-se vários impactos psicológicos, como relatados

anteriormente. Muitas pessoas que não praticavam exercícios passaram a ter essa prática em casa. Os atletas tiveram que adaptar suas rotinas de treinos e conviver com o ambiente caseiro.

Para as entrevistadas, manter os treinos, ainda que de forma diminuta, durante o isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19, trouxe benefícios tanto no condicionamento físico quanto na sua saúde mental. As vivências que tiveram nesse período ilustram conforme trecho abaixo.

Eu **continuei treinando** me mantive **ativa** com outros tipos de movimento, mas eu e meu marido conversávamos periodicamente e que sabíamos que aquilo ali seria um período. Como **treinadores** a gente sabia que ficar parado não ia ser bom, então, a gente **auxiliava nossos atletas** a se mexerem de alguma forma, nem que fosse uma **caminhada**, uma **corrida**, valia tudo, agora **manter o corpo ativo**, porque aquilo ali uma hora ia passar e quem ficasse totalmente parado, tanto a gente quanto eles [...] já ia ter uma dificuldade em voltar [...] então a parte do trabalho, do treinamento, **ajudou** na minha **saúde mental** (PARTICIPANTE 3).

Como citado por P3, estabelecer a continuidade dos treinos, ainda que fosse realizando caminhadas e/ou corridas, era uma forma de incentivar as atletas a manterem o condicionamento físico, tendo em vista que o isolamento iria cessar em determinado momento e poderiam reestabelecer suas rotinas. De acordo com a participante manter-se ativa, tanto em seus treinos quanto no papel de treinadora, no auxílio a outros atletas, foi benéfico a sua saúde mental.

A rotina dos treinos auxiliou o cotidiano das atletas a passarem pelo período em que houve a falta de informação acerca de modos de transmissão da Covid-19 – contaminação, sintomas, vacina, dentre outros – durante o distanciamento social. As atletas estabeleceram várias estratégias, visando manter o condicionamento físico, pensando no retorno aos treinos presenciais e as competições. Dentre elas podemos citar o aluguel de materiais, o uso de objetos em substituição aos equipamentos, a utilização de treinos por vídeo com seus treinadores, outras táticas utilizadas incluíram-se também, a meditação e a organização do plano alimentar.

De acordo com P1, o estabelecimento da rotina de treinos, simulando como se fosse para o centro de treinamento, juntamente com a meditação foram fatores que a auxiliavam e a suas filhas a passarem pelo isolamento social, e que essas ações lhes amparavam na superação do estado ansioso causado pelo momento que viviam. A atleta adaptou materiais que já tinha em casa para prosseguir treinando, e que seu treinador indicava exercícios com acessórios para que não perdesse o condicionamento físico, intencionando o retorno as atividades presenciais.

Duas coisas que a gente fazia bem que eu estabeleci bem na rotina: **treinar e meditar**. Treinar e meditar pra ver se **melhorava essa questão da ansiedade do momento**. E aí a gente começou a fazer os **treinos**, principalmente de **acessório**, a gente conseguiu

uma **barra**, que não era barra de levantamento, mas aí a gente foi **adaptando**, então ele passava os treinos pra gente de acessório, mas pra que a gente **não perdesse muito**, né, de quando a gente **voltasse**. Aí assim a gente foi fazendo no terraço de casa. [...] Então eu tinha uma **rotina**, acordava como se tivesse que ir para lá, tomava o café e ia treinar (PARTICIPANTE 1).

O relato seguinte, da P1, demonstra a utilização do treino físico para a redução da ansiedade acarretada pela pandemia e na melhora das crises emocional vivida pela filha. Percebeu-se que as estratégias de treinamento desenvolvidas individualmente pelas atletas, para além de soluções caseiras, foram elaboradas, muitas vezes, com o auxílio dos treinadores, que se dispuseram neste período a dar continuidade, mesmo que de maneira limitada pelo distanciamento.

Eu tenho duas filhas, [...] uma delas na época foi muito bombardeada por que ela é asmática, então veio aquela história de quem é asmático, né? Aí ela entrou numa crise emocional, meio de crise de pânico da situação, e aí uma vez ela desmaiou em casa e a gente começou a perceber que era algo do medo da situação. Aí eu disse, não, vamos treinar, e aí a gente começou. E aí ele **[treinador] mandava os treinos e com o material que a gente tinha em casa a gente começou a treinar** e eu coloquei ela pra treinar, então ela treinou e melhorou bem isso aí, né, se **sentiu confiante** (PARTICIPANTE 1).

Antes da pandemia, a P2 relatou que treinava em um box de *crossfit*, e que o referido estabelecimento alugou equipamentos durante o isolamento e ela realizava treinos funcionais em casa objetivando o seu bem-estar mental. Seu relato ainda evidencia sobre conhecidos seus terem passado por problemas psicológicos durante a pandemia, mas percebia que se ter mantido ativa durante a quarentena e por ter treinamento anterior de alto rendimento haviam-lhe auxiliado a passar por esse momento com menos impactos, assim como outras pessoas com o mesmo perfil de prática esportiva.

Era tipo uns **funcionais**, assim, o box que eu treinava [antes da pandemia] começou a **alugar uns materiais** para os alunos e aí eu peguei algumas coisas e ficava fazendo um treino mesmo em casa, assim, só para eu me mexer, sei lá, só para **não surtar** porque a gente tava trancado em casa, **confinado** (PARTICIPANTE 2).

Conheço várias pessoas que tiveram mesmo problema de depressão [durante o isolamento], tudo mais, mas eu por sempre ter sido **ativa**, né, e eu meio que tentei não deixar isso me afetar de certa forma. Então assim, essa parte de **conseguir me mexer** em casa conseguir fazer uns **exercícios**, tentar me manter **ativa**, eu acho que isso **me ajudou bastante**, de alguma forma [...] acho que quem já treinava antes da pandemia, treino de atleta mesmo, durante a pandemia conseguiu manter um pouco o ritmo, para quem praticava esporte conseguiu **suplantar** alguns **obstáculos** e conseguiu passar (PARTICIPANTE 2).

Percebe-se que as atletas relatam uma relação benéfica entre as práticas físicas realizadas durante o isolamento e a preservação do condicionamento físico, intencionando o retorno aos treinos e as competições. Em relação à conservação de sua saúde mental, as participantes empreenderam estratégias variadas para a superação dos empecilhos e impedimentos vivenciados neste período, impostos pela Covid-19.

O medo imposto pela Covid-19 foi vivido pela maioria da população mundial, do mesmo modo por atletas e os outros personagens que compõem esse espaço, visto que “[...] não havia estrutura de treinamento para a maioria dos esportes, tanto na prática quanto na prevenção, no que diz respeito às medidas para evitar a disseminação do COVID-19” (CAMILO; RAUCCI; FURTADO, 2022, p. 333[tradução nossa]).

Dessa maneira, os relatos das participantes confirmam que o esforço realizado pelos treinadores, demonstrando um papel importante na manutenção dos treinamentos das atletas e, mesmo sem estruturas e materiais adequados, desenvolveram inúmeras estratégias, respeitando a situação vivida por cada atleta, dando suporte e pensando no bem-estar emocional além da manutenção do condicionamento das atletas.

Os resultados encontrados neste tópico coadunam com estudo realizado por Pellino *et al.* (2022) em que os autores demonstram em uma revisão de literatura sobre os impactos do isolamento social em atletas de elite durante a pandemia, tendo constado que as habilidades adquiridas anteriormente em lidar com eventos estressantes relacionados a treinos intensos e competições se mostraram importantes no gerenciamento frente a situações vividas durante o confinamento, e mesmo que tenham sofrido impactos psicológicos (como em nossa análise no item 5.2), os treinamentos durante o confinamento foram benéficos para a manutenção da saúde física e mental.

Considerando outras pesquisas (MATIAS; DOMINSK; MARKS, 2020; CHEN *et al.*, 2020; CAMILO; RAUCCI; FURTADO, 2022; PELLINO *et al.* 2022) a manutenção dos treinos pelas atletas demonstrou que manter a propósito de seguir treinando, ainda que com limitações, promoveu benefícios a saúde mental das atletas, além de proporcionar a preservação do condicionamento físico.

A Psicologia do Esporte tem-se mostrado atenta nas relações concernentes ao entendimento global do atleta, considerando suas características biopsicossociais, pensando os impactos sociais no sujeito como pertencentes ao seu fazer profissional. Durante a pandemia ocorreram lives, posts e outras publicações por meio de rede sociais em que os profissionais da PE desempenharam papel importante na disseminação de conteúdos relacionados ao cuidado com a saúde mental no esporte, e, em geral, em tempos de pandemia. Atentar-se nestas relações

vivenciais permite ao psicólogo do esporte refletir sobre ações que auxiliem a saúde mental do atleta.

5.4 Acompanhamento psicológico no esporte

Falar de acompanhamento psicológico no esporte não é algo relacionado somente aos atletas de alta performance: várias adversidades relacionadas ao esporte e ao exercício físico podem incluir-se em diversos outros campos de atuação dessa área no ambiente esportivo. Todavia, o acompanhamento psicológico voltado ao contexto de alta performance e competições deve ser pensado não apenas quando há um problema instalado necessitando de solução, mas, sim, desde as bases da iniciação esportiva, de forma preventiva.

Exemplos não faltam na mídia, que durante e após a pandemia passou a contemplar o tema de saúde mental no esporte com mais vigor, principalmente após a repercussão nos JO de Tóquio, onde a atleta Simone Biles veio a público falar sobre o assunto. Depois dela outros atletas também se juntaram manifestando preocupação sobre a importância dos cuidados com a saúde mental e a relevância da Psicologia no âmbito esportivo.

Diversos aspectos já relatados nos tópicos anteriores, a exemplo do transtorno alimentar apresentado por uma das participantes, e outras questões como ansiedade, relatada em outra entrevistada, se relacionam diretamente com este tópico, contudo para pensarmos sobre o acompanhamento psicológico no LPO traremos os trechos, a seguir, expressos nas narrativas das atletas.

As pressões a que as atletas são submetidas em relação a metas de peso podem ser demonstrados na fala da P2:

Eu ainda tive um grande **problema**, eu acho que isso é até interessante falar porque atletas que treinam nesses esportes que tem **categoria** [de peso], ele **sofre muito**, tipo, nessa **perda de peso**, que eu tive que passar por isso, no caso [...] eu tava indo muito bem com relação a alimentação E aí, surpresa, vai ter que **baixar a categoria**! Eu tive que **perder oito quilos** em praticamente **um mês e meio a dois meses**. Então, eu tive que fazer uma **restrição** muito grande para bater a categoria [...]. *Você fez acompanhamento psicológico por essa situação da compulsão alimentar, que você falou [citado anteriormente]?* Já, aí **deu tudo certo**, porque depois que passou a competição foi só alívio e eu voltei para a minha categoria mesmo, que agora é XXkg, que é uma categoria bem mais tranquila pra mim. Então tem que **saber lidar** com essa **parte emocional no esporte** também (PARTICIPANTE 2).

A atleta em sua narrativa revela o sofrimento pelo qual passou para atingir a meta de pesagem, e que a restrição alimentar severa que realizou lhe trouxe consequências posteriores, – compulsão alimentar já mencionada no tópico 5.2. Quando questionada sobre ter realizado

acompanhamento psicológico para lidar com a compulsão alimentar, ela respondeu brevemente que havia feito – sem entrar em detalhes, mas declarou também que considera importante trabalhar a parte emocional no esporte.

As metas para bater o peso desejado nas categorias competidas deveriam ser acompanhadas mesmo antes dos campeonatos, para além do desenvolvimento de transtornos alimentares, outras questões podem ser relacionadas com essa prática, como problemas com a autoimagem também. O corpo como instrumento de trabalho da atleta está exposto a práticas nem sempre saudáveis para o atingimento de metas impostas a seus desempenhos (MUNIZ; RIBEIRO, 2020). Essas metas revelam-se muitas vezes desumanas, contudo, para obter a perda de peso, tornam-se muitas vezes decisivas ao atleta numa competição.

Os atletas de alto rendimento sobretudo estão vulneráveis tanto no que diz respeito à saúde física, risco de lesões, quanto à saúde mental, com o desenvolvimento de transtornos e outros impactos psicológicos.

As decisões tomadas pela atleta P3, expostas abaixo, ainda que não tenham relação direta com o contexto esportivo, evidenciam o benefício que a psicoterapia teve em sua vida durante o período da pandemia, em que ela deliberou acerca de algo que a inquietava durante seu acompanhamento psicológico e pode ter uma resolução sobre a questão.

Foi a melhor coisa que eu fiz [decisões relacionadas ao filho], quando eu tirei aquilo ali foi um **alívio**, porque quando eu parava para pensar, a **terapia** foi que me direcionou (PARTICIPANTE 3)

Ambos os relatos apresentados coadunam com o pensamento apresentado por Epiphânio e Batista (2020, p. 299), sobre o fazer do profissional da Psicologia no contexto esportivo:

O trabalho do psicólogo do esporte tem como objetivo a potencialização das capacidades psíquicas dos atletas para obter melhores resultados, trabalhar conflitos ou aspectos psíquicos que possam influenciar negativamente na busca dos resultados esportivos, mas, além disto, enfatizamos como um dos principais objetivos cuidar da pessoa do atleta, para que este tenha em suas experiências esportivas, condições de evoluir não só como atleta, mas principalmente como pessoa.

Na busca incessante por conquistas e títulos, esqueceu-se que atleta também é um ser humano, e não uma máquina competitiva exigida por muitos para atender às performances. Acolhê-lo com suas demandas para além do desempenho é papel da psicologia do esporte, que deve aprimorar seu olhar para além da busca de resultados e títulos e voltar-se para o bem-estar do esportista (PIERI; GARCIA, 2020).

A psicologia aplicada ao esporte pode trazer benefícios, tendo como “foco [...] ajudar a melhorar o estado psicológico do esportista e que a melhora de sua performance é/será consequência disso” (PIERI; GARCIA, 2020, p. 60). Assim, as questões pessoais de atletas também podem interferir diretamente na performance da esportista, causando-lhe inquietações que perturbam sua saúde mental, e consequentemente seu desempenho. Vale ressaltar que, em caso de necessidade, pode haver um encaminhamento ao psicólogo clínico neste contexto, ou a um psicólogo clínico do esporte, cujo conhecimento acerca da área do esporte poderá auxiliá-lo no manejo das demandas de atletas atendidos.

5.5 Relações de cuidado e maternidade

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a repercussão da pandemia da Covid-19 na vida das mulheres foi vivenciada com maior impacto na saúde mental, em comparação com a população masculina, visto que, para além das atribulações trazidas pelo vírus, as demandas de cuidado com os lares e familiares incidiu sobre elas (OPAS, 2021).

Concernente com as situações vividas durante a Covid-19, o relato de P3 expressa as repercussões da pandemia através de uma sobrecarga mental, da preocupação constante com a rotina da casa e o cuidado com o filho em suas demandas escolares, e como foi demasiado para sua saúde mental. A participante manifesta que nas redes sociais se deparava com falas sobre a situação de isolamento ter sido um momento de descanso e que para ela foi esse um período intenso, em que não tinha tempo para dedicar-se nem a si mesma, contudo, dentre todas as suas demandas, expressiu que foi a maternidade que lhe impôs maiores adversidades.

Acho que **rotina da casa**, a **preocupação com o filho**, fazendo **comida**, **faxina**, dando conta de **escola**, aí aluno que chegava lá de hora em hora, então, foi uma demanda realmente para a minha cabeça, foi grande e que eu **não estava acostumada**, eu fazia comida e estava o tempo todo preocupada com tudo. Eu digo que a pandemia para mim não foi nenhum tipo de descanso. Eu brinco com a minha mãe dizendo: ‘mãe as pessoas vão para as redes sociais falar, olha você que está tipo assim à toa’, **eu nunca fiquei à toa**, eu estava sempre fazendo alguma coisa, sempre, teve até um dia que eu fui para a rede social para falar sobre isso, gente, não, quem que não está fazendo nada? Eu falei, **meu tempo estava curto para mim mesma**, até, entendeu. [...] o impacto maior foi na **maternidade** lidar com essa questão da **escola** do meu filho, de **dar conta da casa**, essa questão dos **serviços de casa** e da maternidade (PARTICIPANTE 3).

Diante de tantos papéis a serem desempenhados o relato evidencia que a maternidade se impôs como a maior demanda para P3. As atletas estão sujeitas à expectativa social de que,

como mulheres e mães, devem cuidar da casa, dos filhos, além de suas atividades profissionais. Isso implica num princípio moral estabelecido socioculturalmente de que o cuidado é papel feminino, numa ética que normatiza suas vidas (MCGANNON *et al.*, 2012, ZANELLO, 2019).

Durante a pandemia, a rotina de cuidados com filhos e casa foram responsabilidades a que a participante 3 não estava acostumada em seu cotidiano, pois antes da pandemia tinha cotidianamente a rotina de treinos extensas e em sua casa uma funcionária que desempenhava os trabalhos domésticos. Entretanto, durante o isolamento, mesmo tendo um companheiro, foi sobre ela que recaiu a dinâmica dos cuidados de sua residência, posto que é sobre a mulher que a sociedade espera que os afazeres domésticos sejam executados.

O processo de subjetivação feminina é embricado por questões socioculturais, já que as performances de cuidado a que são ensinadas desde o nascimento modelam suas práticas e as constituem enquanto cuidadoras em nossa sociedade (ZANELLO, 2019).

Tal afirmação coaduna com a vivência da participante 3, a seguir, quando revela ter-se envergonhado por não ter dado conta de auxiliar seu filho nas demandas escolares, que passaram a ser de forma remota. Percebeu-se sobrecarregada com essa tarefa, tendo isto interferido no seu relacionamento familiar. P3 consegue compartilhar sua dificuldade e angústia com o marido, gerando alívio e a busca de estratégias em parceria para solucionar o problema. Mas nem sempre as mulheres conseguem reagir ou enfrentar esses problemas dessa forma. Em geral, assumem sozinhas a responsabilidades e a culpa por não conseguirem lidar com os problemas.

Eu tinha muita **vergonha** de dizer que eu **não estava dando** conta do negócio da escola, eu acho que aquilo ali era o que mais me deixava mais apreensiva e quando eu descobri isso o que que eu fiz, eu chamei meu marido e falei. Foi quando a gente resolveu não, que ele não ia mais fazer a escola online... e aí foi quando **eu decidi, também com meu marido**. Eu identifiquei o que, o que mais me **sobrecarregava** era essa questão da escola do meu filho, quando eu tirei isso, quando eu me aceitei que eu, que eu não estava dando conta, que eu ia parar aquilo ali, que até **meu relacionamento com o meu filho** estava péssimo, entendeu, já era um período difícil, aí eu falei, não, não vai mais fazer (PARTICIPANTE 3).

Com a pandemia “Uma grande carga de estresse parental veio como consequência, em especial para as mães, que normalmente carregam a maior parte do cuidado de crianças [...] relataram sentimentos mais ansiosos, agitação, temerosas ou deprimidas devido a recursos financeiros e sociais limitados” (ALMEIDA *et al.*, 2020, p. 744).

A situação narrada a seguir por P1 manifesta que durante o isolamento social na pandemia, além da preocupação com o seu próprio bem-estar, ela ainda direcionava cuidado a

filha, organizando diariamente formas para tranquilizá-la, o que de acordo com a entrevistada servia como uma autofala para mitigar suas próprias inquietações.

Aí eu vi **minha filha tendo ansiedade...** se ela está assim, a gente tem que se organizar para não acontecer com mais ninguém, aí eu fui trabalhando isso nela, minha filha, um dia de cada vez, não quer dizer que ninguém vai pegar, cada um reage de uma forma, aí eu acho que **da mesma forma que eu falava para ela eu estava falando para mim mesma** (PARTICIPANTE 1).

As atletas entrevistadas, assim como outras mulheres, nesse período pandêmico, passaram por dificuldades relacionada aos cuidados consigo e com outras pessoas, tornando as relações de cuidado um forte peso em suas rotinas, especialmente nas atletas mães. “Os processos de subjetivação engendrados criam também vulnerabilidades identitárias específicas e diferenciadas para homens e mulheres as quais se evidenciam no sofrimento psíquico” (ZANELLO, 2019, p. 57).

Essas vivências ilustram as dificuldades de mulheres atletas em administrar vários papéis como profissionais e mães, mas também demonstram a importância de uma rede de apoio parental, em que se possam dividir as inquietações e diminuir, assim, sobremaneira a sobrecarga materna.

5.6 Preconceitos

Após as restrições de participação nos esportes considerados masculinizantes, às mulheres eram destinados os esportes que lhes demonstrasse a graça e a beleza, contudo, ainda que lentamente, as modalidades interditas foram sendo ocupadas, refletindo serem compatíveis com a prática das mulheres atletas (CIDADE; ROCHA, 2004; PEREIRA, 2019).

Os padrões e restrições ao corpo da mulher permanecem nos dias atuais e para mulheres que escolhem praticar um esporte que lhes exija força, como o LPO, o preconceito vem à tona, às vezes de forma velada, como P1 relata sobre o corpo musculoso que algumas atletas têm em sua modalidade.

A questão do **corpo** tem muito a ver também, por exemplo, às vezes o povo fala: ‘eita fulana é muito **musculosa**’, mas ela faz oito ou nove anos de prática, mas antes disso a fulana já praticava outras modalidades, a vida inteira, nada desde criança e faz musculação. Eu faço levantamento há quatro anos, eu mudei muito, mas é uma coisa que a gente vai conquistando com o tempo (PARTICIPANTE 1)

Percebe-se que as pessoas que fazem estas alusões desconsideram que essas atletas praticaram outros esportes desde mais novas e que os músculos que possuem são resultados de anos de práticas esportivas, não necessariamente em função do LPO.

No esporte diferentes modalidades exigem diferentes tipos de corpo e o preconceito acerca dos corpos femininos ultrapassa o âmbito esportivo, deslocando-se para toda a sociedade. Na verdade, o processo é exatamente reverso: é socioculturalmente determinado e trespassa pelo campo esportivo. “Aqui é necessário pensar nos processos por meio dos quais a cultura participa e configura certos traços, performances e afetos, socialmente valorizados, inibindo outros que, quando expressos, causam conflitos sociais para o sujeito” (ZANELLO, 2018, p. 32).

Assim, “pode-se ter a impressão de que as pressões sociais sobre as mulheres cederam ou se atenuaram. Na realidade, as pressões e tensões não desaparecem, elas foram substituídas, renovadas, recriadas” (CIDADE; ROCHA, 2004, p. 51). Como é o caso da pressão exercida sobre os corpos femininos nas práticas esportivas.

Dessa maneira, no esporte é necessário o confronto a essas práticas discriminatórias que se interpõem com cobranças relativas ao corpo feminino, cabendo também a Psicologia do Esporte auxiliar as atletas a construir estratégias de enfrentamento diante desses mecanismos sociais estruturais.

Em relação ao LPO, a participante 3 reflete sobre o LPO no Brasil, por não se ter desenvolvido como em outros países. Na sua percepção nossa sociedade associa que carregar peso seria uma tarefa subalterna, designada historicamente aos escravizados e posteriormente a pessoas pertencentes à classe econômica desfavorecida.

Aqui no Brasil o **peso** é fardo no dicionário, então na nossa cultura por ninguém querer, porque, antigamente quem é que carregava peso? Eram os escravos, as pessoas de baixa renda, então quem queria carregar peso? Ninguém. O que é muito errado, né? (PARTICIPANTE 3)

Esse modo de pensar socialmente carregado de preconceito diante da configuração da modalidade soma-se aos corpos fortes e, por vezes musculosos, que as mulheres adquirem para competir. Corroborar com isso o desconhecimento que as pessoas têm acerca da modalidade e dos benefícios que a prática de exercícios físicos pode ensejar ao longo da vida dos praticantes. Para P1 a atividade de carregar peso faz parte do cotidiano e o LPO é erroneamente vinculada ao *crossfit*.

O levantamento tem uns **preconceitos** porque as pessoas não conhecem a modalidade, pensa que vai se machucar, mas em primeiro lugar a gente prima pelo postural. Já começaram a ligar o *crossfit*, que não tem nada a ver. E aí o povo fala: ‘Ah, vai ficar levantando peso!’ Mas tu vai no supermercado e carrega peso, tu vai carregar um filho, um neto, um sobrinho, tu precisa carregar. Então o peso em si, é o preconceito que o povo utiliza, então assim (PARTICIPANTE 1)

É compreensível a discordância de P1 sobre essa associação do LPO ao *crossfit*, que se tornou uma prática mais aceita socialmente, apesar de também incluir levantamento de peso em seu treinamento, dentre outros exercícios. Assim, socialmente a mulher pode levantar peso fazendo *crossfit*, mas ser atleta de LPO a deixaria musculosa demais, segundo o senso comum.

A atuação feminina sempre gerou polêmicas no LPO e, não à toa que a inserção feminina foi recente. As discussões acerca da presença feminina no LPO fundamentam-se numa perspectiva de pensamento de parte da sociedade, se não a maioria, de que o Levantamento de Peso Olímpico com seus atributos masculinizantes não seriam adequados a elas; desta maneira, as mulheres enfrentam até hoje obstáculos relacionados à prática nessa modalidade (MEZZADRI, 2016).

As mulheres atletas estão ocupando cada vez mais espaços antes interditos, a exemplo do Levantamento de Peso Olímpico. No LPO as atletas expressaram em suas narrativas resistência acerca dos preconceitos sobre seus corpos, revelando a luta contínua pela consolidação de seus espaços em ambientes hegemonicamente masculinos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou relatar a vivência de mulheres atletas profissionais do LPO durante o isolamento social, assim como os obstáculos impostos pela Covid-19, sobre suas vidas e os possíveis impactos em sua saúde mental. Consideramos a relevância deste estudo ressaltando a importância de pesquisas que realizem o recorte de gênero, permitindo um olhar mais aprofundado em relação à vivência de mulheres durante o isolamento social, sobretudo em relação à modalidade em questão.

Sobre as limitações, o campo de trabalho para atletas no Maranhão já é escasso, contudo na modalidade escolhida ainda se apresenta diminuta prática competitiva, o que ensejou à pesquisadora ter dificuldade em encontrar atletas que atendessem aos requisitos da pesquisa, entretanto, devido ao caráter qualitativo da pesquisa, os relatos foram riquíssimos em conteúdo para percebermos as repercussões da Covid-19 na vivência dessas mulheres, tanto no que se refere aos fenômenos relacionados ao esporte quanto à vida pessoal que as atletas expuseram.

Entendemos que o fenômeno da consciência não ocorre despartado do “mundo da vida”, permitindo inferirmos que as constituições de vida para essas mulheres, o estar no mundo e suas experiências, mesmo sendo plurais, de alguma maneira se inter cruzaram. Assim, pensar o esporte e a saúde mental na perspectiva da experiência vivida por mulheres atletas durante a pandemia da Covid 19, à luz da Fenomenologia, possibilitou acessar o sentido da percepção de que essas mulheres têm sobre vivências, pessoais e profissionais, abrindo espaços investigativos para novas questões que possam comparecer a partir de tais fenômenos.

Em relação à vulnerabilidade financeira das atletas, contata-se ser necessário proporcionar estabilidade econômica para que as atletas possam ter garantias para a permanência na prática profissional esportiva. De acordo com o relato das atletas, sustentar-se somente pelos ganhos como atleta profissional ainda é utópico para elas, uma vez que as relações que empreendem com a prática profissional ainda necessitam de complementação com outra atividade remunerada.

Sem garantias legais ou políticas que as resguardecem, e na maioria das modalidades esportivas dependendo de contratos que não permitem a gravidez, observa-se que o comportamento imputado às atletas precariza suas escolhas, atribuindo-lhes a responsabilidade individual de desenvolver estratégias para estas questões. Assim, pensa-se que relacionar a Psicologia do Esporte e a Psicologia do Trabalho permite um olhar transversal sobre as atletas

e as relações com o trabalho na prática esportiva de alto rendimento profissional, buscando-se reflexões acerca desta temática.

Pensando ainda numa outra perspectiva, as Políticas Públicas poderiam fomentar no esporte garantias de trabalho, a exemplo das mulheres atletas profissionais de alto rendimento, em que demandas relacionadas às suas vidas pessoais e carreiras as relegam ao adiamento ou a não escolha da maternidade. A Psicologia do Esporte deve atentar-se a estas ao acolhimento e fortalecimento das atletas com desenvolvimento de estratégias relacionadas a estas demandas.

Diante das medidas de isolamento, as incertezas sobre o momento e outras questões geraram impactos psicológicos às atletas. Cabe-se, desta forma, o estabelecimento de medidas que em situações semelhantes possam reduzir os impactos psicológicos, pois esses procedimentos não podem ser pensados em relação a estratégias pessoais, mas principalmente de Políticas Públicas que orientem e criem programas que resguardecam a saúde mental da população.

Em relação aos treinos durante a pandemia, foram percebidos os benefícios da continuação do treinamento das atletas, para a saúde mental das participantes e a preservação do condicionamento físico para o retorno ao treinamento após o período de isolamento social. O acompanhamento psicológico relatado pelas participantes demonstrou-se positivo na resolução de questões pontuais vividas pelas atletas durante a pandemia. Ressalte-se o suporte dos treinadores nesse momento, que foi de fundamental importância para as atletas.

Frente a tantas demandas imputadas às mulheres durante a pandemia, as atletas também sofreram exigências relacionadas às relações de cuidado e da maternidade. É necessário, pois, pensarmos em estratégias para rompermos as normas de cuidado incididas sobre as mulheres. As atletas necessitam de um olhar aprofundado acerca dessas questões que lhes perpassam como mulheres para gerenciar seus papéis, tanto na profissão quanto em suas vidas pessoais. Destarte, portanto, outras pesquisas auxiliariam a se ter mais perspectivas e pontos de vista acerca do tema.

No que diz respeito aos preconceitos relatados pelas atletas nesta pesquisa, ainda que estereótipos relacionados ao gênero ainda atravessem a vivência dessas mulheres na modalidade, elas demonstram a suplantação de algumas adversidades. Percebe-se que as pressões sofridas continuam sendo combatidas, e através da prática esportiva no LPO, como as atletas entrevistadas nessa pesquisa, continuarão a transpor barreiras dantes impostas. A quebra de paradigmas ao longo da história só foi possível através da luta e resistência de mulheres que irromperam os espaços hegemonicamente masculinos.

Percebemos que a inclusão feminina no esporte ainda apresenta percalços, porém como historicamente percorridos nesta pesquisa, a luta é longa, mas cheia de vitórias. O Maranhão, embora tenha na história do esporte exemplos de modalidades coletivas femininas, ainda apresenta diminuto investimento na prática profissional esportiva em geral, especialmente no LPO. Muitas adversidades estão presentes na vida dos atletas, principalmente nas categorias femininas, que além da falta de investimento incluem dilemas e preconceitos diante do que a sociedade espera das mulheres, a exemplo da maternidade, de ser mulher e atleta.

Acreditamos que os relatos e as discussões contidas nesta dissertação ilustram que a prática do psicólogo do esporte nesse contexto é fundamental para auxiliar no cuidado do bem-estar e na saúde mental das atletas, bem como a questões relacionadas à área da Psicologia do Trabalho, com elementos pertinentes para colaborar com futuras pesquisas, quanto também para a Psicologia de maneira geral.

Considera-se que os objetivos desta pesquisa foram atendidos, contudo, observa-se que para cada indivíduo os fenômenos se constituem de maneira distinta, mas pode ser pesquisado e novos olhares e resultados contribuirão com a temática pesquisada.

Destarte acredita-se que a elaboração de Políticas Públicas que se relacionem ao campo esportivo possam fornecer à sociedade práticas que assegurem o bem-estar da saúde mental e física, e que a Psicologia do Esporte não reproduza em sua prática ações excludentes e possa promover com responsabilidade social o desenvolvimento integral, não apenas quanto às questões atléticas e competitivas, mas também o desenvolvimento de habilidades sociais, os aspectos afetivos e cognitivos, a inclusão social, dentre outros, e não se relacionando apenas ao alto rendimento e a busca de reconhecimento social através do esporte.

Nesse sentido, pensando no esporte como possibilidade de inclusão social e favorecimento da saúde tanto física quanto mental, a Psicologia do Esporte pode refletir seu compromisso ético-social contribuindo sobremaneira com ações que fomentem estratégias, relacionadas à prática esportiva, a outras formas de pensamento que não somente a do ganho econômico pelos atletas.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, Dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2003000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 17 maio 2021.
- ALECRIM, J. V. C. Uma análise sobre a essencialidade das academias e possíveis alternativas para prática de exercícios. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 6, p. 48-52, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/122>. Acesso em: 29 mar. 2023.
- ALMEIDA, P. E. M. Transtornos alimentares e atividade esportiva. In: RUBIO, K. (org.). (Org.). **Psicologia do Esporte: teoria e prática**. 2.e.d. São Paulo: Ed Casa do, 2010. p. 77-89.
- ALMEIDA, M. *et al.* The impact of the COVID-19 pandemic on women's mental health. **Archives of Women's Mental Health**, v. 23, n. 6, p. 741-748, 2020. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33263142/>. Acesso em 21 Mar 2022.
- ALTMANN, H. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo, Cortez, 2015.
- ANGELO, L; NOCE, F. Campos de Atuação. In: CONDE, E. *et al.* (org.). **Psicologia do esporte e do exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção**. Pasavento, 2019. p. 49-64.
- BARREIRA, C. R. A.; TELLES, T. C. B.; FILGUEIRAS, A. Perspectivas em psicologia do esporte e saúde mental sob a pandemia de COVID-19. **Psicologia: Ciência & Profissão**, v. 40, e243726, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/6xPYZztbk8XknXr8QWhdQH/?lang=pt>. Acesso em: 17 jan 2023.
- BARRETTO, R. S.; MONTEIRO, L. S. Maternidade, trabalho e temporalidade: diálogos relevantes na Covid-19. In: SOUTO-MARCHAND *et al.* (org.). **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade**, volume 1: Artigos produzidos durante a Pandemia de Covid- 19 em 2020 [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: <http://www.editorafi.org>. Acesso em: 05 fev 2023.
- BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em *snowball* (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, v. 22, n. 1, 2021. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/empresarial/article/view/8346>. Acesso em: 15 jan 2023.
- BONFIM, A. F. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: < <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/28563> >. Acesso em: 22 ago 2022.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. 17. ed. Tradução de: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BRASIL. **Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos no Brasil. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1941. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962**. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Brasília, DF: Presidência da República, 1962. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14119.htm#:~:text=LEI%20N%204.119%2C%20DE%2027%20DE%20AGOSTO%20DE%201962.&text=Disp%20sobre%20os%20cursos%20de,regulamenta%20a%20profiss%20de%20psic%20logo.&text=Art.,de%20bacharelado%2C%20licenciado%20e%20Psic%20logo. Acesso em: 10 abr. 2021.

BRASIL. **Deliberação CND nº 07/1965**. Baixa instruções às Entidades Desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1965. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2962672/pg-33-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-02-09-1965>. Acesso em 13 mai. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm. Acesso em: 10 abr. 2021.

BRASIL, **Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004**. Institui a Bolsa-Atleta. Brasília, DF: Presidência da República, 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.891compilado.htm. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRASIL. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO–2010**. 3. ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. Disponível em <https://cbo.mte.gov.br/cbosite/pages/downloads.jsf>. Acesso em: 10 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Quinquagésima Nona Reunião Extraordinária, realizada nos dias 06 e 07 de abril de 2016, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, pela Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, pelo Decreto nº 5.839, de 11 de julho de 2006 [...]. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 24 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020**. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2020a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/portaria-188-20-ms.htm. Acesso em: 15 jan 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia de Vigilância Epidemiológica: Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional pela Doença pelo Coronavírus 2019**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020b. Disponível em:

https://portalarquivos.saude.gov.br/images/af_gvs_coronavirus_6ago20_ajustes-finais-2.pdf. Acesso em: 19/02/2021.

CAMILO, J. A. O.; RAUCCI, G. Z.; FURTADO, R. N. Meanings of the postponement of the Tokyo 2020 Olympic Games for Brazilian Olympic athletes. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, n. 46, p. 330-339, 2022. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8547048>. Acesso em: 19/11/2022.

CAPRARO, A.M. A breve história social do esporte: dialogando com Norbert Elias e Eric Hobsbawm. *In*: Gaertner, G. (org.). **Psicologia e ciências do esporte**. Curitiba: Juruá, 2009. p. 15-25.

CARVALHO, C. A.; JACÓ-VILELA, A. M. Psicologia do Esporte no Brasil em dois tempos: uma história contada e uma história a ser contada. *In*: XV Encontro Nacional da Abrapso, 2009, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: 2009. p. 1-7. Disponível em:

http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/206.%20psicologia%20do%20esporte%20no%20brasil%20em%20dois%20tempos.pdf. Acesso em: 09 jul 2022.

CARVALHO, C. A. A Psicologia como ciência do esporte e do exercício no Brasil. *In*: CONDE, E. *et al.* (org.). **Psicologia do esporte e do exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção**. Pasavento, 2019. p. 15-32.

CARVALHO, M. J. Estado de Emergência: paralisação do desporto. *In*: CORREIA, A.; BISCAIA, R.; PEDRAGOSA, V. (coord.), **Crônicas COVID-19: Gestão do Desporto em Tempos de Crise**. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2021. p. 19-21.

Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/4962/1/Cronicas%20COVID-19%20-%20texto%20integral.pdf>. Acesso em: 12 mar 2023.

CHEN, P *et al.* Coronavirus disease (COVID-19): The need to maintain regular physical activity while taking precautions. **Journal of sport and health science**, v. 9, n. 2, p. 103, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.jshs.2020.02.001>. Acesso em 14 mar 2023.

CIDADE, R. E.; ROCHA, M. B. F. A Mulher e o Esporte: O processo Civilizador e o Envolvimento Feminino nos Esportes. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO, 8, 2004. Disponível em:

<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anas8/artigos/RuthEugeniaCidade.pdf>. Acesso em 20 abril. 2021.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). **Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism**. 2015. Disponível em:

https://stillmed.olympic.org/Documents/Commissions_PDFfiles/Medical_commission/2015-11_ioc_consensus_meeting_on_sex_reassignment_and_hyperandrogenism-en.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). **Gender equality & inclusion Report** 2021. 2022. Disponível em www.olympics.com/ioc/gender-equality . Acesso em 20 abril 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE LEVANTAMENTO DE PESOS-CBLP. **Campeonato brasileiro adulto de levantamento de pesos 2023**. CBLP, 2023. Disponível em: <https://www.cblp.org.br/wp-content/uploads/2023/04/Convocat%C3%B3ria-Campeonato-Brasileiro-Adulto-2023-1.pdf> . Acesso em: 10 abr 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CPF nº 010/2005**. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: CFP, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução nº 013, de 14 de setembro de 2007**. Institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Brasília: CFP, 2007. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf. Acesso em 25 jan. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução nº 3, de 16 de março de 2022**. Institui condições para concessão e registro de psicóloga e psicólogo especialistas; reconhece as especialidades da psicologia e revoga as Resoluções CFP nº 13, de 14 de setembro de 2007, nº 3, de 5 de fevereiro de 2016, e nº 8, de 25 de abril de 2019. Brasília: CFP, 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-3-de-16-de-marco-de-2022-386760566>. Acesso em 25 jan. 2022.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ (CRP 08). **Cartilha psicologia do esporte no contexto da Covid-19**. Curitiba: CRP-08, 2020 Disponível em: <https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Cartilha-1-Psicologia-do-Esporte-Final.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

CRUZ, I; SILVA, P; GOMES, P. B. **Deusas e guerreiras dos Jogos Olímpicos**. Lisboa: Comissão para Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 2013. Coleção fio de ariana, 2.ed.

DI PIERRO, C. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do Ironman. **Revista brasileira de psicologia do esporte**, v.1, n.1, p. 01-22, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100003. Acesso em: 19 fev. 2021.

EPIPHANIO, E. H.; BATISTA, R. P. R. Por uma atuação em psicologia do esporte para além da performance. In: CAMILO, J.A.O; RUBIO, K. **Trabalho e esporte: precariedade, invisibilidade e desafios**. São Paulo, Képos. 2020. p. 294-316.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: **Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 231-249.

FRANCISCO, W. V.; RUBIO, K. Lésbicas no esporte olímpico: uma história de indiscrições midiáticas que se repete no Brasil. In: RUBIO, K. (org.) **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. São Paulo: Laços, 2021. p. 51-62.

GARCIA, R. P.; CRESPO, J. A. Mulheres e esporte: entre avanços e desafios. *In*: MEDEIROS, C.; LACERDA, A. (org.). **Esporte, saúde mental e sociedade**. Pasavento, 2020. p. 175-188.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. As recomendações para a participação de atletas transgênero no esporte. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/81355>. Acesso em: 20 ago 2022.

GEBARA, A. História do Esporte - Novas Abordagens. *In*: PRONI, M; LUCENA, R. F. (org.). **Esporte história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p. 5-29.

GIL, A. C. **Método e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIORGI, A. Método psicológico fenomenológico: alguns tópicos teóricos e práticos. **Revista Educação**, v. 24, n. 4, p. 133-150, 2001.

GIORGI, A.; SOUSA, D. **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina**: imagem de mulher na Revista Educação Física. 1999. 152 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2709>. Acesso em: 19 mar 2022.

GOELLNER, S. V. Mulher, olimpismo e desempenho. *In*: FÓRUM MULHER E ESPORTE, 3, 2004; FORUM INTERNACIONAL MULHER E ESPORTE, 1, 2004, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Aleph, 2004. v. 1. p. 41-47. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/lapse/wp-content/uploads/anais/mulhereesporte.pdf#page=57>. Acesso em: 16 maio 2021.

GOELLNER, S. V. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, [S. l.], n. 108, p. 29-38, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/118235>. Acesso em: 15 maio. 2021.

HUSSERL, E. **A ideia da Fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989. 133 p.

INTERNATIONAL WEIGHTLIFTING FEDERATION – IWF. **Technical and Competition Rules & Regulations**. Hungary: IWF, 2022. Disponível em: https://iwf.sport/wp-content/uploads/downloads/2020/01/IWF_TCRR_2020.pdf. Acesso em: 12 mar 2023.

JOST, R.; FERNANDES, B.; SOBOLL, L. A subjetividade do trabalhador nos diversos modelos de gestão. *In*: SOBOLL, L; FERRAZ, L. (org.) **Gestão de Pessoas**: armadilhas da organização do trabalho. São Paulo: Atlas, 2014. p. 48-66.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MAIOR, G. M. M.; MAIOR, J. L. S. Trabalho e esporte: uma contribuição à consciência de classe do atleta profissional. *In*: CAMILO, J. A. O.; RUBIO, K. (org.). **Trabalho e esporte**: precariedade, invisibilidade e desafios. 1 ed. São Paulo: Laços, 2020, v. 1, p. 23-38.

MARANHÃO. **Decreto nº 35677 de 21/03/2020**. Estabelece medidas de prevenção do contágio e de combate à propagação da transmissão da COVID-19, infecção humana causada pelo Coronavírus (SARS-CoV-2). Diário Oficial do Estado do Maranhão, Ano CXIV nº 001, São Luís, MA, p. 01.

MASSINI, M. Métodos de Investigação em História da Psicologia. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 100-108, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v4n2/v4n2a03.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MATIAS, T.; DOMINSKI, F. H.; MARKS, D. F. Human needs in COVID-19 isolation. **Journal of health psychology**, v. 25, n. 7, p. 871-882, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1359105320925149>. Acesso em: 14 mar. 2023.

MATOS, M. I. S. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. *In*: MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 107-127.

MATTOS, A. R.; CIDADE, M. L. R. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 5, p. 132-153, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17181>. Acesso em: 14 mar. 2022.

MCGANNON, K. R. *et al.* (De) Constructing Paula Radcliffe: exploring media representations of elite running, pregnancy and motherhood through cultural sport psychology. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 13, n. 6, p. 820-829, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1469029212000842> . Acesso em: 16 jul. 2022.

MELO, H. P. de; THOMÉ, D. **Mulheres e poder**: histórias, ideias e indicadores. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. 192 p.

MEZZADRI, F. M. Levantamento de Peso. *In*: **Inteligência esportiva**. Curitiba: UFPR, 2016. Disponível em: http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site_api/arquivos/levantamento-de-peso.pdf. Acesso em: 19 jan. 2023.

MUNIZ, C.; RIBEIRO, B. F. Saúde mental, saúde nutricional e desempenho esportivo: a intervenção da equipe interdisciplinar na prevenção e no tratamento de Transtornos Alimentares. *In*: MEDEIROS, C.; LACERDA, A. (org.). **Esporte, Saúde Mental e Sociedade**. 1 ed. São Paulo: PASAVENTO, 2020. p. 163-174.

NEVES, T. G. **Os primórdios do halterofilismo e fisiculturismo no Brasil**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação Física, Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. 63p. Disponível em:

<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/70315#:~:text=Na%20d%C3%A9cada%20de%201940%2C%20nasce,esportes%20no%20Pa%C3%ADs.%20...>>. Acesso em: 12 mar 2023.

NOAL, D.; PASSOS, M. F. D.; FREITAS, C. M. (org). **Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf. Acesso em: 19 fev. 2021.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E. H. L.; TUBINO, M. J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Rev. bras. Ci e Mov**, v. 16, n. 2, 2008. Disponível em: <http://ceve.org.br/biblioteca/a-insercao-historica-da-mulher-no-esporte/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

OLIVEIRA, E. N. P.; MOITA, D. S.; AQUINO, C. A. B. O empreendedor na era do trabalho precário: relações entre empreendedorismo e precarização laboral. **Rev. psicol. Polít.**, v. 16, n. 36, p. 207-226, ago 2016. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 mai. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS. **Gendered health analysis: COVID-19 in the Americas**. Washington, DC: OPS, 2021. Disponível em:

<https://iris.paho.org/handle/10665.2/55432>. Acesso em: 12 mar. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE-OMS. **Relatório sobre a Saúde no mundo 2001**. OPAS; OMS, 2001. Disponível em:

<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0205.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE-OMS. **World mental health report:**

transforming mental health for all. OMS, 2022. Disponível em:

<https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acesso em: 09 fev. 2023.

PACOTILHA. **Notícia veiculada em 04 de setembro de 1896**, ed. 210, São Luís, MA: Pacotilha, 1896. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/pdf/168319/per168319_1896_00210.pdf. Acesso em: 14 de outubro de 2021.

PACOTILHA. (1881-1938). **União Velocipédica Maranhense**: notícia veiculada em 30 de agosto de 1900, ed. 206, São Luís, MA: Pacotilha, 1900. p. 03. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/pdf/168319/per168319_1900_00206.pdf. Acesso em: 14 de outubro de 2021.

PACOTILHA. **Colégio de São Luiz e Liceu os vencedores da noite de ontem**. Notícia veiculada em 30 de set de 1958, ed. 290. Maranhão: Jornal Pacotilha: O Globo (MA) -1949-1962, 1958. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=123846&pasta=ano%20196&pesq=&pagfis=8831>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

PACOTILHA. **Notícia veiculada em 12 de janeiro de 1961**, ed. 0010. Maranhão: Jornal Pacotilha: O Globo (MA) -1949-1962, 1961. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=123846&pasta=ano%20196&pesq=&pagfis=11633>. Acesso em: 14 de outubro de 2021.

PELLINO, V. C. *et al.* Effects of the lockdown period on the mental health of elite athletes during the COVID-19 pandemic: A narrative review. **Sport Sciences for Health**, v. 18, n. 4, p. 1187-1199, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11332-022-00964-7>. Acesso em 09 mar 2023.

PEREIRA, A. B. A mulher e o esporte: do desafio da desigualdade ao desacerto com as questões de gênero. In: RÚBIO, K.; CAMILO, J. A. de O. (org.). **Psicologia Social do Esporte**. São Paulo: Kepós/Laços, 2019a. p. 37-65.

PEREIRA, A. B. Perspectivas históricas e sociais. In: CONDE, E. *et al.* (org.). **Psicologia do esporte e do exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Pasavento, 2019b. p. 33-47.

PIERI, R. D. V.; GARCIA, R. P. Aspectos do cuidar na Psicologia do Esporte. In: MEDEIROS, C.; LACERDA, A. **Esporte, saúde mental e sociedade**. Passavento, SP. 2020. p. 55-67.

PIRES, B. S.; CARVALHO, C. A. Craques da resistência: O Futebol Feminino em São Luís, Maranhão. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 9, n. 2, p.164 - 178, jul. 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbpe/article/view/10109>. Acesso em: 14 mai. 2021.

PRIVADO, T. D. L. **Psicologia e esporte: a experiência do crossfiteiro no Maranhão**. 2022. 115 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia/CCH) - Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2022.

PRONI, M.W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. (org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p. 31-61.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**. Porto Alegre, v. 5, n. 11 p. 50-56, 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2484/1134>. Acesso em: 14 mai. 2021.

RUBIO, K. Estrutura e dinâmica dos grupos esportivos. In: RUBIO, K. (org.). **Psicologia do esporte: teoria e prática**. 2 e.d. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. 478p.

RUBIO, K. Ética e compromisso social na psicologia do esporte. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. 2007, v. 27, n. 2, pp. 304-315. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v27n2/v27n2a11.pdf>. Acesso em 29 ago. 2022.

RUBIO, K. CAMILO, J. A. O. Por quê uma Psicologia Social do Esporte. In: RÚBIO, K.; CAMILO, J. A. O. (org.). **Psicologia Social do Esporte**. São Paulo: Kepós/Laços, 2019. p. 09-18.

RUBIO, K.; CAMILO, J. A. O esporte como campo de trabalho: perspectivas de uma psicologia do trabalho. *In*: CAMILO, J. A. O.; RUBIO, K. (org.). **Trabalho e esporte: precariedade, invisibilidade e desafios**. 1 ed. São Paulo: Laços, 2020, p. 41-54.

RUBIO, K. Mulheres olímpicas brasileiras: entre ser e estar atleta. *In*: RUBIO, K. (org.) **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. São Paulo: Laços, 2021. p. 15-28.

SILVA, F. A. N. da. Fenomenologia e Psicologia: uma relação epistemológica. **Psicologia & m foco**, Aracaju, Faculdade Pio Décimo, v. 2, n. 1, jan./jun. 2009.

SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, B. V. C. *et al.* Os benefícios do levantamento de peso olímpico. **RBPfEX-Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 11, n. 66, p. 377-385, 2017. Disponível em: <http://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/view/1133>. Acesso em: 02 mar 2023.

SOUTO-MARCHAND, A.S.; GALVÃO, E.; FERNANDES, M. **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade**: Artigos produzidos durante a Pandemia de Covid-19 em 2020 [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: <https://www.editorafi.org/015cientistas>. Acesso em: 02 mar. 2023.

SOARES, J. P. F.; MOURÃO, L.; MONTEIRO, I. C. Corpos dissidentes: gênero e feminilidades no levantamento de peso. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, p. 254-260, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/Nt6C8qwXVWv7JB7n5WQqFBN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de mar. 2023.

STONE, M. H. *et al.* Weightlifting: A brief overview. **Strength & Conditioning Journal**, v. 28, n. 1, p. 50-66, February 2006. Disponível em: https://journals.lww.com/nsca-scj/abstract/2006/02000/weightlifting__a_brief_overview.10.aspx. Acesso em 19 de jan. de 2023.

STRAVA; STANFORD UNIVERSITY. **Impacts of COVID-19 on Professional Athletes: A Study by Strava and Stanford University**. [S. l.]:Strava; Stanford University, 2020. Disponível em: https://blog.strava.com/wp-content/uploads/2020/10/Strava_OnePager_FINAL.pdf. Acesso em: 25 jul. 2022.

VAZ, L. G. D. O futebol em São Luís (Maranhão – Brasil): 1907-1917. **Revista Digital - Buenos Aires**, ano 9, n.2, ago. 2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd63/saoluis.htm>. Acesso em: 15 jun. 2022.

VAZ, L. G. D. **Atlas do Esporte no Maranhão**. São Luís: SEDEL-MA. 2013. 586 p. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/atlas-esporte-maranhao/>. Acesso em: 02 de mar. 2023.

VIANA-MEIRELES, L. G.; TIMBÓ, A. V.; AQUINO, C. B. Trabalho, maternidade e esporte. *In*: CAMILO, J. A. O.; RUBIO, K. (org.). **Trabalho e esporte: precariedade, invisibilidade e desafios**. 1. ed. São Paulo: Laços, 2020. p. 213-233.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2017.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)
Avenida dos Portugueses, s/n – Bacanga – 65.080-040 São Luís (MA). Fone: (98) 3272-8336

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Perfil Sociográfico

- Iniciais do nome: _____
- Data de nascimento: __/__/____
- Estado Civil: _____
- Escolaridade: _____
- Raça/cor: _____
- Quantas pessoas, incluindo você, moram em sua residência? _____
- Tem filho(s)? _____ Se sim, quantos? _____
- Pratica qual/quais modalidades? _____
- Tempo de prática _____
- Recebe Patrocínio? () Sim () Não. Se sim, qual a média em salário-mínimo?
() 1 a 3 () 3 a 5 () 6 ou mais
- Exerce outra atividade com remuneração financeira? Se sim, qual? _____

Perguntas disparadoras:

- Fale livremente de que forma durante o distanciamento social, a Pandemia da Covid-19 impactou na sua prática esportiva e/ou outras atividades físicas?
- A pandemia da Covid-19 afetou de algum modo a sua saúde mental? Se sim, fale livremente, com o máximo de detalhes, sobre este período.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)
 Avenida dos Portugueses, s/n – Bacanga – 65.080-040 São Luís (MA). Fone: (98) 3272-8336

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (Elaborado de acordo com a Resolução nº 510/2016 – CNS/CONEP e o Código de Ética Profissional do Psicólogo, nov./2014)

Você está convidada a participar como voluntária da pesquisa “Mulheres, Esporte e Saúde Mental: relato da vivência das atletas do levantamento de peso olímpico acerca das repercussões da pandemia”, que será realizada pela mestranda em Psicologia/PPGPSI -UFMA, Mauricia Paz Aguiar, sob a orientação da professora Dr^a Cristianne Almeida Carvalho – Docente do Programa de Pós-Graduação Em Psicologia (PPGPSI) e do Departamento de Psicologia - UFMA. Analisar a percepção de mulheres atletas no Maranhão quanto as repercussões da pandemia de Covid-19 em sua prática esportiva e saúde mental. Este projeto foi aprovado no aprovado pela Resolução nº 2.593/CONSEPE/UFMA, 13 de junho de 2022, sendo parte integrante dos trabalhos do Grupo de Pesquisa História da Psicologia e Psicologia do esporte (GEHPE).

Os procedimentos adotados consistem na coleta de informações por meio de uma entrevista aberta composta por duas etapas, dados de identificação e entrevista propriamente dita. Sobre sua participação destaca-se que:

A pesquisa consiste em duas etapas: a primeira refere-se ao preenchimento do questionário sociográfico e a segunda, a realização da entrevista, que será gravada (com o seu consentimento). O roteiro será disponibilizado; em seguida e, a duração da entrevista terá aproximadamente 40 minutos, ocorrendo em dia e horário previamente agendados com a participante. Será garantido o sigilo de qualquer informação que possibilite a sua identificação – na pesquisa serão utilizadas siglas ou nomes fictícios; e os resultados serão apresentados na forma de Dissertação e possíveis produções científicas podem advir.

Destaca-se ainda, que a pesquisa apresenta riscos mínimos, contudo, caso a participante sinta desconforto ou incômodo poderá interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou penalidade. Se for necessário, com vistas a amenizar ou eliminar possíveis desconfortos, a pesquisadora oferecerá páginas impressas do conteúdo e explicará novamente os procedimentos em etapas para melhor conhecimento. O benefício que este trabalho poderá trazer para a participante não é direto e imediato, mas poderá ampliar o conhecimento sobre os desafios vivenciados pelas atletas profissionais durante a pandemia de Covid-19.

Para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa você entrará em contato com a pesquisadora pelos e-mails: aguiar.maura@gmail.com e pelo telefone (98) 98838-9561. Em caso de dúvidas sobre questões éticas em relação a essa pesquisa, poderá contatar com o Comitê de Ética em Pesquisa/UFMA, localizado na Avenida dos Portugueses, s/n, Campus Universitário do Bacanga, Prédio do CEB Velho – PPPG, Bl C, sala 07, São Luís - MA ou pelo telefone 3272-8708.

Esse documento tem duas vias e você receberá uma cópia deste Termo.

Considerando os itens acima expostos, eu, _____, RG: _____, de maneira livre e esclarecida, expresseo meu interesse em participar desta pesquisa.

São Luís, _____ de _____ de 2023.

 Participante

 Pesquisadora responsável: Mauricia Paz Aguiar